



SENADO  
FEDERAL

CIDADES HISTÓRICAS  
INVENTÁRIO E PESQUISA

PARATI

*IPHAN*

EDIÇÕES DO  
SENADO FEDERAL

*Volume 84*

# CIDADES HISTÓRICAS – INVENTÁRIO E PESQUISA

## PARATI





---

CIDADES HISTÓRICAS  
INVENTÁRIO E PESQUISA

PARATI



*Mesa Diretora*  
Biênio 2007/2008

Senador Renan Calheiros  
*Presidente*

Senador Tião Viana  
*1º Vice-Presidente*

Senador Alvaro Dias  
*2º Vice-Presidente*

Senador Efraim Morais  
*1º Secretário*

Senador Gerson Camata  
*2º Secretário*

Senador César Borges  
*3º Secretário*

Senador Magno Malta  
*4º Secretário*

*Suplentes de Secretário*

Senador Papaléo Paes  
Senador João Vicente Claudino

Senador Antônio Carlos Valadares  
Senador Flexa Ribeiro

*Conselho Editorial*

Senador José Sarney  
Presidente

Joaquim Campelo Marques  
Vice-Presidente

*Conselheiros*

Carlos Henrique Cardim

Carlyle Coutinho Madruga

Raimundo Pontes Cunha Neto

---

*Edições do Senado Federal – Vol. 84*

CIDADES HISTÓRICAS  
INVENTÁRIO E PESQUISA

PARATI



*Brasília – 2007*

EDIÇÕES DO  
SENADO FEDERAL

Vol. 84

---

O Conselho Editorial do Senado Federal, criado pela Mesa Diretora em 31 de janeiro de 1997, buscará editar, sempre, obras de valor histórico e cultural e de importância relevante para a compreensão da história política, econômica e social do Brasil e reflexão sobre os destinos do país.

Projeto gráfico: Achilles Milan Neto  
© Senado Federal, 2007  
Congresso Nacional  
Praça dos Três Poderes s/nº – CEP 70165-900 – DF  
CEDIT@senado.gov.br  
[Http://www.senado.gov.br/web/conselho/conselho.htm](http://www.senado.gov.br/web/conselho/conselho.htm)  
Todos os direitos reservados

---

Cidades históricas; inventário e pesquisa : Parati. – Rio de Janeiro : IPHAN, 2007.

268 p. : il., fot., graf., mapas ; 28 x 28 cm

Bibliografia : p.

1. História. 2. Sítio urbano. 3. Centro histórico. 4. Inventário. 5. Preservação. 6. Patrimônio arquitetônico. 7. Evolução urbana. 8. Parati (RJ). I. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Brasil)

IPHAN/2007  
CDD - 363.69098121

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Noronha Santos

---

PRESIDENTE DA REPÚBLICA

*Luiz Inácio Lula da Silva*

MINISTRO DA CULTURA

*Gilberto Gil Passos Moreira*

PRESIDENTE DO INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL

*Luiz Fernando de Almeida*

CHEFE DE GABINETE

*Aloysio Antônio Castelo Guapindaia*

PROCURADORA – CHEFE

*Teresa Beatriz da Rosa Miguel*

COORDENADORA – GERAL DE PESQUISA, DOCUMENTAÇÃO E REFERÊNCIA

*Lia Motta*

COORDENADORA – GERAL DE PROMOÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL

*Thays Pessoto de Mendonça Zugliani*

DIRETORA DO PATRIMÔNIO IMATERIAL

*Márcia Genésia de Sant'Anna*

DIRETORA DO PATRIMÔNIO MATERIAL

*Sonia Rabello de Castro*

DIRETOR DE MUSEUS E CENTROS CULTURAIS

*José do Nascimento Junior*

DIRETOR DE PLANEJAMENTO E ADMINISTRAÇÃO

*Sergio Abrabão*

SUPERINTENDENTE DA 13ª SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL/MG

*Fabiano Lopes de Paula*



## ORGANIZAÇÃO

*Maria Beatriz Setubal de Rezende Silva*

## VERBETES SOBRE OS IMÓVEIS DE TIPOLOGIA EXCEPCIONAL

*Felipe Esteves Lima Maciel*

*Olinto Rodrigues dos Santos Filho* (colaboração)

## PRODUÇÃO DE MATERIAL GRÁFICO

*Laura Bahia Ramos Moure* (coordenação)

*Beatriz de Moraes Nogueira* (apoio)

*Cynthia Tarrisse* (apoio)

*Flávia Fonseca Gonçalves* (estagiária)

*Luani Mezentier Machado* (estagiária)

## REVISÃO

*Alexandra Bertola*

*Rosalina Gouveia*

## CAPA

*Ventura Design*

## PROJETO GRÁFICO

*Dupla Design*

## ADAPTAÇÃO DO PROJETO GRÁFICO

*Ventura Design*

## EDITORÇÃO ELETRÔNICA

*Ventura Design*

## FOTOS

*Arquivo Central do IPHAN – Seção Rio de Janeiro*

*Arquivo eletrônico INBI –SU*

*Biblioteca Noronha Santos do IPHAN*

## CONCEPÇÃO DO PROJETO

### **Arquitetos**

*Beatriz Adams Landau*

*Lia Motta*

*Marcia Regina Romeiro Chuva*

*Maria Beatriz Setubal de Rezende Silva*

*Maria de Fátima Oliveira Pinheiro*

## EQUIPE TÉCNICA DO INBI-SU/PARATI – DID/IPHAN<sup>1</sup>

### **Arquitetos**

*Beatriz Adams Landau*

*Laura Bahia Ramos Moure* (Monumental/ fortalecimento Institucional)

*Lia Motta*

*Maria Beatriz Setubal de Rezende Silva*

### **Documentalistas**

*Maria de Fátima Oliveira Pinheiro*

*Maria Luiza Villela* (Monumental/ fortalecimento Institucional)

### **Historiadores**

*Marcia Regina Romeiro Chuva*

*Luis Cristiano Andrade* (Monumental/ fortalecimento Institucional)

### **Analista de Sistemas**

*Adão Paulino da Silva* (Monumental/ fortalecimento Institucional)

### **Auxiliares técnicos**

*Beatriz de Moraes Nogueira* (estudante de arquitetura)

*Cynthia Tarrisse* (estudante de arquitetura)

*Deborah de Moraes Ribeiro Soares* (estudante de arquitetura)

*Hugo Geraldo de Lima* (apoio de informática)

*José Carlos Nunes dos Santos* (digitador)

### **Cartógrafa**

*Dulce Vidigal do Amaral*

## SUPERVISÃO DOS LEVANTAMENTOS DE CAMPO – IPHAN

*Júlio César Neto Dantas* – Escritório Técnico de Parati da 6ª Superintendência Regional

## PARCERIA PARA A CONTRATAÇÃO DOS PESQUISADORES DE HISTÓRIA NO RIO DE JANEIRO

*Fundação Universitária José Bonifácio – UFRJ*

---

1 Inventários realizados no período de 2000 a 2003 pelo antigo Departamento de Identificação e Documentação – DID/IPHAN, com apoio do programa Monumenta e da UNESCO, no âmbito do projeto de Fortalecimento Institucional do IPHAN.

## AGRADECIMENTOS

*Célia Corsino* – responsável pela institucionalização do INBI-SU no IPHAN, como Diretora do DID.

*Márcia Sant’Anna e Catarina e Eleonara Ferreira da Silva* – colaboradoras para a implantação do INBI-SU em nível nacional, como técnicas do DID.

*Antônio Carlos de Souza Lima* – responsável pela viabilização da contratação da FUJB, como professor do Museu Nacional da UFRJ.

## EXECUÇÃO DOS LEVANTAMENTOS DE CAMPO, SISTEMATIZAÇÃO DOS DADOS COLETADOS E PESQUISA HISTÓRICA

### **Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Gama Filho – UGF**

#### **Coordenação geral:**

*Prof<sup>a</sup> Ms. Cristina Malafaia Caetano Stramandinoli*

*Prof. LD. William Seba Mallmann Bittar*

#### **Professores:**

*Ayrton Machado Rodrigues*

*Denise Cristina Monetto S. Ferreira*

*Siva Alves Bianchi*

*Tanya Argentina Cano Colado*

#### **Alunos:**

*Alessandra Cocchiarelli da Silva*

*Alex Brando de Mello*

*Alexandra Albuquerque Silva*

*Aline Meirelles Duarte*

*Aloysio Itajahy Dantas*

*Ana Paula da Silva Costa Gonçalves*

*Anna Karla Moreira Ribeiro*

*Antonio Miguel da Costa Junior*

*Beatriz de Moraes Nogueira*

*Carla Barroso Pinheiro de Faria*

*Carla Carvalho de Lima*

*Carlos Eduardo da Paz Abreu*

*Cid Ghidetti Spinassé*

*Cláudia Aline R. V. Mesquita*

*Danielle Pereira*

*Débora Raquel Martins*

*Deborah de Moraes Ribeiro Soares*

*Fabiane Maldonado*

*Fabiola Santos Teles*

*Fabrcio Barbosa Freitas*

*Gustavo Jucá Ferreira Jorge*

*Isis Serpa França*

*Joana Marchiori Coimbra*

*Josane Alves dos Santos*

*Juliana Mussalam*

*Karla Khalil Viana*

*Luiz Carlos de Silva Bina Filho*

*Luiz Cláudio Campello da Rocha*

*Márcia Lopes de Moura*

*Maria Audara Emanuel de Souza*

*Michelle dos Santos Raick*

*Murilo Antonio da Cunha Freire*

*Nathália Pires Ohana*

*Nilce Regina Faller Fornasier Poubel*

*Orestes Diniz Cambraia Neto*

*Patrícia Dias F. Barbosa*

*Regina Barbosa Marini*

*Rita Ribeiro*

*Roberto José Tavares Muniz de Oliveira*

*Rogério Rocha Pereira*

*Rone de Souza Rigaud*

*Sandra Maria Nascimento de Marros*

*Tatiana de Souza Gabriel*

*Thaís Fernandes Arguelho*

*Maquete eletrônica:*

*Cid Ghidetti Spinassé*

*Fabrcio Barbosa Freitas*

*Gustavo Jucá Ferreira Jorge*

*Luiz Carlos de Silva Bina Filho*

*Marcio Menezes Lopes*

*Thiago Santos de Brito*

### **Parceria para execução dos levantamentos de campo em Parati**

*Colégio Estadual Mário Moura Brasil do Amaral – Cembra*

### **Pesquisa histórica**

1ª etapa – levantamento de fontes

*Frederico Coelho*

2ª etapa – levantamento de fontes e texto preliminar:

*Carmem Margarida Oliveira e Leila Bianchi Aguiar*

3ª etapa – conclusão dos levantamentos e texto final:

*Mônica Lima*

### **Verbetes sobre os imóveis de tipologia excepcional**

*Felipe Esteves Lima Maciel*



.....

*N*o ano em que Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) festeja 70 anos do trabalho de preservação do patrimônio cultural e o Conselho Editorial do Senado Federal completa 10 anos de atividades, lançamos esta coleção *Cidades Históricas – Inventário e Pesquisa*.

*A coleção apresenta parte da pesquisa sistemática realizada pelo IPHAN através do Inventário Nacional de Bens Imóveis em Sítios Urbanos (INBI/SU). Criado na década de 80 o INBI/SU foi elaborado para apoiar as ações de conservação, restauração, promoção e gestão do patrimônio urbano tombado.*

*Os três primeiros volumes apresentam o INBI/SU – Manual de Preenchimento, Tiradentes e São Luís. Nos próximos volumes a coleção divulga os inventários de Parati, Praça XV (Rio de Janeiro), Belém, Ouro Preto, Mariana e Petrópolis.*

*Com Cidades Históricas – Inventário e Pesquisa o Conselho Editorial do Senado e o IPHAN divulgam uma parcela do trabalho necessário à preservação do patrimônio cultural e informações sobre oito cidades. Além disso, estimulam novas pesquisas, estudos e ações de preservação do patrimônio urbano brasileiro, que hoje conta 65 sítios urbanos tombados pelo Iphan.*



.....  
*Sumário*

Apresentação  
*pág. 15*

PESQUISA HISTÓRICA

PARATI

Antigas denominações  
*pág. 17*

1630 – 1646: Povoado de São Roque  
*pág. 23*

1646 – 1702: Freguesia / Vila de Nossa Senhora  
dos Remédios  
*pág. 25*

1702 – 1726: posição comercial estratégica e  
diversificação social  
*pág. 27*

1726 – 1790: adensamento do núcleo  
*pág. 31*

1790 – 1822: ordenação do espaço urbano  
*pág. 35*

1822 – 1861: crescimento populacional e  
ampliação dos limites  
*pág. 41*

1861 – 1922: a estagnação de Parati  
*pág. 45*

1922 – 1945: tentativas de recuperação e a  
modernidade incipiente  
*pág. 49*

1945 em diante: a cidade sob a  
gestão patrimonial  
*pág. 51*

Cronologia  
*pág. 55*

DADOS COMPLEMENTARES  
À PESQUISA HISTÓRICA  
*pág. 57*

Dados dos Imóveis  
*pág. 69*

Imóveis com Tombamento Individual  
*pág. 249*

Referências Bibliográficas  
*pág. 259*

Índice de Ilustrações  
*pág. 265*

.....

## *Apresentação*

A série CIDADES HISTÓRICAS – INVENTÁRIO E PESQUISA reúne os resultados dos inventários realizados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional nas cidades tombadas. Esta é uma oportunidade de dar a conhecer ao público um pouco dos trabalhos de rotina do IPHAN, divulgando o modo pelo qual a instituição conduz suas ações para a preservação do patrimônio protegido.

O projeto Inventário Nacional de Bens Imóveis em Sítios Urbanos (INBI/SU) foi criado para apoiar os trabalhos de preservação, pela aplicação e consolidação de um método que reúne e sistematiza dados coletados a partir de levantamentos de campo, de levantamentos de fontes documentais e sobre a história de atuação do IPHAN nessas cidades.

O trabalho realizado pioneiramente na cidade de Tiradentes, em Minas Gerais, teve a função de testar o método com relação aos procedimentos para as pesquisas de campo e de fontes documentais, com o desenvolvimento oncomitante de banco de dados, mas, sobretudo, para avaliar a sua eficácia quanto à produção de conhecimento, visando subsidiar as ações de preservação em sítios urbanos.

A experiência-piloto mostrou-se válida porque permitiu a proposição de critérios e normas de intervenção para a cidade, que estão em vigor até hoje. Mas para além disso, todas as experiências de inventários nas cidades de Mariana, Ouro Preto, Parati, Rio de Janeiro – área da Praça XV, Petrópolis, São Luís e Belém, que integram esse primeiro conjunto de publicações da série Cidades Históricas – Inventário e Pesquisa, promoveram o envolvimento dos moradores, usuários, estudantes e instituições, que participaram do projeto, com a produção de conhecimento sobre esse patrimônio urbano. Foram rea-



*lizadas entrevistas e visitas em cada imóvel para a realização de levantamentos físico-arquitetônicos, reuniões prévias com a comunidade sobre os objetivos do trabalho, treinamento das equipes que realizaram os levantamentos, etc. – num trabalho de sensibilização e promoção dos conteúdos e sentidos do patrimônio.*

*Este volume reúne as informações coletadas sobre o sítio urbano de Parati/RJ e está organizado da seguinte forma:*

*“Pesquisa histórica” – A pesquisa pretendeu a compreensão dos sítios urbanos tombados a partir da sua relação com o território e o contexto histórico de sua formação. Dirigida no sentido de responder às indagações que surgem do tecido urbano, dos tipos de ocupação, dos tipos de arquitetura, orienta as hipóteses de interpretação das características formais dos sítios.*

*O texto final apresentado neste volume é resultado de três etapas de pesquisa. Na 1ª etapa promoveu-se o levantamento das fontes de interesse nas instituições nacionais de pesquisa do Rio de Janeiro, com o objetivo de, a partir desse levantamento preliminar, elaborar uma primeira cronologia sobre a formação urbana da cidade de Parati, para objetivar a busca de fontes complementares nas instituições regionais.*

*Na 2ª etapa fez-se o levantamento complementar nas instituições sediadas em Parati e nas instituições estaduais no Rio de Janeiro, que resultou na elaboração de um primeiro texto de consolidação da pesquisa.*

*A 3ª e última etapa da pesquisa foi elaborada sob coordenação dos historiadores e arquitetos do DID, no Rio de Janeiro, de forma concomitante para as cidades inventariadas. Organizaram-se Oficinas de História Urbana, visando garantir uma abordagem multidisciplinar e o aprimoramento do olhar sobre o patrimônio urbano, com a integração das experiências de pesquisa nas diferentes cidades.*

*Nessa etapa, complementou-se a pesquisa no Arquivo Central do IPHAN sobre a história de atuação institucional nessas cidades e, para a consolidação dos textos finais, enfatizou-se a análise da forma urbana, com o*

*tratamento crítico das fontes cartográficas e iconográficas, que permitiu a produção de mapeamentos sobre as principais fases do processo de ocupação e desenvolvimento do sítio urbano. Também promoveram-se a análise bibliográfica geral e o levantamento de dados complementares geográficos e populacionais.*

*“Dados dos imóveis” – Os levantamentos de campo – planialtimétricos, físico-arquitetônicos e entrevistas – apresentados aqui de forma resumida, foram realizados nas áreas cujo processo de ocupação remonta ao período de formação e consolidação do núcleo urbano mais antigo: são fotos, plantas de localização e de cobertura, e alguns dados textuais, provenientes do sistema de informações INBI-SU, ainda em fase de consolidação para disponibilização em ambiente Web.*

*“Imóveis de tipologia excepcional” – Fez-se um levantamento complementar sobre os edifícios tombados individualmente, que também compõem o conjunto urbano tombado – como as igrejas, as casas de Câmara e Cadeia, chafarizes, etc. – São imóveis com um programa arquitetônico especial, que em geral resulta em edifícios de grandes dimensões e de caráter monumental e diferenciado. Por essa razão, os dados desses imóveis não integram o sistema INBI-SU, para não gerar inconsistências nas análises urbanas, que visam subsidiar critérios para todo o conjunto, acerca de parâmetros como área de lote, taxa de ocupação, gabarito, etc. Aqui estão reunidos fotos, plantas de localização e verbetes históricos desses imóveis.*

*“Referências bibliográficas” – reúne todas as fontes consultadas que embasaram a pesquisa histórica e que hoje estão inseridas no sistema de informações INBI-SU, na forma de Guia de Fontes. Este guia traz, além das referências bibliográficas e arquivísticas, os resumos das fontes consultadas, a sua localização na instituição de pesquisa e a sua indexação, visando apoiar o desenvolvimento de novas pesquisas, tanto de interesse do IPHAN como do público em geral.*

.....

## *Parati*

### **Antigas denominações**

**P**ovoado de São Roque, posteriormente Vila Velha – século XVII (1ª metade)  
Vila de Nossa Senhora dos Remédios de Parati (1667)  
A denominação “Parati” aparece, com variantes (como Paratec), desde os primórdios da ocupação. O rio Perequê-açu também é chamado Paratiguaçu e, finalmente, rio Parati.

### *Fatores de ocupação*

XVII – Defesa da costa e via de contato com a área vicentina  
XVIII – Porto do ouro e produção de gêneros alimentícios  
XVIII e XIX – Produção de cachaça e gêneros alimentícios  
XIX – Produção de gêneros alimentícios e via de passagem para o Vale do Paraíba

### *Referências históricas da ocupação do território*

A história da formação do núcleo urbano de Parati encontra-se diretamente relacionada à sua localização, tanto do ponto de vista natural como do estratégico – neste caso, considerando as áreas de interesse dos primeiros colonizadores do território da América portuguesa. As condições geográficas da região de Parati foram determinantes para a escolha da ocupação do sítio. O atual município de Parati localiza-se ao sul do estado do Rio de Janeiro, ao fundo da baía da Ilha Grande, com águas marítimas calmas e cercadas de rios. Imprensada entre o litoral e a serra do Piloto, a região era freqüentada por índios guaianás desde tempos anteriores à chegada dos portugueses. Encontrava-se, também, no início da ocupação do território brasileiro por seus colonizadores, a meio caminho entre o Rio de Janeiro e São Vicente, núcleos fundamentais para o povoamento e a defesa das regiões Sudeste e Sul, além de ser entrada para o interior. Chegava-se a Parati por via marítima e desde este ponto podia-se partir pela trilha dos índios guaianás para as terras paulistas e, mais tarde, para a região das minas gerais.



*América do Sul, incluindo América Portuguesa, 1641. Autor: Jansson (IUS). Janssen Jan (1588-1664). Adonias, Isa, Furrer, Bruno, Gledbill, Sabrina, Rodrigues, Glória: Imagens da formação territorial brasileira. Rio de Janeiro, Fundação Emílio Odebrecht, 1993. página 38. Mapa manuscrito em que foram assinaladas as Capitânicas do Rio de Janeiro e de São Vicente no território da América Portuguesa. Parati se situava do meio do caminho que, por via marítimo-terrestre, ligava estes importantes núcleos de povoamento no início da conquista.*



Detalhe do mapa acima, em que se podem ver assinaladas a Vila de Angra dos Reis e a Ilha Grande, junto ao traçado do Trópico de Capricórnio. Neste momento, Parati ainda não fora fundada, o que existia era a Povoação de São Roque, na Ponta da Defesa (atual Morro do Forte), marco inicial da ocupação da região.

Os guaianás mantiveram estreitas relações com os primeiros conquistadores, marcadas tanto por conflitos como por colaboração – através do fornecimento e transporte de gêneros de abastecimento e no apresamento de cativos<sup>2</sup>. Estas atividades desenvolvidas pelos indígenas tornaram possível o conhecimento dos caminhos para o interior e a ocupação de áreas não-litorâneas de importância estratégica no assenhoreamento português sobre as terras do chamado Sertão. Os guaianás ensinaram aos colonos várias trilhas, incluindo a que saía de Parati e alcançava o interior da capitania de São Vicente, pela serra do Facão.

O primeiro povoamento realizado por população não indígena ocorreu no morro localizado ao lado de uma planície, conhecido como morro da Vila Velha e, posteriormente, morro do Forte Defensor Perpétuo, na primeira metade do século XVII. O povoamento chamava-se São Roque. A escolha do morro para a ocupação foi feita seguindo os moldes de escolha dos primeiros povoamentos coloniais, com o intuito de melhor se defender de ataques inimigos, indígenas ou estrangeiros.

Após a instalação do primeiro povoado, a população desceu o morro, por volta de meados do século XVII e ocupou

a planície logo abaixo onde ainda hoje está estabelecida, entre os dois rios Perequê-açu e Patitiba. Estes dois rios foram fundamentais no sentido de viabilizar o abastecimento de água ao povoamento, como também para fazer a ligação com o interior da região. Porém, o deslocamento para a planície resultou, sobretudo, da necessidade de se fundar um cais que servisse de apoio aos barcos que faziam a ligação entre o Rio de Janeiro e as vilas do litoral paulista.

Parati era uma vila entre dois rios, e estes funcionaram como balizadores na sua formação urbana. Sua primeira função foi a de servir como entreposto entre Rio de Janeiro e São Paulo, e a povoação permaneceu nos limites da planície até o início do século XIX, quando se expandiu em direção ao Pontal, a região ao pé do morro no qual se instalara primeiramente.

Com a descoberta do ouro nas Minas Gerais em 1695, Parati tornou-se o principal acesso à região, através da trilha feita pelos índios guaianás, tendo aumentada sua importância durante o século XVIII. Mesmo com a abertura do Caminho Novo, mais curto e saindo diretamente da cidade do Rio de Janeiro, Parati consolidou a sua ocupação desenvolvendo

2 Maiores informações sobre os guaianás e outros indígenas do Sudeste, em especial do grupo guarani se encontram no trabalho de John Monteiro: “Os Guaranis e o Brasil Meridional. Séculos XVI-XVII” in Cunha, Manuela, org.: *História dos Índios no Brasil*. São Paulo, Cia. das Letras/Secretaria Municipal de Cultura/FAPESP, 1982, pp. 475-498.

intensa atividade comercial e agrícola, reforçada com a transferência da capital da colônia de Salvador para o Rio de Janeiro, dinamizando toda a economia da capitania. Embora a região não tenha extensas planícies que permitam grandes plantações, Parati sobressaiu-se ao longo do século XVIII e início do século XIX como importante região produtora de aguardente e gêneros alimentícios, desempenhando um papel fundamental nas trocas comerciais coloniais. Neste período, a produção de aguardente servia fundamentalmente para a obtenção de escravos na África<sup>3</sup>, mas também atendia aos mercados nacionais. Os gêneros alimentícios eram consumidos tanto na região de mineração assim como por viajantes – tropeiros, comerciantes – que a ela se dirigiam. Estas atividades continuaram por todo o século XIX, relacionando-se, especialmente a partir de meados do século, à economia cafeeira do vale do Paraíba, cumprindo papel semelhante. Durante toda sua história até o século XX, a função portuária e de cruzamento de caminhos marítimos e terrestres esteve relacionada às atividades produtivas de Parati.

### *História da forma urbana*

A história da formação do sítio urbano de Parati pode ser apresentada a partir da periodização que se segue, a qual foi definida segundo as características que foi assumindo ao longo do desenvolvimento das atividades que dinamizaram a vida de seus habitantes e que produziram alterações na paisagem natural e no espaço construído, desde a fundação da primeira povoação no local até o século XX.

A primeira fase (1639-1646) se refere ao período em que viajantes colonizadores formaram o povoado que deu origem ao núcleo urbano de Parati, em função da necessidade de defesa do território que estava sendo conquistado pelos portugueses e do caminho que levava à capitania de São Vicente, criado pelos índios guaianás.

A segunda fase (1646-1702) começa com o deslocamento do núcleo urbano do morro do Forte para a várzea, onde foi fundada a nova povoação, a qual se transformaria, ainda neste período, em Vila dos Remédios, com o início da construção da igreja matriz de Nossa Senhora dos Remédios. Era o tempo em que as funções portuárias de Parati como ponto de ligação entre

o Rio de Janeiro e a região paulista serão razões para a afirmação do núcleo urbano.

A terceira fase (1702-1726) se caracteriza pelo crescimento da importância estratégica de Parati como início do caminho da serra do Facão em direção à região de mineração, o que justifica a fortificação do cais da vila em 1702 – marco inicial deste momento. Neste período a atividade mineradora ganha um grande impulso, assim como a presença e circulação de pessoas na vila. O porto de Parati assume cada vez mais o papel de local de desembarque de escravos africanos.

A quarta fase (1726-1790) se inicia com a definitiva incorporação da vila à capitania do Rio de Janeiro, depois de uma longa disputa com São Paulo.<sup>4</sup> Neste período ocorreu, proporcionalmente, um maior adensamento urbano, e surgiram as igrejas que irão funcionar como elementos balizadores da hierarquia social no espaço da vila: são iniciadas obras na igreja matriz e concluídas as construções da igreja de Nossa Senhora do Rosário e Santa Rita, respectivamente dos negros (escravos) e pardos (libertos e livres) de Parati.

Na quinta fase (1790-1822), não mais sob o impulso da economia mineradora, mas vivendo prosperidade advinda da produção de aguardente, a Vila de Parati ganha obras de melhoramento e tem aprovadas as primeiras posturas para regulamentação e ordenamento de seu espaço urbano (1799). Viajantes, trazidos sob o estímulo da presença da Corte Portuguesa no Rio de Janeiro, visitam Parati e registram sobre ela observações e imagens. Neste período, a configuração do espaço urbano com sua hierarquia social e diferenciação de atividades já pode ser visualizada.<sup>5</sup>

A sexta fase (1822-1861) assiste a uma nova dimensão do crescimento urbano, motivado pela atividade da cafeicultura no vale do Paraíba, região alcançada por caminhos a partir de Parati. Este crescimento cria necessidade de regras mais detalhadas para a vida urbana e, em 1831, é aprovado o novo Código de Posturas, com normas para a construção, conservação e comportamento dos moradores de Parati. Novamente, a ativa condição portuária e de cruzamento de rotas privilegia a vila, que em 1844 é finalmente elevada à categoria de cidade.

Em contrapartida, a fase seguinte (1861-1922) caracteriza-se pela estagnação de Parati, motivada em grande parte

3 Segundo J. Patrick Kiernan, *op. cit.*, p. 16, 60% da aguardente produzida no Rio de Janeiro eram destinados à África.

4 Segundo Marisa Soares, esta decisão resulta em grande parte dos interesses dos negociantes de escravos e da Coroa, que têm no Rio de Janeiro a sede de suas atividades e dos órgãos de controle sobre a circulação de ouro.

5 Neste sentido, ver trabalho de J. Kiernan. *Op. cit.* (Cap. II) com base nos inventários e testamentos deste período.

pela perda da sua função primordial, a partir da construção, encerrada em 1863, da estrada de ferro ligando o Rio de Janeiro ao vale do Paraíba. Há um declínio nas atividades urbanas e um provável declínio demográfico.

A oitava fase (1922-1945) se inicia com a iluminação elétrica do Jardim Público da cidade, simbolizando a chegada da modernidade e sinalizando o novo lugar que Parati passaria a ocupar, ao valorizar a sua paisagem urbana. No final deste período, Parati é elevada a monumento histórico estadual (1945), marco de um processo que levaria a um revigoreamento da cidade, sob novas bases.

A seguinte e última fase desta periodização (1945 em diante) é o tempo em que o conjunto histórico, arquitetônico e paisagístico de Parati se encontra sob gestão patrimonial, vivenciando o processo de tombamento pelo IPHAN (1958) e a sua elevação a Monumento Nacional (1966). Nesta fase, as funções portuárias e de cruzamento de rotas comerciais, tão características da sua formação urbana, são substituídas em importância por um novo papel, turístico e simbólico, do ponto de vista da história e da cultura brasileiras, revalorizadas nestes novos tempos.

Na década de 1970, com a construção da estrada Rio-Santos, a cidade passou a receber um fluxo muito maior de visitantes, iniciando um processo de grandes transformações na sua estrutura urbana. Surgem pousadas, restaurantes, bares, lojas e diversos serviços para atendimento dos turistas, ocupando sobretudo o centro histórico. A área ocupada se amplia, com a construção de condomínios residenciais em regiões até então consideradas periféricas como as chácaras. Além dos visitantes, a população permanente também aumenta, em função das novas oportunidades de trabalho. A vista de Parati a partir da baía se torna um cartão postal clássico do turismo nacional, com a visão do mar tendo às margens o casario e a igreja de Santa Rita. Os festejos populares passam a integrar um calendário divulgado pela administração municipal, e, assim como os bens tombados, tornam-se atrativos da cidade. Atualmente, Parati se candidata a Patrimônio Mundial pela Unesco. O desafio dos novos tempos encontra-se em preservar estes bens, sem impedir que a cidade receba todos aqueles que, fascinados por seu patrimônio arquitetônico e paisagístico, querem circular por suas ruas, caminhos e trilhas.

Em seguida, detalham-se aspectos das fases históricas acima caracterizadas.



*Vista de Parati, com destaque para a igreja de Santa Rita, 2005.*

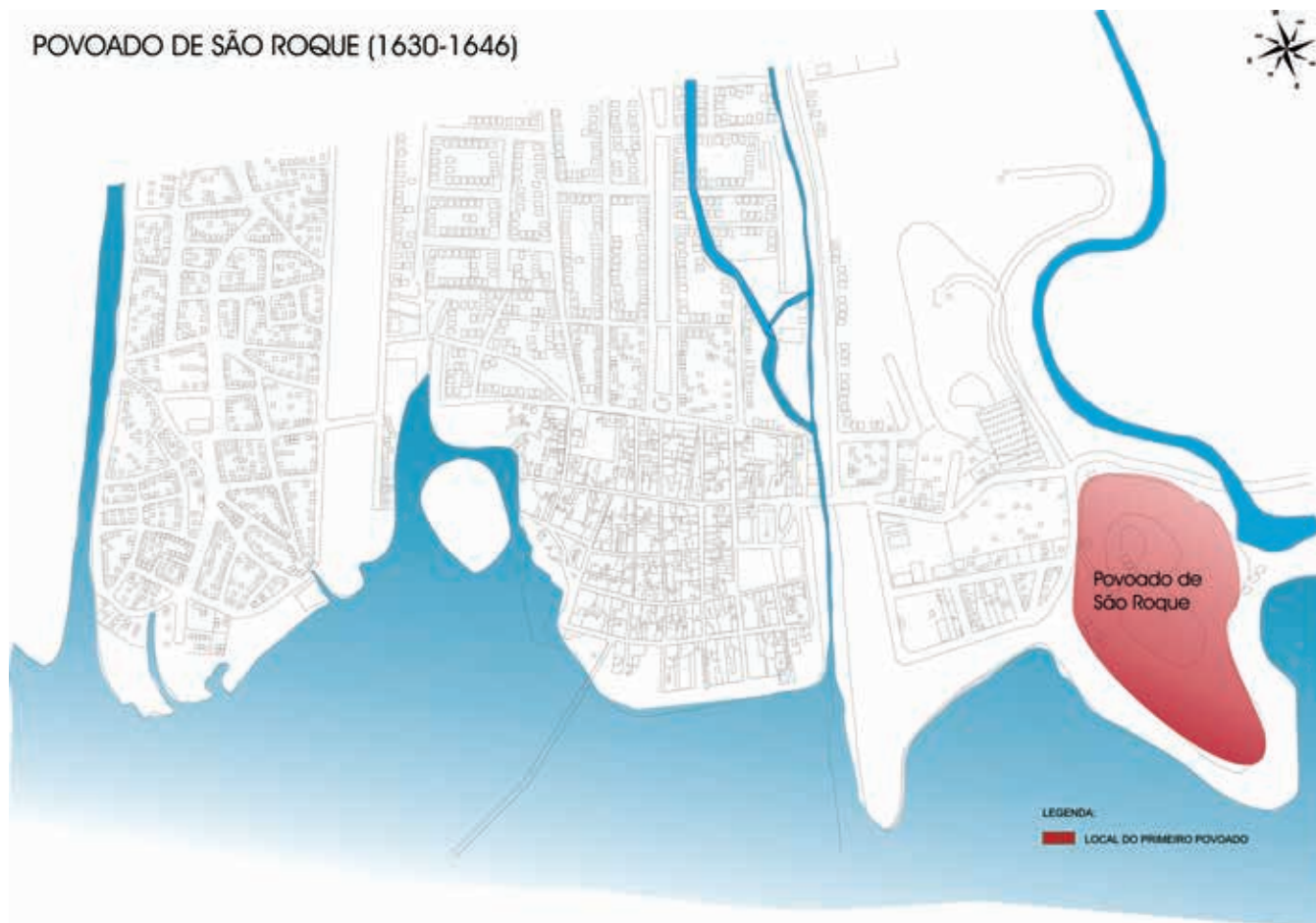


*Povoado de São Roque*

1630 –1646

A região de Parati pertenceu, de início, à freguesia de Nossa Senhora da Conceição da Ilha Grande, subordinada à paróquia dos Santos Reis Magos (Angra dos Reis), povoação formada em meados do século XVI e elevada à categoria de vila em 1593, através de Carta régia.

Não se sabe ao certo quando colonos vindos da capitania de São Vicente deram início ao povoamento da região, instalando-se no sítio elevado junto ao rio Perequê-açu, onde foi erguido um templo sob a proteção de São Roque.



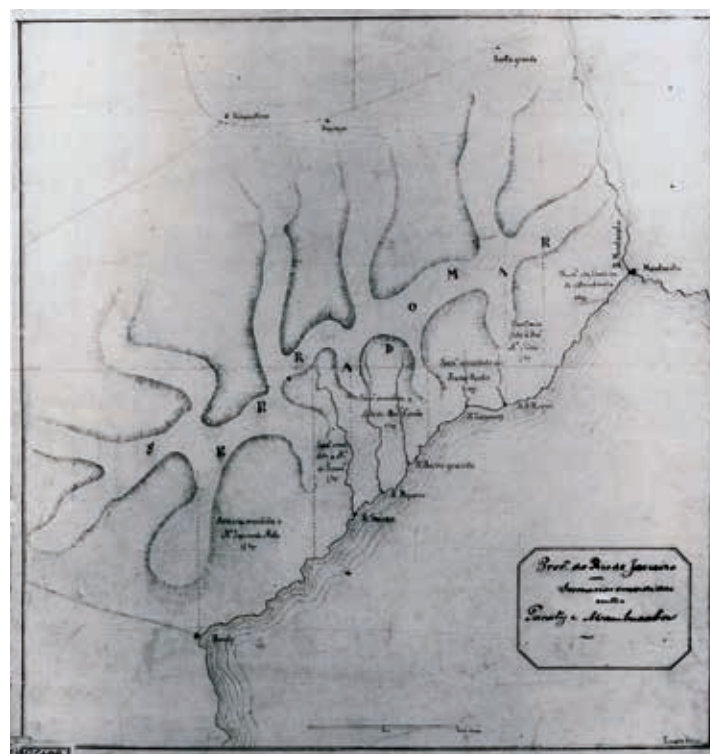
*Os primeiros povoadores ocuparam a Ponta de Defesa, local que, por sua posição estratégica, permitia a visão da baía e de possíveis invasões, sendo aí fundada uma capela dedicada a São Roque, em 1630.*



O povoado de São Roque, como passou a ser chamado, seria deslocado, a partir de 1646, para a área doada por Maria Jacomé de Melo, na várzea entre os rios Perequê-açu e Patitiba. No local, foi construída, a partir de 1652, a primeira capela, dedicada a Nossa Senhora dos Remédios.



*Distrito do Rio de Janeiro. Albernaz, João Teixeira. 1631. Carta manuscrita, aquarelada, em papel encorpado, na qual predominam os tons azul, verde e marrom fortes. O mapa traz uma vista do litoral do Rio de Janeiro, desde a baía de Guanabara até o seu limite com a enseada de Ubatuba. A Ilha Grande e sua região ocupam grande parte do mapa. É identificada a baía de Angra dos Reis com a povoação de N. Sr<sup>ta</sup>. Conceição.*



*Blake, Penaforte. Província do Rio de Janeiro: sesmarias concedidas entre Parati e Mambucaba. [Séc. 19]. 1f. O mapa representa as sesmarias concedidas na região entre Parati e Mambucaba, com os nomes dos seus respectivos sesmeiros. Destaque para a sesmaria concedida a Maria Jácome de Melo, com área de uma légua e meia, onde futuramente seria instalada a vila de Parati, em meados do século XVII. O autor ainda indica a referência de Parati.*

.....  
*Freguesia*  
*Vila de Nossa Senhora dos Remédios*

**1646 –1702**

A matriz de Nossa Senhora dos Remédios foi o primeiro edifício do poder imperial a ser construído na região. Segundo monsenhor Pizarro, em 1654, o ouvidor-geral João Velho de Azevedo afirmou que o povoado abrigava diversos malfeitores, pois não havia justiça nem câmara formada.

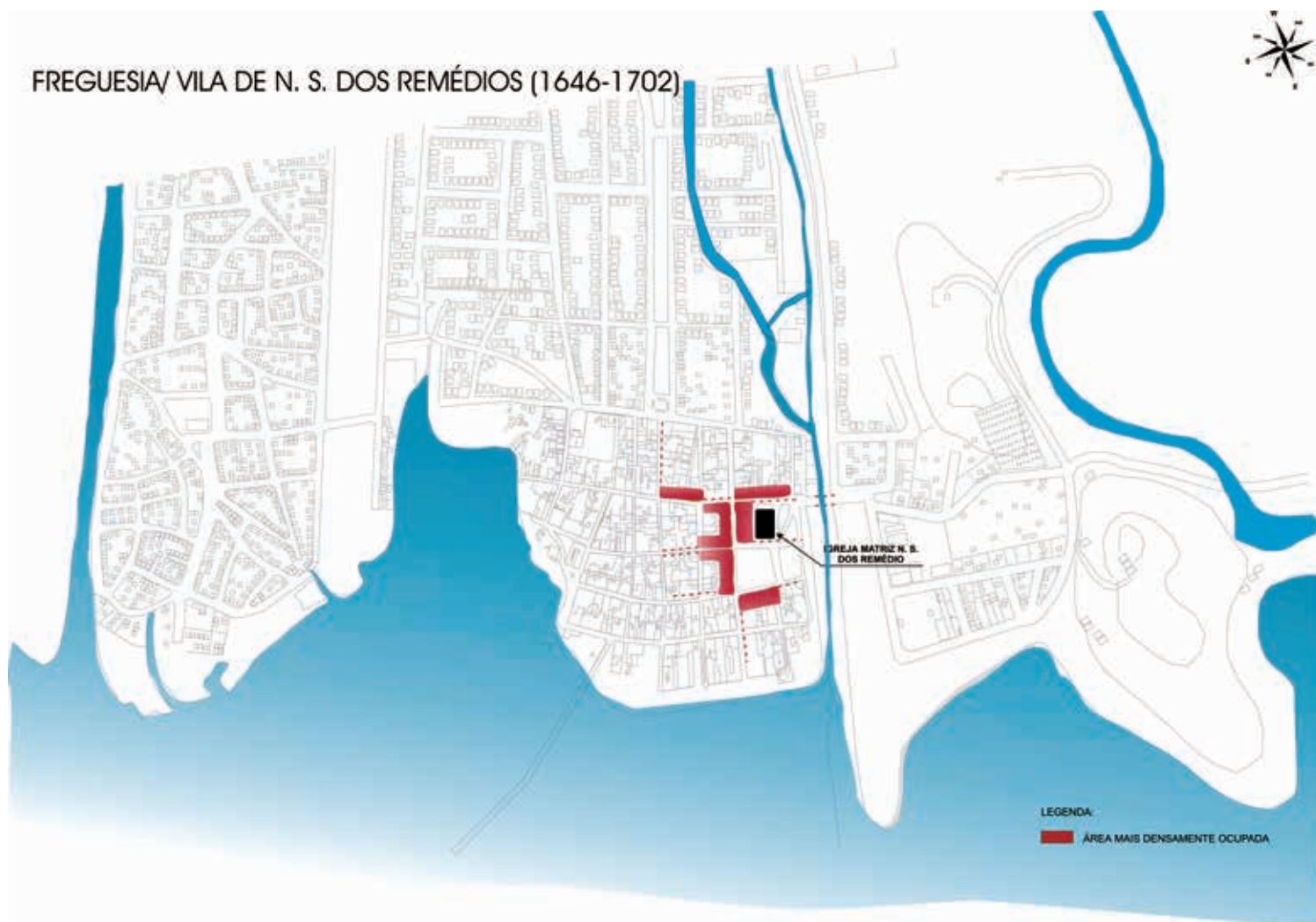
A fim de solucionar tais problemas, o capitão-mor de São Vicente e Itanhaém, Jorge Fernando da Fonseca, ordenou que se levantasse um pelourinho<sup>6</sup> no povoado. Contudo, apenas em 28 de fevereiro de 1667, o estatuto da vila foi reconhecido pela Coroa, que, paralelamente, julgou e condenou os responsáveis pela instalação do pelourinho sem a sua autorização.

Em 1679, as obras da Matriz – que, segundo a vontade da recém-instalada Câmara e da paróquia, deveria ser construída em pedra e cal – foram interrompidas por falta de recursos e retomadas somente em 1682, quando houve o madeiramento do templo, para a colocação do telhado, temporariamente feito de palha. O financiamento desta obra foi feito com esmolas obtidas entre os moradores da freguesia, assim como em outras iniciativas do gênero.

Os colmos também eram utilizados nas coberturas das demais casas, geralmente construções precárias de taipa. No final do século XVII, Parati possuía menos de 50 casas térreas. Entretanto, com a descoberta do ouro e o caminho mandado abrir por Salvador Correia de Sá, a importância da vila recrudescer. Parati passou a ser ponto de passagem para as minas, de abastecimento aos viajantes, de entrada de escravos africanos e de escoamento do ouro para a Europa. Face à sua posição estratégica, o cais da vila foi fortificado em 1702. A região já desde antes era alvo de assédio de piratas, o que, a partir deste momento, adquiriu um caráter mais grave, devido à possibilidade de acesso à região das minas.

---

6 O pelourinho simbolizaria a presença da justiça ordinária no lugar.



*A matriz de Nossa Senhora dos Remédios, cuja construção se inicia em 1646, torna-se o núcleo central do povoado que se tornou finalmente uma vila, reconhecida pela Coroa Portuguesa em 1667.*

.....

*Posição comercial estratégica e  
diversificação social*

1702 – 1726

Em virtude das novas funções, o sistema de defesa da baía foi reforçado. Em 1702, Benedito Freitas informa sobre “a construção de um reduto com uma trincheira dotada de quatro peças”<sup>7</sup>. No ano seguinte, de acordo com Milliet de Saint-Adolphe, “construíram-se dous fortes, um ao norte perto do ribeiro Piraquê-Guaçu, e outro ao sul nas vizinhanças do Patatiba”<sup>8</sup>. Em virtude da fortificação, a ponta de São Roque passou a ser chamada Ponta da Defesa, hoje morro do Forte Defensor Perpétuo.

Durante o primeiro quartel do século XVIII, as autoridades insistiam nas obras de defesa do porto. Em 1726, o governador da capitania do Rio de Janeiro, Luís Vahia Monteiro, visitou a vila de Parati acompanhado de um engenheiro e externou a sua preocupação com a quantidade de navios estrangeiros que atracavam na região, para vender e comprar mercadorias. A ocorrência o levou a recomendar a construção de um cais flanqueado para a proteção militar da vila. Assim relatou ao rei D. João V:

*e depois de vizitar a dita vila de Parati, que é a última desta jurisdição, a qual é porto de mar e se acha à margem dele situada na praia, ordenei um cais flanqueado, que pode servir de defesa no caso que os estrangeiros ou inimigos queiram fazer algum desembarque na dita vila, o que só podem conseguir, com lanchas por ser aquela enseada tão espraçada, que na vazante da maré ficam estas embarcações todas em seco, e os navios dão fundo tão afastado, que não pode com artilharia ofender a vila, cujos moradores se ofereceram a fazerem à sua custa o cais conforme a testada de cada um, cuja obra entendo aperfeiçoarão brevemente pelo gosto com que a abraçaram.*<sup>9</sup>

7 *Documentos interessantes para a história de São Paulo*, vol. XLII, pp. 3-6.

8 Saint-Adolphe, Milliet de. *In Tricentenário de Parati*, p. 71.

9 *Anais da Biblioteca Nacional*, vol. XLVI, p. 53.



*Vista do cais. Sem autor, 1949.*

Além da reorganização do sistema de defesa, novas edificações foram construídas com o objetivo de impedir o contrabando, transformando a configuração urbana de Parati. Destacase, nesse primeiro momento de fiscalização régia, o estabelecimento, em 1703, da Casa de Registro de Ouro, no alto da Serra, onde os quintos do Rei eram depositados e, posteriormente, enviados a Portugal. Em 1704, também através de uma Carta-régia, fica determinada a criação de uma oficina de cunho em Parati.<sup>10</sup>

Contudo, o caminho da serra do Facão deixou de ser utilizado majoritariamente a partir da abertura do novo caminho, iniciado por Garcia Roriz em 1701, que passava pela serra dos Órgãos e proporcionava o escoamento do ouro das Minas diretamente para a cidade do Rio de Janeiro. O “caminho velho” não foi apenas preterido, mas temporariamente proibido pela Coroa.

Não obstante o período entre 1695 e 1710 tenha marcado a circulação de ouro, pessoas e mercadorias pela vila, Parati continuou a se desenvolver posteriormente. Já em 1710, os homens de negócio do Rio de Janeiro solicitaram ao governador que reabrisse o caminho velho. O pedido foi deferido e, com isso, Parati seguiu a sua trajetória de entreposto comercial.

A formação de irmandades e a respectiva construção de templos religiosos expressavam a crescente diferenciação social da vila. As obras da igreja Matriz continuaram até 1712, quando foram concluídas. Em 1722, os pardos e pretos forros iniciaram a construção do templo devotado a Santa Rita, próximo ao cais. Os escravos negros, a partir de 1725, seguiram o mesmo exem-

plo e ergueram, em área então mais afastada, a igreja de Nossa Senhora do Rosário. O crescente número de almas fez com que a vila assumisse a condição de paróquia em 1725.



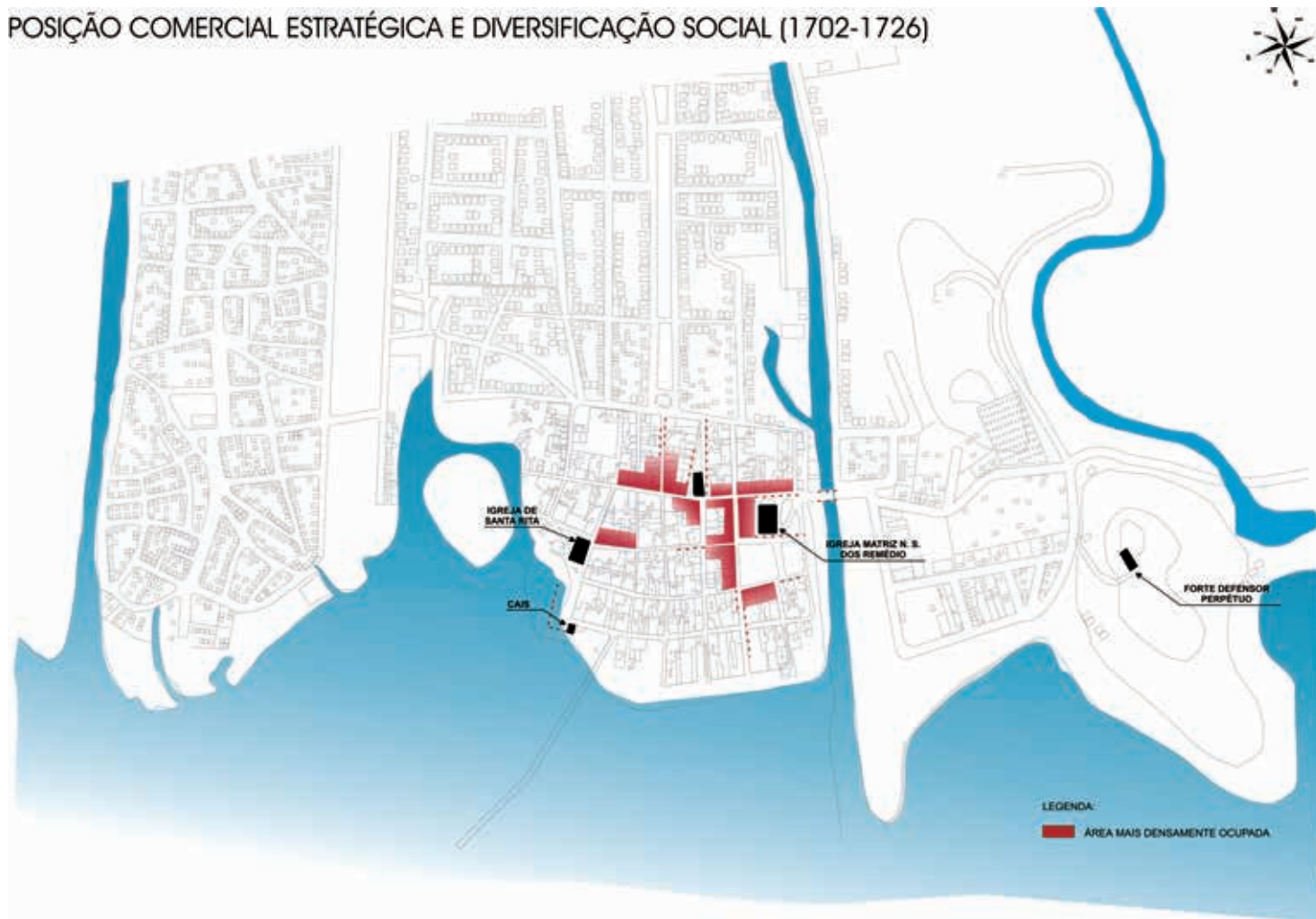
*Vista da matriz com sua lateral voltada para o rio Perequê-açu.  
Autor: Edgar Jacinto, sem data.*



*Vista da igreja de Santa Rita, com antiga cadeia pública à esquerda.  
Sem autor, sem data.*

<sup>10</sup> Arquivo Nacional, códice 61, vol.14, fl. 139.

POSIÇÃO COMERCIAL ESTRATÉGICA E DIVERSIFICAÇÃO SOCIAL (1702-1726)





.....  
*Adensamento do núcleo*

**1726-1790**

Ainda que o Caminho Novo, que excluía Parati da rota das minas, passasse a ser a principal via de acesso àquela região, o Caminho Velho continuava sendo usado. Em 1763 uma provisão do Rei nomeia um escrivão para serventia do ofício de escrivão de registro do Caminho Velho<sup>11</sup>. Com a demanda de gêneros de primeira necessidade para a população dedicada às lavras na região do ouro, Parati passou de simples entreposto distribuidor a centro produtor e fornecedor de gêneros alimentícios para as Minas Gerais e, posteriormente, para a cidade do Rio de Janeiro – promovida a sede do novo vice-reinado em 1763.

Diversas chácaras estabeleceram-se ao redor do núcleo urbano e alguns engenhos começaram a produzir açúcar e aguardente em áreas mais distantes, como em Parati-Mirim, onde foi construída a capela de Nossa Senhora da Conceição em 1746. Parati-Mirim é um povoado que surgiu de um porto, na enseada de mesmo nome, e que foi elevado a vila em 1720. No último quartel do século XVIII, Parati dos Remédios, juntamente com as vilas de Angra dos Reis, da Ilha Grande e de Mangaratiba, transformou-se em uma importante região produtora de aguardente. Paralelamente à proliferação dos engenhos, houve a devastação das matas em planícies e encostas.

A atividade mineradora e a função portuária também fizeram de Parati um importante porto de entrada de escravos africanos, os quais, até a década de 1740, eram procedentes majoritariamente da Costa da Mina, na África Ocidental<sup>12</sup>. Estes escravos eram destinados não apenas à atividade mineradora como ao trabalho de transporte, às atividades agrícolas e aos serviços urbanos – domésticos, portuários, comerciais, obras públicas, fazendo com que aumentasse a população cativa na vila.

---

11 Arquivo Nacional, códice 60, vol. 20, fl. 122.

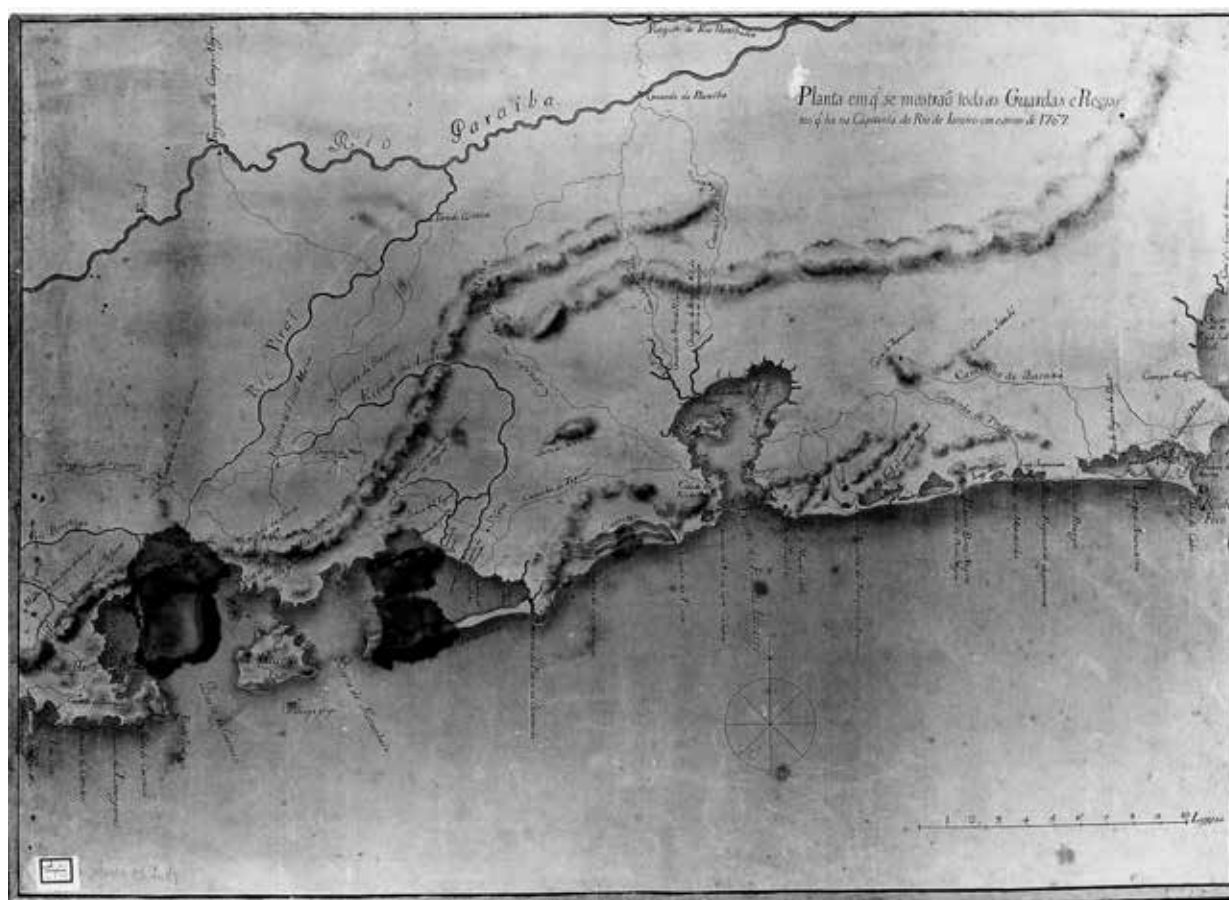
12 Soares, Marisa de Carvalho. *De escravos do senhor a escravos de si mesmos*, pp. 34-35.



Neste mesmo período, houve profundas transformações no leito do rio Perequê-açu, que tinha sua foz natural ao norte da ponta da Defesa. Em 1728, de acordo com as ordens dadas pelo capitão-mor da vila, a fim de facilitar o abastecimento de água dos habitantes de Parati, sua foz foi trasladada para o sul da elevação – provavelmente sobre área de mangue. O deslocamento deixou o rio mais próximo à povoação, fato que trouxe conseqüências para a ecologia e para as funções portuárias de Parati. Além de uma alteração na paisagem natural, houve o esvaziamento do leito original. Até os dias de hoje a proximidade do rio ocasiona, em tempos de chuvas, enchentes na cidade, a inundação das ruas, apesar da preocupação em construí-las de forma a escoar a água<sup>13</sup>.

Todas essas atividades provocaram o aumento da população e o adensamento do núcleo urbano. Em 1748, quando a Matriz já não comportava mais a população da vila, a câmara passou a planejar a construção de um novo edifício, cuja pedra fundamental seria lançada somente em 1787.

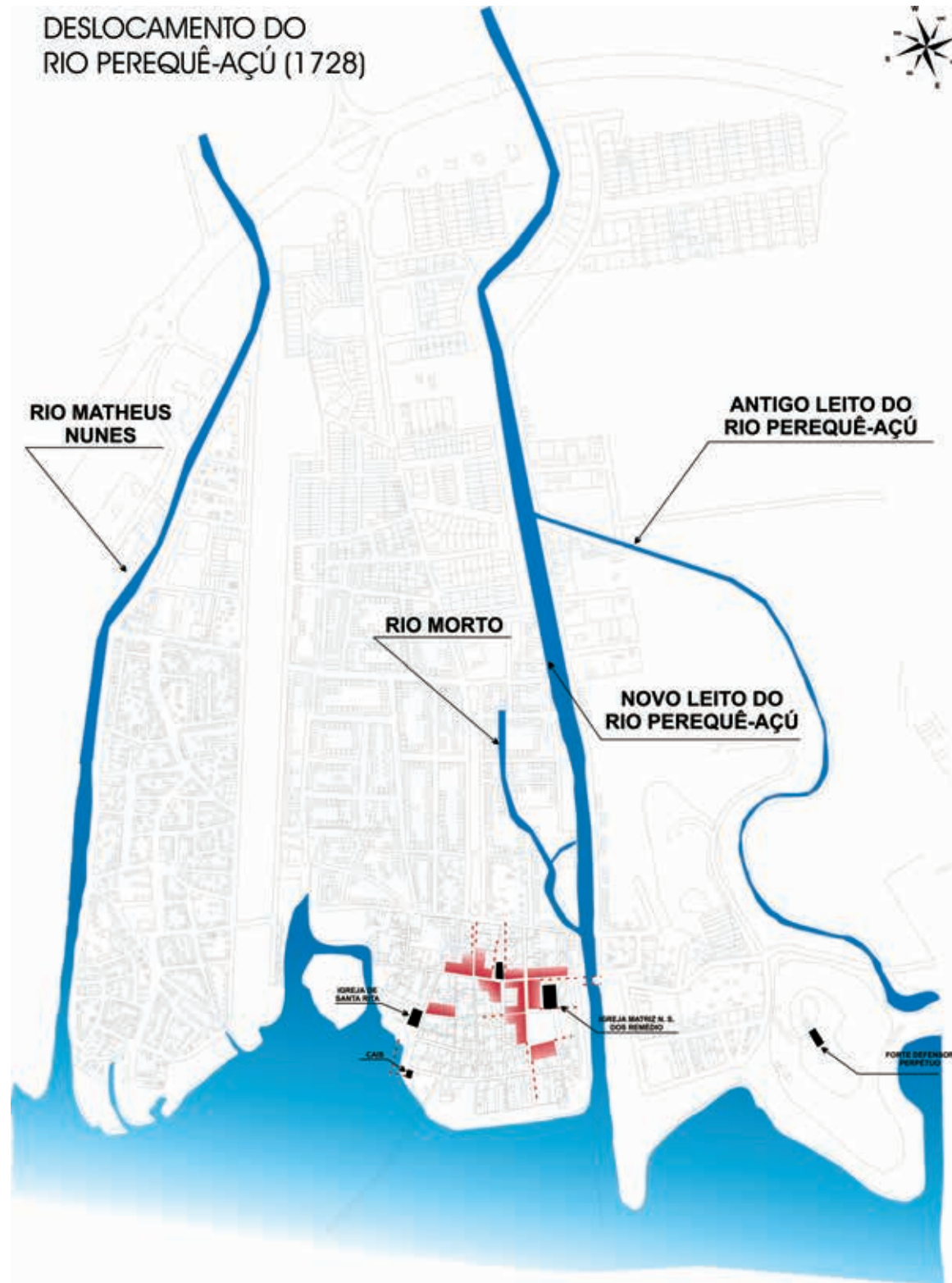
De acordo com Manuel da Silva Mariz, em 1790, havia 392 casas edificadas na vila de Parati, com 35 sobrados, sendo 15 casas de negócios, 23 lojas de mercadorias e 14 vendas. A vila possuía 2.059 habitantes, dos quais 1.005 brancos livres, 198 pardos e pretos livres e 855 escravos. O distrito contava com 4.564 pessoas totalizando 6.622 habitantes.<sup>14</sup>



*PLANTA em que se mostram as guardas e registros que há na capitania do Rio de Janeiro em o anno de 1767. 1f. O mapa representa as sesmarias concedidas na região entre Parati e Mambucaba, com os nomes dos seus respectivos sesmeiros. Destaque para a sesmaria concedida a Maria Jacomé de Melo, com área de uma légua e meia, onde futuramente seria instalada a Vila de Parati, em meados do século XVII. O autor ainda indica a referênciade Parati.*

13 Conforme Kiernan, J. Patrick. *The manumission of slaves in Colonial Brazil. Parati, 1789-1822.* p. 48.

14 Mariz, Manuel da Silva. “Estado da Vila de Parati, sua povoação, termo e outras informações em 27/3/1790”. IHGB.





.....  
*Ordenação do espaço urbano*

**1790-1822**

No final do século XVIII, Parati já era uma vila considerável, com ruas bem delineadas e quase todas calçadas. Somavam-se várias centenas de casas térreas com paredes de pedra e cal, de pau-a-pique ou estuque, e dezenas de sobrados. Em 1793, teve início a construção do forte Defensor Perpétuo – que só assume este nome após 1822 e foi reformado novamente em 1836. A Ponta da Defesa passou então a ser chamada de Morro do Defensor Perpétuo. Ainda no início dos Oitocentos, outras melhorias foram realizadas no sistema defensivo da baía. Segundo Augusto Fausto de Sousa:

*O porto desta vila merece grande atenção, pela facilidade com que dele se pode penetrar no interior da província do Rio de Janeiro e por isso em 1822 tratou-se de fortificá-lo para impedir um desembarque. O forte da ilha das Bexigas, que havia desde 1818, foi melhorado e reforçado, construiu-se o forte Defensor Perpétuo com 6 canhões, sobre o morro da Vila Velha, bem como a bateria do Quartel; projetou-se outro forte na subida na serra, na estrada da Vila do Cunha, finalmente foram reparados e melhorados os fortes de Iticopé e da Ponte Grossa, cada um com 2 canhões, para baterem o porto e as praias vizinhas, a ação do tempo talvez as tenha destruído inteiramente.<sup>15</sup>*



*Localização do forte, na elevação mais próxima ao mar, favorável à defesa da vila. Sem autor, 1964.*

15 *Tricentenário de Parati*, p. 73.

No início do século XIX, muitas fazendas de café do vale do Paraíba passaram a escoar a sua produção pelo porto de Parati, que também recebia diversos produtos finos europeus, como vinhos, pratarias, móveis e cristais. A riqueza proporcionada pela expansão econômica cafeeira atraiu uma nova leva de migrantes e o núcleo urbano de Parati passou a se expandir para terrenos alagadiços ou áreas situadas além do rio Perequê-açu. De acordo com Gurgel e Amaral, em 1797, foram doadas pela Câmara dezoito braças de chãos a quem quisesse se fixar nos terrenos de mangal alagadiço, que faziam frente para a Rua do Rosário e fundos para a Travessa da Cadeia, prometendo plantar casa e alimentos.

Devido à preocupação com o crescimento da vila e o aspecto das novas edificações, as primeiras posturas municipais foram estabelecidas em 1799. A legislação visava, sobretudo, a regulamentar a construção e conferir um padrão no que se refere à altura dos edifícios. Continuando os esforços de ordenação, o Senado da Câmara aprovou, em 1804, o Plano de Saúde Pública e Urbanização da vila de Parati, o qual dividia o espaço de sua jurisdição em zonas central, suburbana e rural.

No final do Setecentos, os projetos de intervenção para as vilas e cidades brasileiras, mais do que o embelezamento e a funcionalidade, tinham a salubridade como principal meta a ser atingida. Os núcleos urbanos eram, portanto, objeto de preocupação tanto de engenheiros-militares, que deviam zelar por seu sistema de defesa, como de médicos, cujas normas passaram a interferir nas formas de ruas e logradouros. Em Parati, diversos aterros foram realizados a partir do XIX, sobretudo nos terrenos alagadiços. Data deste período (1799) o primeiro código de posturas da vila, que buscou normatizar o padrão de construções de casas na área urbana, como também legislar sobre os cuidados com terrenos baldios e ereção de cercas e muros nas residências e propriedades rurais.

Em 1800, a elite de Parati iniciou a construção da capela de Nossa Senhora das Dores, “na margem do mar, em local vizinho à Vila, para a parte do rio Piraqueguaçu”, segundo Pizarro<sup>16</sup>. Com o edifício, a ocupação – que se fez de forma centrífuga à Matriz – chegou ao seu limite a leste, junto ao mar. Formou-se então a Rua Fresca, além da Rua da Praia, entre 1802 e 1804.



Vista da igreja de N. Sr. das Dores em 1976, cuja implantação marca uma nova ocupação de caráter mais nobre da beira-mar. Autor: Edgar Jacinto.

No limite a oeste, na Rua Paratitiba, funcionava a Casa da Ópera, cujo pedido de licença para a construção foi deferido em 1804<sup>17</sup>. Com a construção da Santa Casa de Misericórdia – cuja pedra fundamental foi lançada em 1822 – os últimos pontos referenciais da vila de Parati foram estabelecidos.



Vista da Santa Casa de Misericórdia Autor: Eduard Schultz. Sem data.

Esta era a configuração encontrada por viajantes que visitavam Parati no início do século XIX. John Luccock, viajante da época, destacou o considerável comércio da vila e monsenhor Pizarro afirmou existirem mais de 400 casas, das quais 40 sobrados.

16 Pizarro et alli. *Tricentenário de Parati*, p. 29.

17 Amaral, Edelweiss; Amaral Gurgel. *Parati, caminho do ouro*, p. 91.

A área residencial e comercial – ou zona central, segundo o Plano de Saúde Pública e Urbanização da vila de Parati – era delimitada pela igreja de Nossa Senhora do Rosário, a oeste; pela de Nossa Senhora das Dores, a leste; ao norte pelo rio Perequê-açu e ao sul pelo templo dedicado a Santa Rita. As irmandades religiosas possuíam terrenos e casas, geralmente contíguas ao seu templo, ensejando a criação de áreas hierarquizadas no núcleo urbano. Deve-se ainda destacar a área portuária, local de negócios, que concentrava as atividades de embarque e desembarque de mercadorias, e a Praça da Matriz, que abrigava as sedes do poder religioso e político-administrativo da vila. Na área central, com suas casas de pedra e cal e telhados com telhas vermelhas, situavam-se os edifícios públicos e as residências de grandes comerciantes que dominavam a vida na cidade.

A sudoeste, às margens do manguezal, na área conhecida como Patitiba, próxima ao rio (então de mesmo nome) e ao cais, habitando casas de pau-a-pique com telhados de palha, estavam os pescadores e homens do mar com suas famílias, na maior parte formadas por pessoas livres de cor, incluindo também alguns escravos e brancos livres pobres. Próximo a esta região funcionava a banca de peixes e o mercado para a venda de gêneros alimentícios produzidos em hortas e pequenas plantações caseiras. Área com grande número de forros encontra-se próxima à igreja de Santa Rita, da irmandade dos homens pardos – categoria que, como se sabe, se referia aos homens livres de cor e não especialmente aos mestiços.

Em direção à saída da cidade pelo caminho da serra do Facão estava a área mais densamente povoada das regiões então periféricas à cidade, com muitas casas de pau-a-pique caiadas e telhados de palha. Era a região das chácaras, onde viviam pequenos sítiantes, artesãos – em grande parte libertos, e escravos de ganho que não habitavam com seus senhores. Nesta área havia vendas simples, dedicadas ao comércio da produção dos sítios, e próximo a ela se encontrava o acampamento de tropeiros. Era local visado quando se procurava por algum suspeito de haver cometido delito – quase sempre um escravo ou liberto. Suas pequenas vendas funcionavam como local de encontro de forros e escravos, para conversar, beber, festejar. Da mesma forma que a área de Patitiba se relacionava com a igreja de Santa Rita, em que residiam muitos dos fiéis frequentadores da igreja de Nossa Senhora do Rosário e integrantes de sua irmandade, integrada por negros<sup>18</sup>.



*Vista do núcleo urbano com a área das antigas chácaras ao fundo e a área da Patitiba à esquerda. Sem autor, 1964.*

Ao sul do rio Perequê-açu havia uma aldeia de pescadores chamada Praia do Pontal, onde também moravam fabricantes de barcos e trabalhadores no transporte marítimo. Esta área foi sendo ocupada, a partir deste período, por novas construções como a Santa Casa da Misericórdia e o cemitério.



*Vista a partir do morro do Forte Defensor Perpétuo, mostrando o isolamento da Santa Casa na margem oposta à cidade. Sem autor, sem data.*

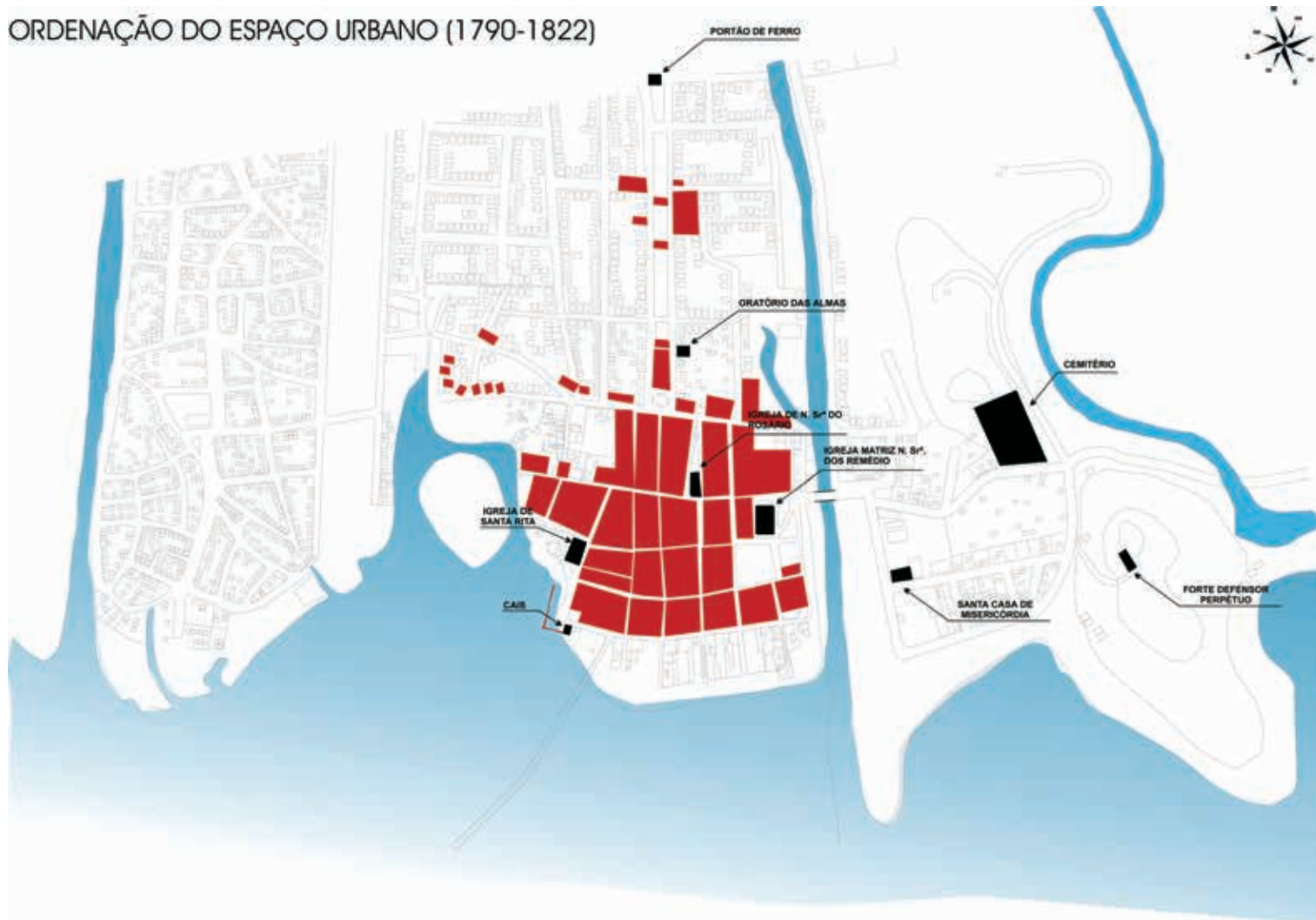
18 Os dados sobre a composição social das áreas próximas ao centro de Parati foram extraídos da tese de J. Patrick Kiernan. *The manumission of slaves in colonial Brazil. Parati, 1789-1822*. pp. 48-52.

A construção do hospital da Santa Casa da Misericórdia, em um primeiro momento, permitiu o isolamento dos doentes, de forma a impedir que epidemias se alastrassem. Posteriormente, a partir de 1855, o cemitério municipal conferiu mais uma nova função ao local, que passava também a distanciar os mortos, até então enterrados junto às igrejas, na cidade.



*Ilha Grande e Ubatuba. Moreira, F. P.ª 1819. O mapa traz a Ilha Grande com as enseadas de Angra dos Reis, Parati e Ubatuba e suas ilhas e respectivas vilas. Na região relativa a Parati, o mapa assinala a ocupação urbana e a localização do forte na antiga ponta da Defesa, além do desenho de uma âncora na sua enseada.*

## ORDENAÇÃO DO ESPAÇO URBANO (1790-1822)



*O crescimento de Parati levou a uma preocupação em ordenar o espaço urbano, balizado pelas igrejas da Matriz, de Nossa Senhora do Rosário e Santa Rita, pelo Santuário das Almas e o Cais da Vila.*





.....  
*Crescimento populacional e  
ampliação dos limites*

**1822-1861**

A construção da Santa Casa, em 1822, na outra margem do rio Perequê-açu, marcou a primeira expansão de Parati além da várzea original. Até então, apenas edificações militares ou rurais haviam ocupado as proximidades da foz do Patitiba e além do Perequê-açu. O escoamento da produção de café pelo porto da vila, assim como o desembarque de mercadorias luxuosas para as fazendas do vale do Paraíba, proporcionaram um período de melhorias urbanas, com a remodelação de praças, construção de um novo cais, de armazéns de café e do Mercado Público nas imediações do porto, da nova Casa de Câmara, entre outras edificações.

Em 1831 é aprovado pela Câmara Municipal o novo Código de Posturas, bem mais extenso e detalhado que o de 1799. Neste código, se estabelecem normas para construção e cuidados com as edificações urbanas – já existentes no anterior, mas não tão pormenorizadas, como também regras para o comércio, para a preservação da saúde e da ordem públicas. Pela primeira vez, há menções aos escravos, sempre associados a medidas de repressão a delitos – procurando assegurar, nestes casos, a responsabilidade penal dos cativos, ainda que, no caso de penas pecuniárias, esta pudesse recair sobre a pessoa de seus proprietários.

Porém, mesmo antes do reconhecimento oficial, o registro das posturas da Câmara Municipal da Vila de Nossa Senhora dos Remédios de Parati estava perfeitamente de acordo com o das maiores cidades do país. As posturas visavam ordenar o espaço urbano, regulamentando a conservação e a construção de edificações no interior da vila, estabelecendo o alinhamento das fachadas, medidas das portas, janelas e prumadas. A fim de evitar incêndios, o Senado da Câmara proibiu as construções em madeira e as coberturas de palha, que deveriam ser trocadas por telhas, e exigiu ainda a demolição de casas na iminência de ruir.

Em 1833, os vereadores aprovaram legislação determinando que os senhores proprietários de terrenos baldios deveriam cercá-los com muros. Foram também obrigados a aterrar

os terrenos situados desde a Rua Gragoatá até o campo da Lavagem, dispositivo já mencionado no Código de 1831.

O recenseamento populacional da vila, realizado em 1833 pelo Senado da Câmara, totalizou 9.653 habitantes sob a sua jurisdição<sup>19</sup>. Em 1844, o Império concede a Parati o estatuto de cidade, coroando a sua importância econômica.

As igrejas da cidade também sofreram algumas transformações. Além da Matriz, os templos de Parati passaram por obras infundáveis, como se pode verificar nos constantes pedidos de verba presentes ao longo dos relatórios dos presidentes da Província do Rio de Janeiro. Outra reivindicação freqüente é a recuperação da estrada na serra que liga Parati a Cunha.

A construção do Chafariz do Pedreira, em 1851, representou uma tentativa de solucionar o antigo problema de abastecimento de água da cidade. Na área a oeste, em direção às chácaras, foram loteados terrenos e projetadas vias que ligavam as Ruas da Lapa e da Pedreira, conforme pode ser observado na planta da cidade, de 1858-1861, realizada por Niemeyer e Bellegard. Na planta também é possível observar outras áreas ainda não construídas: em frente à igreja de Santa Rita, na Rua da Marinha; atrás da Matriz, no quarteirão entre as Ruas Direita e do Comércio; na esquina da Rua da Marinha com a Rosário.



Vista do Chafariz da Pedreira. Sem autor, sem data.

A planta de Niemeyer já representa o cemitério de Parati, construído em 1856, quando a população era de aproximadamente 12.000 habitantes. O cemitério, na outra margem do rio Perequê-açu, traduzia a preocupação com a saúde pública em face da incidência de epidemias de cólera e de febre amarela no restante da província do Rio de Janeiro.

Nessa planta, é também possível observar um prédio situado ao lado da igreja de Santa Rita, que corresponderia ao Quartel da Bateria, posteriormente substituído pela nova cadeia. Não foi possível recuperar qualquer informação sobre a primitiva cadeia, a não ser a indicação de que a rua que leva esse nome teria sido o provável local de sua existência. Sobre o então novo edifício da cadeia – que foi desativado no final da década de 1970, tornando-se o Arquivo Municipal de Parati, em 1981 – há o seguinte registro da Câmara, datado de 6 de setembro de 1845, sobre a necessidade de sua construção:

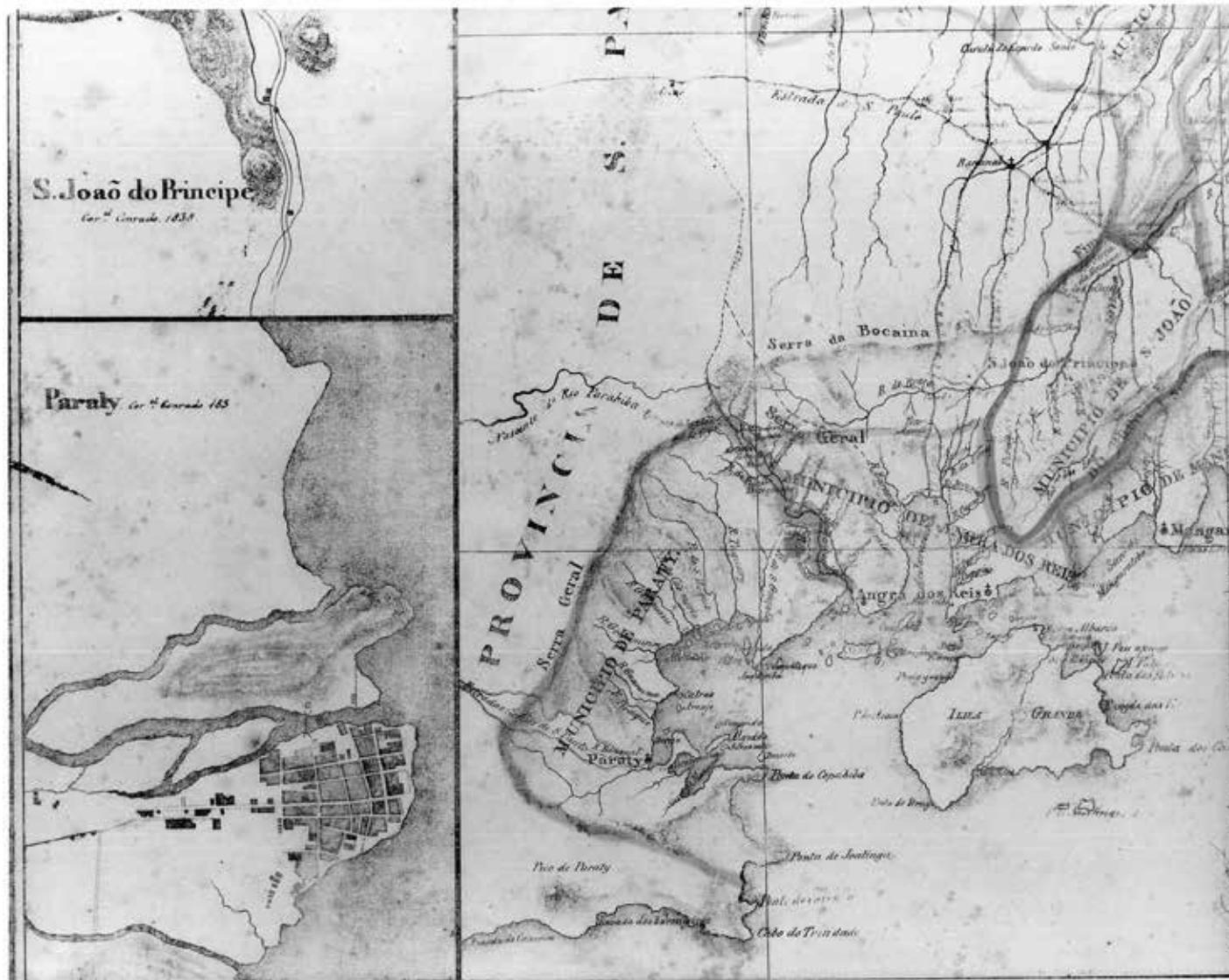
*“ora achando-se o edificio que serve para a casa da Câmara e Cadeia nesta cidade, sem a necessária segurança e capacidade, por ser construída há centro e trinta e tantos anos (por isso que pelo seu estado de ruína forçou a Câmara a alugar uma casa para fazer suas sessões) e as prisões que nele existem, sem as acomodações precisas, sem a ventilação e salubridade recomendadas; torna-se pois de necessidade a construção de um novo edificio, em outro lugar diferente, para a Cadeia, e Paço da Câmara...”*<sup>20</sup>



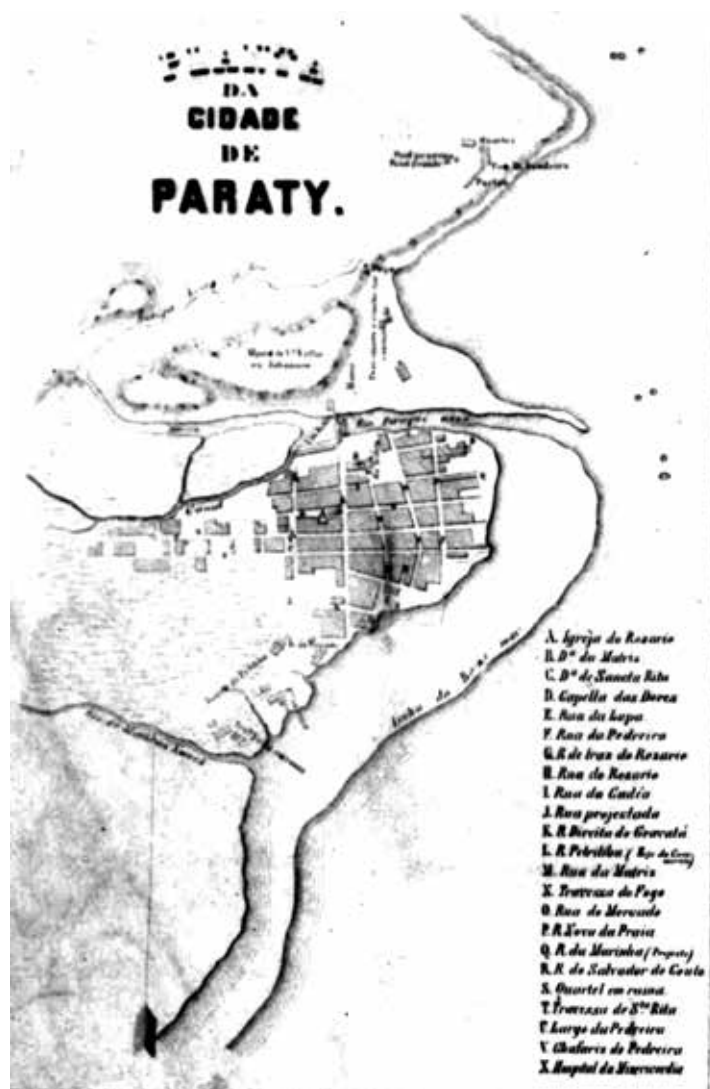
Feição atual da cadeia, 2002.

19 Amaral, Edelweiss Campos de, e Gurgel, Heitor. *Parati, caminho do ouro*, p. 97.

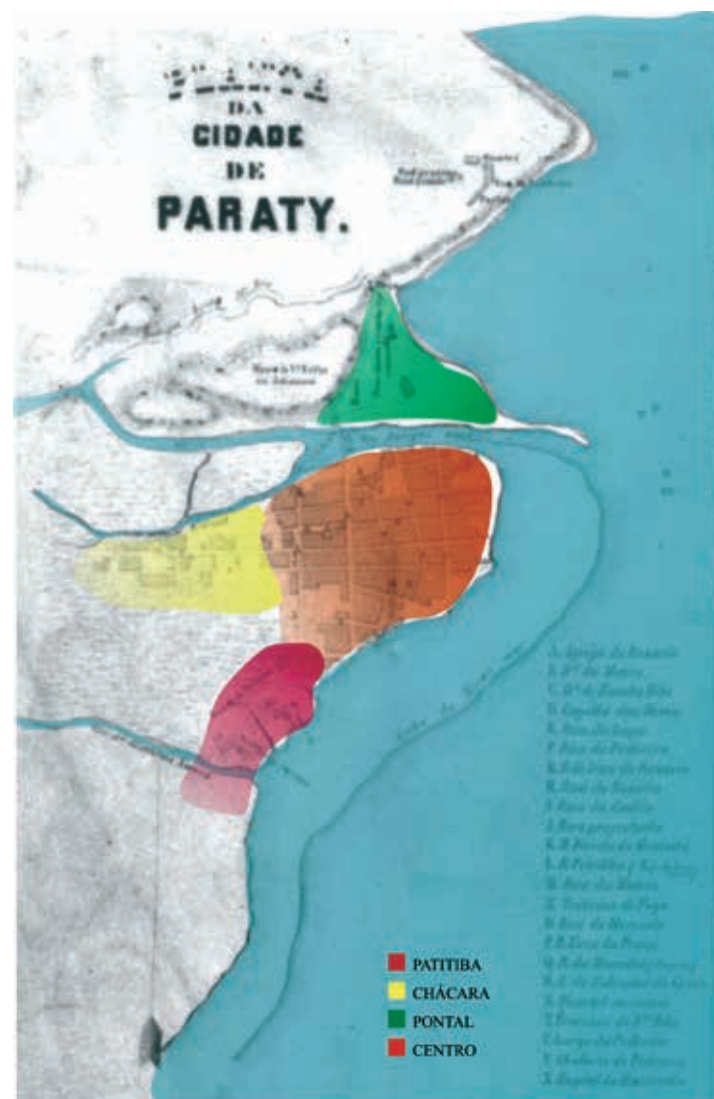
20 RAMECK, Maria José S., e Melo, Diuner (org.). *Roteiro Documental do Acervo Público de Parati*. Câmara Municipal de Parati, Instituto Histórico e Artístico de Parati – Guaratinguetá, SP: Gráfica e Editora Dias, 2003, p. 100.



Carta corográfica da província do Rio de Janeiro, segundo os reconhecimentos feitos pelo coronel Conrad Jacob de Niemeyer (e outros). Taulois, Pedro. 1839. Reprodução fotográfica em 4 folhas do mapa de 1839, feito originalmente em litogravura e com traços de aquarela. Coordenada e desenhada pelo engenheiro Pedro Taulois, a carta traz em suas margens 33 plantas reduzidas das cidades, vilas, freguesias, e enseadas da província. A Cidade de Parati aparece indicada pelo símbolo de freguesia.



1. Carta corográfica da Província do Rio de Janeiro mandada organizar por decreto da Assembléa provincial de 30 de outubro de 1857. Bellegarde, Pedro D'Alcântara; Niemeyer, Conrado Jacob. 1858. Mapa de 4 páginas trazendo toda a Província do Rio de Janeiro, com a planta das principais vias e cidades da região. Em inserto, a carta discrimina ainda arraiais, capelas, freguesias, engenhos de açúcar, fazendas de café e de gado, caminhos, estradas e estradas de ferro. Paraty aparece no mapa na folha 4.



2. Carta de Niemeyer-Bellegard modificada, com destaque, por cores, do Centro e das áreas adjacentes: Patitiba, Pontal e Chácara.

.....  
*A estagnação de Parati*

1861-1922

**E**m 1863, com a construção da ferrovia entre o Rio de Janeiro e o vale do Paraíba, o porto de Parati perderia a sua hegemonia. Ademais, as pequenas cidades ao longo da estrada de ferro começaram a produzir alimentos para a capital do país. Assim, o advento do trem engendrou um processo de estagnação econômica e social da cidade.

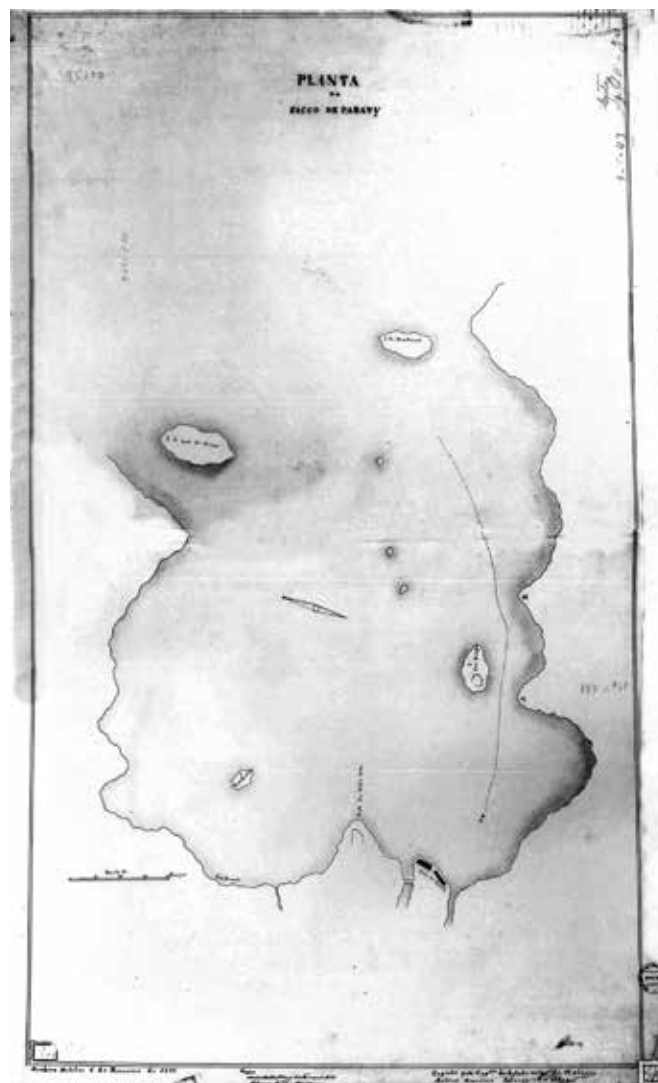
O quadro de crise perpassou diversos aspectos urbanos. A população das duas freguesias – Nossa Senhora dos Remédios de Parati e Nossa Senhora da Conceição de Parati-mirim – que, segundo dados da Diretoria-Geral de Estatística, era de pouco mais de 12.000 habitantes em 1870, foi reduzida a 10.765 almas em 1890 e, dez anos depois, a 9.900 pessoas. O principal motivo desse êxodo crescente – a fuga de capitais – também colocou fim, em 1873, às obras da igreja matriz, iniciadas ainda no século anterior. O templo permaneceria então com ambas as torres incompletas.

Em 1870, houve nova aprovação do Código de Posturas da cidade, o qual, excluindo a recomendação de se alinhar o casario por ocasião da reconstrução de algum edifício, repetia o texto anterior no referente às construções. No entanto, do ponto de vista das atividades urbanas, há um maior detalhamento da política de fiscalização e ordenamento no espaço urbano. E há, sobretudo, uma notável preocupação com assuntos da ordem pública no tocante a ajuntamento de escravos e venda de armas, denotando uma presença maior de prováveis focos de rebeldia e violência na cidade e seus arredores.

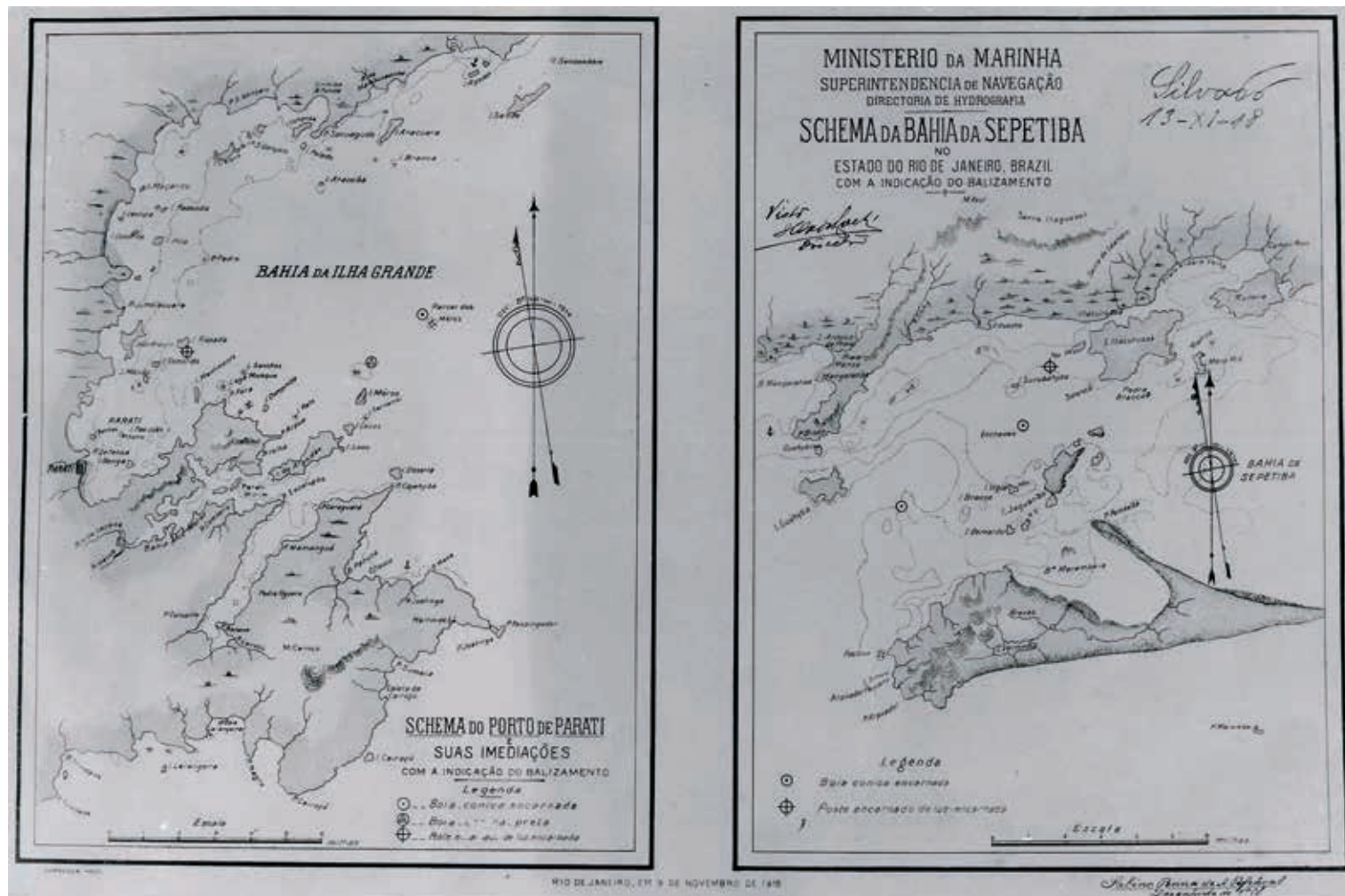
Ao virar o século, Parati estava deslocada do eixo de circulação de produtos agrícolas e mercadorias. Essa perda de importância como entreposto comercial levou Parati a não mais acompanhar as melhorias urbanas que se verificavam em algumas cidades brasileiras. Em 1877, o Senado da Câmara recusou, em virtude de seu alto custo, a proposta da empresa americana Globe Gaz, que substituiria a iluminação pública a querosene por iluminação a gás. O problema da falta de água na vila só foi resolvido no último quartel do século XIX, com a construção de uma nova adutora. A obra havia sido arrematada por Antô-

nio Homem da Rocha, que recebeu o pagamento em diversas parcelas.

O progressivo abandono da cidade acarretou a desvalorização dos imóveis, os quais atingiram o seu valor mínimo na primeira década do século XX. Muitos edifícios ruíram, mas as principais características da cidade sobreviveram à crise. Pode-se considerar como hipótese a migração de pessoas, sobretudo dos setores mais desfavorecidos, da cidade para regiões mais prósperas, inclusive outras cidades do estado do Rio de Janeiro ou São Paulo, caracterizando uma alteração no seu perfil demográfico.



*Planta do saco de Parati. 1877. O mapa mostra a região da baía (ou saco) de Parati, com as ilhas de José de Araújo, do Mantimento e das Bexigas. A região da Cidade de Parati é representada com dois retângulos escuros indicando a povoação do local. Traz ainda a ponte que liga Parati a sua área de origem, referida no mapa como Ponta da Vila Velha.*



Esquema da baía da Sepetiba no Estado do Rio do Janeiro, Brasil, com indicação de balizamento. Brasil. Marinha. Superintendência de Navegação. 1918.  
 Carta náutica indicando locais de bóias, postes, ilhas e portos da região da baía de Sepetiba. A carta traz um inserto intitulado  
 “Esquema do porto de Parati e suas imediações”, onde aparece a baía de Ilha Grande e de Parati.  
 Há referência à cidade de Parati, representada por um quadrado escuro,  
 sem símbolos, na região atualmente ocupada pela cidade.





.....  
*Tentativas de recuperação e a  
modernidade incipiente*

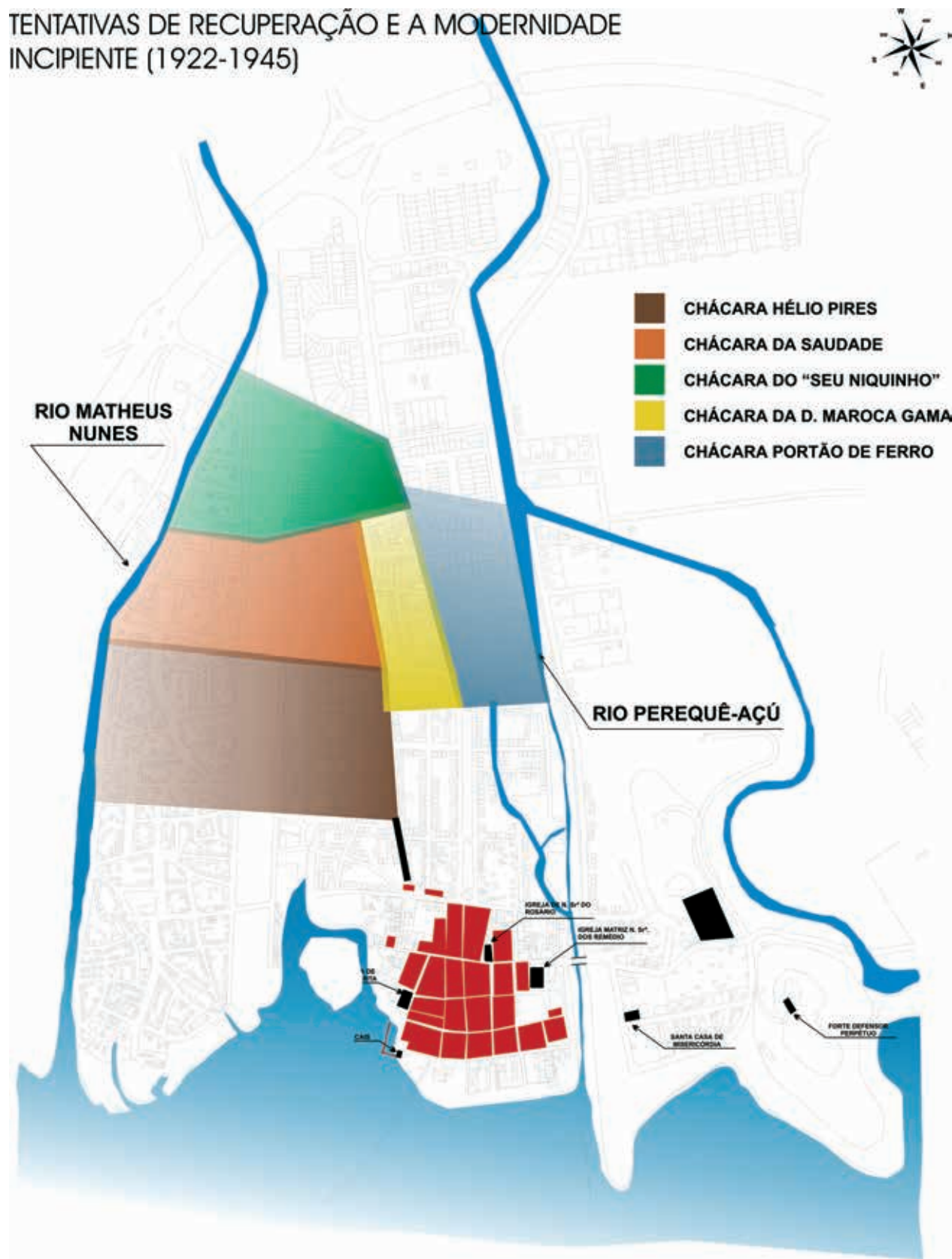
**1922-1945**

A década de 1920 caracterizou-se pela chegada de alguns elementos modernizantes, como a iluminação elétrica. Em 1922, inaugurou-se o Jardim Público na Praça da Matriz. Dez anos depois, a instalação da rede de águas possibilitou a criação de um sistema de esgotos sanitários.

A década de 1930 foi marcada pelas tentativas de recuperação econômica. Entre 1934 e 1938, funcionou no município uma indústria de laminação de madeira. Em 1935, o padre Hélio Pires deu início, em sua chácara, ao cultivo de bananas para exportação.

Apesar dos esforços, em 1945 – quando um decreto estadual lhe concedeu o título de Monumento Histórico – a zona urbana de Parati apresentava as marcas do abandono de seu porto e da estagnação econômica. Algumas quadras possuíam espaços não ocupados ou lugares de edificações que haviam ruído. A cidade encontrava-se cercada de chácaras.

# TENTATIVAS DE RECUPERAÇÃO E A MODERNIDADE INCIPIENTE (1922-1945)



.....  
*A cidade sob a gestão patrimonial*

**1945 em diante**

O reconhecimento do valor de Parati como patrimônio é um dos fatores característicos da modernidade, assumida como projeto do Estado brasileiro. Com o tombamento do seu sítio urbano, em 1958, pelo Patrimônio Histórico, Artístico e Nacional, e o título de Monumento Nacional, outorgado em 1966, deflagrou-se o processo de transformação da cidade em pólo turístico, que, paralelamente, engendrou um movimento de contínuo aumento populacional.

De acordo com o IBGE, em 1950, o município de Parati contava 9.360 habitantes, sendo que apenas 1.856 pessoas compunham a população urbana. O quadro de declínio populacional, observado desde o último quartel do século XIX, foi invertido ao longo da segunda metade do século XX, paralelamente à sua consolidação como pólo turístico. Nesse período, o número de habitantes de Parati não cessou de crescer. A partir de 1970, o crescimento da população urbana foi superior em relação ao da rural.

Além das mudanças observadas no interior da área tombada – sobretudo a construção de edificações nas áreas vazias e a construção de muros circundando as residências mais recentes – houve aterros de antigas áreas fluviais para a ocupação de condomínios. Por fim, mas não menos importante, os atuais bairros de Parati foram criados sobre as antigas chácaras que abasteciam a cidade. A reabertura, em 1953, da estrada da serra do Facão (Parati-Cunha) contribuiu para dinamizar novamente o contato com municípios vizinhos.

Nas décadas de 70 e 80, após a abertura da rodovia Rio-Santos em 1970, intensificou-se o loteamento das antigas chácaras e das áreas desocupadas. A cidade assistiu então à proliferação de pousadas e do comércio voltado aos turistas. Houve um crescimento demográfico perceptível, além da presença de muitos visitantes. A maior circulação de pessoas levou à tomada de providências visando a proteger a estrutura das construções e do calçamento, como a limitação à passagem de veículos no Centro Histórico. A cidade se tornou tema de diversas reportagens sobre turismo ecológico, valorizando seu entorno natu-

ral, com a baía, as praias e as trilhas na mata, além do destaque sempre presente ao seu caráter de cidade histórica. Atualmente,

o conjunto arquitetônico e paisagístico de Parati é candidato a Patrimônio Mundial junto à Unesco.



*O crescimento de Parati em área construída, ocupação e população são visíveis, sobretudo a partir da inauguração da Estrada Rio-Santos e da valorização do seu conjunto arquitetônico e paisagístico.*



*Trecho da antiga Estrada do Facão, reaberta em 1953, 1979. Autor: Edgard Jacinto. Esta estrada, que segue a antiga trilha de mesmo nome, faz a ligação entre Parati e Cunha, no Estado de São Paulo, e estava fechada desde 1908.*



.....

## *Cronologia*

Para a delimitação do recorte temporal da pesquisa histórica foi considerada a época em que se deu a ocupação do território relacionada ao contexto socioeconômico motivador dessa ocupação. A consolidação da estrutura urbana foi abordada numa perspectiva de longo prazo, desde a fundação da cidade até a época do seu tombamento, quando ela passa a ser vivida e tratada como patrimônio cultural estando sujeita a regras específicas para o seu desenvolvimento e constituindo-se um objeto de investigação distinto.

- 1554 – Primeiro registro escrito de um europeu, Hans Staden, nas terras que hoje fazem parte do município de Parati.
- 1630 – Construção da capela dedicada a São Roque, no povoado fundado por João Pimenta de Carvalho, na elevação adjacente ao rio Perequê-açu.
- 4/8/1630 – Doação de sesmaria pela senhora Maria Jácome de Melo, na planície entre os rios Perequê-açu e Patitiba.
- 1646 – Início da construção da igreja matriz, no local doado por Maria Jácome de Melo.
- 1652 – Fundação da matriz de Nossa Senhora dos Remédios e transferência do povoado de São Roque para a área em torno da igreja.
- 1660 – Construção do pelourinho, sem autorização régia, como tentativa de emancipação da freguesia de Parati em relação à Câmara de Ilha Grande.
- 1667 – Inicia-se o registro das vereanças da vila de Parati, que se estende até 1769. O documento manuscrito encontra-se sob a guarda do IHGB atualmente.
- 28/2/1667 – Através de carta régia, a freguesia é elevada à categoria de vila.
- 1668 – Primeiros reparos na matriz, ao cargo de Rafael de Sousa.
- 1679 – Interrupção das obras da igreja matriz, em virtude de seu alto custo para a Câmara e a população da vila.
- 1681 – Retomada das obras da matriz.
- 1703 – Fortificação da região da Vila Velha, que passou a ser denominada de Ponta da Defesa.



- 9/5/1703 – Carta régia autoriza a criação de uma Casa de Registro de Ouro em Parati. No mesmo ano, foram cavadas trincheiras nos arredores da vila, a fim de impedir o contrabando do ouro que vinha das regiões das minas.
- 20/9/1704 – Contratação de Manuel de Proença para cuidar da Casa de Registro de Parati.
- 30/7/1710 – Requerimento dos homens de negócio da praça do Rio de Janeiro para que o governador reabrisse o Caminho Velho para as minas gerais, abandonado e proibido pela Coroa, desde a abertura do Caminho Novo.
- 8/8/1710 – Resolução do governador permite a utilização do Caminho Velho de Parati.
- 1712 – Conclusão da segunda igreja matriz de Nossa Senhora dos Remédios de Parati.
- 24/5/1715 – Carta régia ordena a criação de uma casa de registro e cobrança do quinto na vila de Nossa Senhora dos Remédios de Parati.
- 30/7/1717 – Estada do Conde de Açumar, futuro governador da capitania de São Paulo e Minas, e de sua comitiva de passagem pela vila de Parati.
- 1720 – Criação da capitania de São Paulo, incorporando Parati à sua jurisdição.
- 1722 – Começo das obras da igreja do Menino Deus, Santa Rita e Santa Quitéria pelos pardos libertos do distrito.
- 1725 – Início da construção da igreja de Nossa Senhora do Rosário, pelos negros da vila.
- 16/1/1726 – Carta régia desvincula Parati de São Paulo, recolocando a vila nos limites da capitania do Rio de Janeiro.
- 1726 – Construção do cais na vila de Parati.
- 7/11/1726 – Carta do governador do Rio de Janeiro, Luís Vahia Monteiro, ao rei de Portugal, D. João V, informando a necessidade da construção de fortes na região de Parati e Ilha Grande, devido à presença de navios estrangeiros.
- 1757 – Construção da capela dedicada a Nossa Senhora da Conceição, em Parati-mirim.
- 1787 – Iniciadas as obras do terceiro edifício da matriz de Nossa Senhora dos Remédios.
- 28/3/1790 – Manuel da Silva Mariz informa que na vila de Parati havia 2.059 almas, 392 casas edificadas, das quais 35 sobrados.
- 1800 – Início da construção da igreja de Nossa Senhora das Dores, pela elite de Parati.
- 17/12/1813 – A vila recebe o título de condado.
- 19/10/1822 – Fundação da Santa Casa de Misericórdia.
- 1831 – Aprovação das posturas da Câmara Municipal da Vila de Nossa Senhora dos Remédios de Parati.
- 11/3/1844 – Elevação da vila à categoria de cidade.
- 1851 – Construção do chafariz do Pedreira.
- 1856 – Criação do cemitério municipal de Parati, na outra margem do rio Perequê-açu.
- 1863 – Inauguração da estrada de ferro entre o Rio de Janeiro e o vale do Paraíba, que redundaria no abandono do porto da cidade.
- 1870 – A Câmara aprova o novo Código de Posturas de Parati.
- 1872 – Segundo dados da Diretoria-Geral de Estatística, Parati possuía cerca de 12.000 habitantes.
- 1873 – Fim das obras na igreja matriz de Nossa Senhora dos Remédios, que permaneceria com as duas torres inacabadas.
- 3/1/1890 – Criação da comarca de Parati.
- 1910 – Construção da ponte para o bairro do Pontal, onde se localizavam a Santa Casa de Misericórdia e o cemitério.
- 1922 – Criação do Jardim Público em frente à Matriz.
- 1928 – Visita do presidente da República, Washington Luís. Nessa década foi instalada a rede de iluminação elétrica.
- 1932 – Instalação da rede de águas e esgotos sanitários em parte da cidade.
- 18/9/1945 – A cidade de Parati é declarada Monumento Histórico pelo Estado do Rio de Janeiro.
- 1953 – Reabertura da estrada Parati-Cunha.
- 1958 – Tombamento da cidade de Parati pelo IPHAN.
- 24/3/1966 – Decreto da Presidência da República declara Parati em Monumento Nacional.
- 1970 – Abertura da rodovia Rio-Santos aumenta a demanda turística da região.
- 1972 – O IPHAN elabora o Plano de Desenvolvimento Integrado e Proteção do bairro histórico do município de Parati.

.....

*Dados complementares à  
pesquisa histórica*

*Aspectos geográficos determinantes da forma urbana*

O sítio urbano de Parati foi implantado na planície entre os dois rios Perequê-açu e Patitiba, por volta de meados do século XVII. Estes dois rios foram fundamentais no sentido de viabilizar o abastecimento de água ao povoado, como também para fazer a ligação com o interior da região. Por sua vez, a enseada e os mares calmos fizeram de Parati uma vila essencialmente portuária, apoiando o percurso em direção à capitania de São Vicente e mesmo ao sul da Colônia e, no século XVIII, integrando as redes comerciais com o Rio de Janeiro. Como área de fronteira entre as capitanias do Rio de Janeiro e São Vicente, situava-se, particularmente, numa região de intercâmbio entre duas áreas comercialmente dinâmicas no Brasil Colonial. O traçado razoavelmente retilíneo deve-se, especialmente, à inexistência de elevações, dispensando a necessidade de contornos.

Atrás da pequena planície em que se implanta o sítio, uma grande serra (Bocaina) com uma mata vigorosa (Mata Atlântica) bastante próxima dificultou a penetração para o território inóspito e desconhecido do interior. Como essa característica física se repete ao longo de toda a costa sudeste, a abertura de caminhos era custosa e perigosa, tornando o caminho criado para a região das minas a partir de Parati, por certo tempo, um acesso único e valioso.

*Aspectos culturais determinantes da forma urbana*

A história da ocupação espacial de Parati relaciona-se diretamente à construção de igrejas e à formação de irmandades religiosas, característica comum em todo o Império português. O imperativo teológico da colonização, paralelamente às necessidades militares, condicionou a própria forma das cidades lusitanas.

Com a construção da matriz de Nossa Senhora dos Remédios, em meados do século XVII, o povoado passa a ser considerado freguesia. A instalação de uma matriz assinalava a existência de um número considerável de almas sujeitas aos sacramentos, do batismo à extrema-unção. Os registros de nascimento e casamento eram realizados exclusivamente pela Igreja.

Ademais, através da confissão e dos sermões, os padres exerciam um papel fundamental de controle social.

Em torno desses templos, os habitantes reuniram-se em irmandades religiosas de acordo com a sua cor e estatuto social. A igreja matriz de Nossa Senhora dos Remédios era dominada pela irmandade do Santíssimo Sacramento, que detinha poderes para deliberar sobre as obras no edifício, o uso do cemitério e a organização das principais festas de Parati, com destaque para a Festa do Divino Espírito Santo. No século XIX, funcionavam nessa igreja as irmandades de Nossa Senhora dos Remédios, de São Roque, de São Miguel das Almas, além dos irmãos do Santíssimo Sacramento. A irmandade do Santíssimo Sacramento organizou a reconstrução da matriz, ao mesmo tempo que seus membros, integrantes das elites locais – especialmente os grandes comerciantes – alugavam seus escravos para este trabalho, o qual era custeado por esmolas dos habitantes da vila.

A festa do Divino era, de início, comemorada exclusivamente pelos brancos. O cortejo sai da casa do festeiro, que organiza o evento durante todo o ano, e que após percorrer diversas ruas da cidade, dirige-se à matriz, onde se celebra missa. Do mesmo modo, a festa de Nossa Senhora dos Remédios, padroeira da cidade, é celebrada no dia 8 de setembro, após procissão que percorre as ruas e desemboca na Praça da Matriz. Essa festa era realizada pela irmandade de mesmo nome da Virgem, uma das mais ricas de Parati.

Irmandade igualmente rica era a de Nossa Senhora das Dores, composta basicamente por senhoras, cuja igreja foi iniciada em 1800 e reconstruída no começo do século XX. Uma hipótese a ser considerada no processo de ereção da capela de Nossa Senhora das Dores era o fato de a igreja matriz se encontrar no mesmo período em obras, sendo provavelmente desviadas para esta algumas das atividades originalmente desenvolvidas na igreja principal. Junto com a irmandade de Nosso Senhor dos Passos, era responsável pelas cerimônias da Páscoa e pela conservação dos Passos, altares embutidos em algumas edificações, “onde eram colocados quadros representando um dos Passos da Paixão de Cristo, parando à sua frente a procissão do Encontro, para as orações”<sup>21</sup>. Dos sete passos de outrora, restam apenas três: dois localizados na Rua Tenente Francisco Antônio e outro na lateral da igreja de Santa Rita.

Os pardos da cidade reuniam-se na igreja de Santa Rita e também organizavam uma festa para a sua protetora. Vale

lembrar que a categoria ‘pardo’ não se referia necessariamente à cor e sim à condição social de liberto ou livre de cor. Os festejos realizavam-se todo dia 22 de maio, desde que não coincidissem com a festa do Divino, que era móvel. O adiamento da festa de Santa Rita, segundo Teresa Maia, “*evidencia a subordinação da festa da Padroeira das Cores Pardas de Parati à festa dos brancos*”<sup>22</sup>. As festas criavam estados de comunhão entre os súditos do Império português, conferindo-lhes uma identidade transcendental, e hierarquizando-os de acordo com os lugares que ocupavam na organização ou na procissão.

Na base dessa hierarquia, os negros dedicaram a sua capela a Nossa Senhora do Rosário. A irmandade do Rosário congregava escravos de diferentes procedências africanas, mas, originalmente, a maioria tinha sido trazida da Costa da Mina (África Ocidental). A partir da segunda metade do século XVIII, os escravos da África Centro-Ocidental (região Congo-Angola) superaram em número os “pretos minas”. No templo dos negros também funcionou a Irmandade de São Benedito. A organização dos negros não era completamente autônoma, pois o cargo de tesoureiro só podia ser exercido por um branco, aprovado pelas autoridades eclesiásticas. A capela do Rosário, quando de sua criação, tinha patrimônio de oito moradas de casas e terrenos para a sua subsistência. O melhoramento do templo dos negros, contudo, foi levado a cabo só no século XIX, quando se ergueu a torre e foram dourados os altares.

A festa de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito são comemoradas, respectivamente, nos dias 26 e 27 de dezembro. Como os negros não podiam participar da procissão do Divino, criaram para eles um evento parecido. O cortejo saía da casa do festeiro, escolhido pela irmandade com antecedência, e seguia até o templo do Rosário, onde se celebrava missa.

Além do atendimento espiritual e temporal de seus membros, as irmandades marcavam a sua área de influência, definindo inclusive uma hierarquia do local de enterro dos mortos até 1856, quando foi criado um cemitério público do outro lado do rio Perequê-açu. A onipresença do catolicismo manifestava-se inclusive no repicar dos sinos, que, além de marcar o tempo, anunciava mortes, nascimentos, batizados, e casamentos. A localização de cada um desses eventos marcava a posição social ocupada pelos participantes.

Nesse sentido, as festas, que imbuíam os lugares de um significado religioso, hierarquizavam o espaço e estabeleciam

21 Maia, Teresa. *Parati: religião e folclore*, p. 112.

22 Maia, Teresa. *Parati: religião e folclore*, p. 84.

um roteiro percorrido pelos diversos segmentos sociais. A Praça da Matriz figura como lugar central, ponto de chegada das procissões do Divino e de realização das festas juninas e natalinas, quando os moradores assistiam à Missa do Galo na igreja de Nossa Senhora dos Remédios.

### *Principais atividades econômicas*

Desde o início do século XVIII, Parati teve como principal característica econômica a atividade portuária. Localizada no caminho terrestre entre São Paulo e Minas, no caminho marítimo entre Santos e o Rio de Janeiro, a região beneficiou-se, ao longo do Setecentos e do Oitocentos, do intenso comércio decorrente, sucessivamente, da extração aurífera, da produção de aguardente e da lavoura cafeeira no vale do Paraíba.

Em meados do século XVIII, a vila de Parati, mais do que o simples papel de entreposto comercial, assumiu a condição de centro produtor de gêneros alimentícios para a capitania das Minas Gerais, para as vilas intermediárias do Rio de Janeiro. A partir de 1763, com a transferência da sede do vice-reinado de Salvador para o Rio de Janeiro, essa posição foi consolidada.

No último quartel do Setecentos, a importância da vila na produção de aguardente aumenta. Não obstante parte da produção fosse destinada ao mercado interno, a maior parte era utilizada no mercado atlântico, como moeda de troca por escravos africanos. À época, o eixo distrital Ilha Grande-Mangaratiba, que englobava Parati, destacava-se como principal produtor de aguardente, respondendo por 58% da produção de aguardente de toda a Capitania, com cerca de 85% do total de engenhocas. O número de escravos em Parati representava o quarto maior contingente de todo o Estado, perdendo apenas para a região de Campos, Mangaratiba e Guaratiba.

No início do século XIX, as emergentes fazendas de café do vale do Paraíba – principalmente as de Guaratinguetá, Pindamonhangaba e Taubaté – passaram a escoar sua produção pelo porto de Parati, preferido também para a importação de produtos manufaturados e industrializados provenientes da Europa. A cidade conheceu o seu ápice econômico até 1863, quando a abertura da estrada de ferro entre São Paulo e Rio de Janeiro através do vale do Paraíba praticamente inutilizou o porto da

cidade. Por fim, a abolição da escravidão levou as propriedades rurais da região ao estagnamento completo.

Apesar das tentativas realizadas ao longo da década de 1930, a economia de Parati apenas iniciou a sua recuperação com a transformação da cidade em pólo turístico, sobretudo a partir da abertura da rodovia Rio-Santos, em 1970.

Embora atualmente o turismo represente a maior receita de Parati, alguns produtos agrícolas ainda são extremamente importantes para suas finanças, sobretudo a mandioca e a cana-de-açúcar, seguidos da banana e do palmito. Também são plantados no município arroz e feijão.

Desde 1985, o setor turístico gerou diversas empresas em Parati. Entre as mais de 600 empresas existentes hoje na cidade, a esmagadora maioria é composta de micro e pequenas empresas, das quais 184 voltadas para alojamento e alimentação. Este turismo vem se diversificando, ao incluir como atrativos passeios ecológicos por trilhas e caminhos na mata entre as muitas possibilidades do local.

### *Considerações sobre a historiografia de Parati*

A história de Parati vem sendo documentada fundamentalmente a partir de fontes escritas. Há, porém, um vasto acervo material ainda a ser devidamente preservado e investigado: os vestígios arqueológicos da ocupação indígena e da presença de comunidades quilombolas na região. Estes assentamentos humanos tiveram, ao longo da existência da cidade (especialmente quando esta era vila e mesmo povoação), uma estreita relação com as atividades nela desenvolvidas. Trabalhos recentes como o de Marisa Soares<sup>23</sup> assinalam a existência desses vestígios e da importância de estudá-los para ampliar-se o conhecimento sobre a história deste sítio urbano. Há fortes indícios de quilombo no morro de Pão de Açúcar, localizado no saco de Mamanguá, assim como de um caminho para chegada de escravos com entrada por Parati-Mirim<sup>24</sup>. Além dos vestígios arqueológicos, a pesquisa sobre os caminhos já conhecidos e a identificação de outros que funcionavam como rota alternativa ou ilegal de entrada de escravos são tarefas para próximas investigações históricas.

Um dos primeiros relatos escritos da chegada de europeus à região onde se situa Parati é o do viajante inglês Anthony

<sup>23</sup> Soares, Marisa. *De escravos do senhor a escravos de si mesmos. O tráfico de escravos com destaque para o atual município de Parati*. Laudo historiográfico. Convênio com a Fundação Palmares/MinC e o Instituto de Terras do Estado do Rio de Janeiro/SJ-RJ, dezembro de 1998. pp. 53-54.

<sup>24</sup> *Op. cit.*, p. 53.

Knivet<sup>25</sup>. O artigo da revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro reproduz o primeiro registro sobre a localização de Parati<sup>26</sup>. Knivet afirma que:

*“quando chegamos a Paratec [Parati], veio ter conosco, noite fechada, um selvagem de nome Aleijo, aldeia Jequerequere, S'tana Costa defronte da ilha de São Sebastião”*<sup>27</sup>.

O segundo registro histórico sobre Parati é o de frei Agostinho de Santa Maria<sup>28</sup>. Este autor tratou de realizar um levantamento dos santuários dedicados à Virgem Maria, espalhados em terras portuguesas. Com dez volumes escritos entre 1707 e 1723, é justamente neste último volume, publicado em 1723, que o autor dedica uma página para a vila de Parati e, particularmente, para a igreja matriz de Nossa Senhora dos Remédios.

A primeira referência ao traçado regular da cidade encontra-se na “Relação Histórico-Geográfica do Reino do Brasil” de Manuel Aires do Casal<sup>29</sup>. A linguagem utilizada pelo autor seguiu os princípios científicos do iluminismo europeu, preocupação da época em que o texto foi escrito, entre 1813 e 1817. A representação da imagem civilizada de uma vila dava-se através da ênfase em ruas retilíneas, praças bem delineadas e uniformidade dos elementos arquitetônicos: *“...situada em terreno plano no lado ocidental da baía da Ilha Grande entre o rio Patitiba, e o que lhe empresta o nome, com ruas direitas encruzadas retamente, bons edifícios de pedra, ornada com uma igreja paroquial da invocação de Nossa Senhora dos Remédios, e as capelas...”*<sup>30</sup>

A quarta obra onde se encontra referência a Parati é a de mosenhor Pizarro<sup>31</sup>. Da mesma forma que frei Agostinho, também este eclesiástico privilegia os aspectos religiosos da história e das construções, confirmando a relação intrínseca entre administração pública e a Igreja no período colonial. A obra de

Pizarro, escrita ao longo das duas primeiras décadas do século XIX, com o intuito de ser uma história eclesiástica do Rio de Janeiro, trata em seus sete primeiros volumes desta capitania, e nos três restantes de localidades como São Paulo, Minas Gerais, Santa Catarina, Colônia do Sacramento, entre outras. Acerca de Parati, o autor informa sobre a fundação do povoado de São Roque; a mudança deste para a área atual, à esquerda do rio Perequê-açu; a construção da capela e depois matriz de Nossa Senhora dos Remédios.

Segundo Pizarro, Parati centrou sua posição geográfica “situada em latitude quase igual à de Ilha Grande”<sup>32</sup> e na população nativa da região, os guaianás. A partir do deslocamento da população oriunda da Capitania de São Vicente, fundou-se o povoado conhecido como São Roque, em região distante “25 braças ao Norte” do rio Perequê-açu. Tal povoado, conhecido posteriormente como Vila Velha, foi desocupado com vistas à ocupação da área situada na várzea do mesmo rio, doada por Maria Jácome de Melo.

Seu primeiro templo não teria sido registrado em fonte alguma que não fosse oral, conforme alega Pizarro. Já a fundação da capela e depois igreja matriz de Nossa Senhora dos Remédios na várzea talvez seja o tema mais pesquisado e documentado por mosenhor Pizarro.

Em 1717 Parati era descrita como uma pequena vila com menos de 50 casas térreas. Segundo Pizarro, a maior parte delas em taipa, cobertas com palhas, um casario que acompanhava o eixo inicial de ocupação. Não existia cais e os embarques eram realizados na praia e nas margens dos rios próximos. O autor salienta o comércio considerável, realizado no início do século XIX, na povoação de Parati. O relato de Pizarro mostra uma Parati que, com a vinda da corte ao Rio, manteve-se como pólo produtor e exportador de gêneros alimentícios de várias espécies, por quase todo o século XIX.

25 Knivet, Anthony. “Narração da viagem que, nos anos de 1591 e seguintes, fez Antônio Knivet da Inglaterra ao mar do sul, em companhia de Thomas Cavendish”. *RIHGB*. Rio de Janeiro, t. XLI, pt. 1, 1878, pp. 183-272.

26 Ao contrário do indicado por outra obra ainda a ser comentada, o *Tricentenário*, que afirma apenas na segunda metade do séc. XVII haveria referências sobre o local.

27 Knivet. *Op cit.*, p. 226.

28 Santa Maria, Agostinho de. “Santuário mariano (...) em todo o bispado do Rio de Janeiro e Minas e todas as ilhas do oceano”. Lisboa: Oficina de Antônio Pedro Galvan, 1723. 10 v.

29 Casal, Manuel Aires do. *Corografia Brasileira*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: USP, 1976 (1817).

30 Casal. *Op. cit.*, 1976 (1817).

31 Araújo, José de Sousa Azevedo Pizarro e. *Memórias Históricas do Rio de Janeiro*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1945. 10 v. A edição original é de 1820, publicada pela Imprensa Régia.

32 Araújo. *Op. cit.* p. 27.

Pretendendo alterar a falsa tradição da criação do povoado de São Roque, hoje município de Parati, Honório Lima<sup>33</sup>, em 1889, confrontou alguns casos sobre a versão quase “oficial” de monsenhor Pizarro, consagrada a partir do livro *Memórias Históricas do Rio de Janeiro*, de 1820. Nesse trabalho de confrontação, o autor utilizou muitos dos dados quantitativos, datas e documentos levantados por Pizarro.

O organizador desta reedição comemorativa acrescenta ao livro publicado primeiramente em 1889, a *Monografia Histórica e Geográfica do Município de Parati*, encomendada pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e publicada na *Gazeta de Angra* ao longo dos primeiros meses de 1902<sup>34</sup>. Os artigos abordam desde a fundação do povoado de São Roque até os últimos anos do século XIX, que, segundo o autor, marcaram a decadência da cidade.

Segundo Honório Lima, em 16 de agosto de 1630 João Pimenta de Carvalho, que liderou a ocupação da área denominada Ponta da Defesa e ali fundou um povoado, erguera a capela dedicada ao santo que teria dado nome do povoado: São Roque. Em 1652, o povoado mudou-se para o local em que até hoje se encontra, com população superior a 800 habitantes, já que alcançara este número em 1650. Assim como o povoado de São Roque, em 1652 o novo local inicia a obra, dentre muitas outras que ainda ocorreriam, da sua igreja matriz batizada de Nossa Senhora dos Remédios. Em 1690, por ordem do capitão-mor de São Vicente e Itanhaém, Jorge Fernando da Fonseca, foi levantado o pelourinho no povoado, ao qual os habitantes se referiam como vila de Nossa Senhora dos Remédios do Parati.

Com o pelourinho, inicia-se a discussão sobre a fundação da vila. Para o autor, a vila só pode ser considerada historicamente fundada a partir de 28 de fevereiro de 1667, data da carta régia que aceita a existência de tal vila. Honório Lima não concorda com a versão de monsenhor Pizarro, que afirma, através de documentos não citados pelo primeiro, o ano de 1660 como legítimo para a fundação. Honório Lima argumenta questões administrativas, como a proibição de fundar vilas em sesmarias sem autorização da metrópole ou a ligação judicial e cartorial que Parati manteve com Angra dos Reis até a carta de

1667. Se para Honório Lima eram os documentos oficiais que importavam, para monsenhor Pizarro era o fato: existindo um pedido de autorização para uma vila, concedido pela carta régia, existia uma vila fundada, mesmo que fora das normas legais do período<sup>35</sup>.

A historiografia do século XX sobre Parati inicia-se apenas com Alberto Lamego, em 1948<sup>36</sup>. Trata-se de um trabalho com ênfase nas condições geográficas da região da Guanabara, inclusive suas planícies, recôncavos e restingas e a forma como o homem ocupou tal região ao longo dos cinco séculos. Sobre Parati, o autor ressalta a situação peculiar do município devido às suas condições adversas, resultado de uma ocupação de perfil comercial e não agrário, característico do restante do território guanabarinó. Segundo o autor, esta ocupação não teria permitido o desenvolvimento dinâmico e autônomo da região devido a seu papel intermediário entre caminhos para o interior e portos para o exterior. Mesmo assim, o autor indica uma agricultura paratiense que sobreviveu aos anos, viabilizando uma precária manutenção da cidade.

Diferentemente da historiografia anterior, que se dedicava principalmente à história eclesástica ou às minúcias da pouca documentação existente, Lamego analisou a situação histórico-geográfica peculiar da região.

Localizada no entroncamento do caminho terrestre para São Paulo e Minas e o caminho marítimo para o Rio de Janeiro, a região permaneceu por quase três séculos como local intermediário, cujo comércio abundante que passava por lá não fincava raízes nem expandia-se num processo de desenvolvimento autônomo.

Além disso, a incapacidade de se apropriar de tal movimentação comercial somava-se à impossibilidade de se implantar uma produção agrícola maciça e incentivadora da autonomia produtiva do local. Dessa forma, a região era vista como feitoria, local de carga e descarga ou passagem, onde a fugacidade de seus visitantes se justificava pela ausência de contatos ou interesse pela vida cultural e social do lugar. Como ponto de comércio estratégico no período aurífero e cafeeiro, São Paulo e Rio de

33 Lima. *Op. cit.*, 1972.

34 A *Monografia Histórica e Geográfica de Parati* foi publicada originalmente em 8 artigos na *Gazeta de Angra*, entre 8 de fevereiro e 3 de maio de 1902. Seu objetivo central era, segundo o organizador desta edição, Alípio Mendes, em texto introdutório, alterar “completamente a falsa tradição que temos da criação do povoado de São Roque, hoje município de Parati, assim como seus reais limites”. Lima. *Op. cit.*, p. 295.

35 Toda esta querela encontra-se nas páginas 270-271 e, em especial na nota 19, é interessante notar que, ao longo de toda a monografia, Honório Lima cita apenas uma vez o nome e trabalho de monsenhor Pizarro. Lima. *Op. cit.*, p. 284.

36 Lamego, Alberto Ribeiro. *O homem e a Guanabara*. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1948.

Janeiro disputavam sua jurisdição não como posse integradora, mas como caminho assegurado para outros intentos econômicos, voltados para as zonas internas das regiões.

Um comércio abundante, mas restrito a poucos paratienses levou Lamego a ressaltar a passagem onde monsenhor Pizarro afirma que havia pouca população se comparável à quantidade de transações comerciais que ocorriam na cidade. Em suma, o autor afirma que Parati sempre fora uma passagem, um entreposto comercial entre o mar e a montanha, dependente das culturas e desenvolvimento econômico das zonas internas do país, como a região das minas e do vale do rio Paraíba, sendo justamente o ápice do incremento dessas regiões, no caso da segunda através da construção da estrada de ferro, que contribuiu para uma forçada busca de identidade e autonomia da cidade para exemplificar este período no qual Parati não teve importância para os rumos do Império.

Em 1960, pelas comemorações do tricentenário de Parati, foi publicada a obra *Tricentenário de Parati: notícias históricas*<sup>37</sup>. Trata-se de uma reprodução fac-símile do tomo III das *Memórias Históricas do Rio de Janeiro* de monsenhor Pizarro, tirada da edição original feita pela impressão régia do Rio de Janeiro, em 1820. O livro reúne diversos documentos e seleciona alguns trechos de livros sobre a região, pretendendo tornar-se um guia de fontes para pesquisa de Parati. Baseado na obra de monsenhor Pizarro, coloca a obra deste autor como um divisor de águas nos estudos sobre o tema, legitimando-o como um cânone historiográfico. Prova cabal dessa intenção é a ratificação do ano de 1660, hipótese de Pizarro, como ano em que Parati teria obtido a autonomia como vila.

Na década de 1970, proliferam as análises sobre a economia fluminense e a região de Parati. O primeiro, de Brasil Gerson, trata da implementação das produções auríferas e cafeeiras no Brasil, com ênfase no papel exercido pelos fluminenses em seu território<sup>38</sup>. Em 16 capítulos, narra a implementação das condições históricas e avanços técnicos que tais produções demandavam, como a abertura de caminhos, uso de embarcações e, por fim, as estradas de ferro ligando o Rio de Janeiro ao vale do Paraíba. Concentrando suas análises nos séculos XVIII e XIX, o autor dedica grande parte do trabalho à área que compreende

a região do Caminho Novo aberto por Garcia Rodrigues. Parati aparece no texto como referência do passado, onde o caminho da serra do Facão é retratado como perigoso e demorado e a viagem marítima do porto da cidade ao Rio de Janeiro como rota de constantes ataques de piratas. Com a abertura do Caminho Novo, o autor verifica a sua praticidade, pois o que antes era feito em dois meses passou a ser feito em menos de um mês. O Caminho Novo atraiu a produção econômica do estado, provocando um deslocamento para o interior, que foi reforçado no século XIX, com a abertura da estrada de ferro ligando a região cafeeira do vale do Paraíba ao porto do Rio de Janeiro.

Destaca ainda o total esquecimento da importância da cidade e de toda a região da baía de Ilha Grande para a primeira fase da produção cafeeira do país. Estudando somente os cafezais do vale do Paraíba e as vantagens da estrada de ferro, Parati, segundo o autor, tem sido ignorada como porto importante para carga e descarga das mercadorias rumo ao interior de São Paulo, principalmente as regiões de Guaratinguetá, Pindamonhangaba e Taubaté.

No ano de 1973 é publicada a primeira obra integralmente dedicada a Parati, tendo em vista que todas as outras abarcavam estudos de toda a Capitania do Rio de Janeiro ou o Estado do Rio de Janeiro, ou de toda a área ao sul da cidade do Rio de Janeiro. O livro de Heitor Gurgel e Edelweiss Campos Amaral analisa a história de Parati com base em fontes levantadas em cartórios, arquivos da Câmara, prefeitura e Casa Paroquial da cidade<sup>39</sup>. Os documentos informam sobre as primeiras sesmarias, a situação privilegiada da cidade e seu porto, caminho obrigatório entre o Rio de Janeiro, São Paulo e Minas, e a sua decadência depois da utilização de outros caminhos por ordem da Coroa.

Os dados mais relevantes do trabalho destes autores encontram-se no capítulo intitulado “Nos empoeirados Arquivos do Senado da Câmara”. São temas e discussões que, ao longo dos séculos XVIII e XIX, davam conta de questões como urbanização da cidade, reflorestamento, casa própria, saúde pública, cobrança de pedágio, etc. Além dos fatos e passagens pitorescos da cidade.

Dentre estes, oito são os pontos que devem ser destacados: o primeiro item chama-se “Arruador Errado”, onde se

37 Araújo, José de Sousa Azevedo Pizarro e, et al. *Tricentenário de Parati: notícias históricas*. Rio de Janeiro: Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 1960.

38 Gerson, Brasil. *O ouro, café e o Rio*. Rio de Janeiro: Liv. Brasileira, 1970.

39 Gurgel, Heitor e Amaral, Edelweiss Campos de. *Parati: caminho do ouro*. Rio de Janeiro: Liv. São José, 1973.

discute o “entortamento de várias ruas de Parati” no século XVIII<sup>40</sup>. O arruador Antônio Fernandes da Silva entortava as ruas “... para retirar delas o vento encanado que prejudicava a saúde dos moradores com constantes resfrios”<sup>41</sup>. Tal decisão causou celeuma entre os vereadores da época, que chamaram o dito arruador às falas.

O segundo ponto, “Casa própria sem impostos”, consiste no projeto de lei aprovado em 22 de dezembro de 1797, que isentava de impostos a casa própria de quem quisesse, em 18 braças de chão, “... se fixar no local prometendo plantar terra e alimentos”<sup>42</sup>. As terras, doadas pela Câmara, davam frente para a Rua do Rosário e fundos para a travessa da Cadeia.

Por fim, os autores destacam um “Recenseamento” ocorrido em 1833, em que se encontravam “9.653 pessoas, sendo 3.019 homens livres, 1.809 homens cativos e 1.636 mulheres cativas, além de 29 estrangeiros”<sup>43</sup>. Assim, este é o primeiro estudo que analisa especificamente Parati, salientando os seus notáveis aspectos.

Três anos após a obra de Gurgel & Amaral, em 1976 são publicados três livros sobre a cidade. Cabe lembrar, neste momento, a abertura da estrada para Santos, a BR-101, inaugurada em 1975, sugerindo uma redescoberta de Parati para o Brasil.

A primeira obra a ser destacada é a de José Diuner Melo, com o título curioso *Parati: roteiro do visitante*, já renunciando o desenvolvimento do turismo após a viabilidade de acesso através da nova estrada.<sup>44</sup>

Melo destaca o caráter eminentemente comercial da cidade de Parati, o que teria influenciado sua arquitetura, chamada por este de “simples e funcional”. Ainda segundo o autor, as construções eram casas térreas ou sobrados que “têm em sua frente somente portas, isto porque a parte da frente era armazém, e os fundos residência”<sup>45</sup>. Ele se refere também ao calçamento da cidade, chamando-o de “pé-de-moleque” e da sua função de escoamento da água das chuvas ou das marés altas. Sobre as ruas, ressalta as versões para suas sinuosidades. A primeira, a de prevenir ataques de piratas e índios, facilitando a armação de

barricadas e emboscadas. A outra, “a necessidade de se distribuir equitativamente o sol e a sombra em todas as direções e canalizar os ventos para os pátios internos das casas, à moda mourisca”<sup>46</sup>.

Em relação à história da cidade, Diuner Melo refere-se ao momento de edificação do pelourinho, realizado sob as ordens do alferes Domingos Gonçalves de Abreu em 1660, como uma “revolta popular” em prol do desligamento de Parati em relação à vila de Nossa Senhora da Conceição de Angra dos Reis. Marca também os principais eventos históricos de formação da cidade: em 1725 a vila assumiu a condição de Paróquia; em 16 de janeiro de 1726 uma carta régia separa Parati de São Paulo, anexando-a ao Rio de Janeiro. A construção do forte hoje conhecido como Defensor Perpétuo teria ocorrido em 1703. Em 17 de dezembro de 1813 a vila recebe o título de condado; a Lei Provincial nº 301, de 10 de março de 1844, elevou Parati à categoria de cidade; e em 3 de janeiro de 1890, foi criada a comarca.

Ainda em 1976 Teresa Maia lançou dois livros sobre a região. O primeiro, *Parati: religião e folclore*, realiza uma análise das antigas publicações locais, de atas e compromissos das irmandades para discutir as manifestações religiosas e folclóricas de Parati<sup>47</sup>. A autora registra o povoamento por moradores de São Vicente nos primeiros anos do século XVII; a fundação da capela de São Roque; a mudança por volta de 1646/7 para o atual local da cidade, onde se construiu a primeira capela em louvor de Nossa Senhora dos Remédios em terreno doado por Maria Jácome de Melo; a fundação da vila, que envolve as datas polêmicas de 1660 ou 1667; o apogeu da vila de Nossa Senhora dos Remédios de Parati ao longo do século XVIII devido ao fluxo constante do caminho do ouro; a disputa entre as Capitanias do Rio de Janeiro e São Paulo pelo domínio da vila (1720-26); e o abandono do caminho da serra do Facão para as minas ainda no século XVIII.

Nessa obra deve-se ressaltar o segundo diferencial frente a outros trabalhos sobre a cidade. Em vez de apostar na decadência profunda de Parati durante todo o século XIX, a autora mostra que, na época em que o Segundo Império concede

40 Gurgel & Amaral. *Op. cit.*, p. 84.

41 *Id. Ibidem.*

42 Gurgel & Amaral. *Op. cit.*, p. 85.

43 Gurgel & Amaral. *Op. cit.*, p. 97.

44 Melo, José Diuner. *Parati: roteiro do visitante*. Rio de Janeiro: Gráfica Olímpica, 1976.

45 Melo. *Op. cit.*, p. 4

46 *Id. Ibidem.*

47 Maia, Teresa Regina de Camargo. *Parati: religião e folclore*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Arte e Cultura, 1976.



foros de cidade à vila (1844), seu porto tinha intenso movimento devido ao embarque de café e desembarque de mercadorias luxuosas para as fazendas do vale do Paraíba. Ou seja: não é o fim do ciclo do ouro e a abertura de novos caminhos que levam Parati à estagnação.

A autora termina seu balanço histórico com o fato de a ferrovia ter liquidado o porto, a partir da construção da estrada de ferro pelo vale do Paraíba em 1863. Assim, ocorreu forte decadência e esvaziamento populacional da cidade. Até seu ressurgimento como pólo turístico na segunda metade dos anos 50, no século XX.

Segundo a autora, o golpe de misericórdia foi a abertura da estrada de ferro entre São Paulo e o Rio de Janeiro através do vale do Paraíba, inviabilizando o porto da cidade; e a abolição da escravidão, golpe fatal que pautava as produções da cidade em mão-de-obra rural, caso do café. Como consequência imediata, Parati sofreu uma queda brutal no valor de seus imóveis, atingindo o máximo na década de 1900–1910, e o esvaziamento completo da cidade, principalmente após a tentativa frustrada de ligar a cidade até Guaratinguetá por estrada de ferro. O caminho da serra do Facão foi abandonado, restando a partir de 1908 apenas uma precária ligação marítima com Angra dos Reis, como no século XVII.

Como outros autores, ressalta-se que de tal abandono decorre tanto um lado nocivo como um outro, positivo, do ponto de vista urbanístico. Se muitas edificações ruíram, “*conta o povo que houve época em que ruía um sobrado por mês*”<sup>48</sup>, a situação de imobilidade e ausência da idéia de progresso preservou não só a estrutura urbana da cidade – ordem e forma das ruas, localização de edifícios históricos – como sua paisagem como um todo.

O segundo livro, escrito em co-autoria de Tom Maia, *Do Rio a Santos*, é um trabalho dedicado ao litoral sul carioca e norte paulista, cujo objetivo foi ilustrar, através de 74 gravuras, suas principais cidades e distritos, entre eles Parati<sup>49</sup>. O livro traz ainda um breve resumo histórico da área, abordando questões que envolvem suas origens, características religiosas, desenvolvimento comercial e urbano e a estagnação, fato comum a praticamente todas as regiões no final do século XIX. Os autores destacam Parati pela sua produção de aguardente e o valor do seu patrimônio arquitetônico.

Em 1979, Teresa Regina de Camargo Maia e Tom Maia, na obra *Parati*, com os mesmos dados utilizados nas publicações anteriores, iniciam a história da cidade ainda na expansão territorial que os primeiros povoadores de São Vicente levaram a cabo na região<sup>50</sup>. A autora data do início do século XVII as primeiras “vivendas” que deram origem ao povoado de São Roque, mais ou menos 25 braças para o norte do rio Paratiguauçu [Pe-requê-açu], que corta a região. Seguiu-se a doação de sesmarias de posse de Maria Jácome de Melo, de 4 de outubro de 1630, para louvor de Nossa Senhora dos Remédios. A sesmaria correspondia ao local onde foi fundada a vila de Nossa Senhora dos Remédios de Parati, com construção da capela de mesmo nome que se tornou igreja paroquial e, mais tarde matriz. Os autores ressaltam, mais uma vez, a excelente localização da vila – com porto de bons ventos e base do caminho natural para o Rio de Janeiro, São Paulo, Minas e as áreas comuns do vale do Paraíba – como uma das bases de escolha da sua localização.

Teresa Maia e Tom Maia destacam algumas citações para marcar o período áureo de Parati, quando a exclusividade do “caminho do ouro” fazia da vila ponto estratégico para a coroa portuguesa. São desse período a criação da Casa de Quintos de Ouro na vila, por carta régia de 9 de maio de 1703, e as proibições sobre novos caminhos. Após a abertura do Caminho Novo da Piedade, atual Lorena, ligando Rio e São Paulo pelo vale do Paraíba, Parati foi esvaziada do comércio do ouro pela ação freqüente de corsários na baía de Ilha Grande.

É interessante a descrição do caminho da serra do Facão, chamada de “serra do Quebra-Cangalha”, por causa dos perigos no percurso. Para balizar este período, os autores citam como fontes as informações do governador Aires de Saldanha Albuquerque a Dom João V (9/10/1724), a passagem do conde de Açumar por esta vila (1717) e a carta régia de 24 de maio de 1715, definindo o estabelecimento de um registro e cobrança do quinto.

Os autores salientam que, no início do século XIX, o vácuo comercial e ocupacional proporcionado pelo desuso da serra do Facão foi preenchido com a bonança das fazendas de café do vale do Paraíba.

A partir da riqueza proporcionada pela expansão econômica cafeeira, a autora aponta o surgimento de uma arquitetura peculiar à cidade, com “...paredes de pedra e cal, tijolos e

48 Maia. *Op. cit.*, p.26.

49 Maia, Teresa Regina de Camargo, e Maia, Tom. *Do Rio a Santos*. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1976.

50 Maia, Teresa Regina de Camargo, e Maia, Tom. *Parati*. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1979.

taipa de mão, grades de ferro e ornamentos em relevo ao lado de peças decorativas de porcelana”<sup>51</sup>. Ela traz ainda uma descrição sobre as casas paratienses, retirada do trabalho de Gomes Cardim Filho. Segundo o autor, a cidade constituía-se de “casas térreas, de porta e de uma, duas ou quatro janelas; seus sobrados de um andar, encimados com o tradicional sótão; suas vidraças de caixilharia de madeira, das salas de jantar e das cortinas; suas guilhotinas de rótulas variadas; seus balcões marcados pelos buzínates trabalhados, com grades de madeira ou ferro; seus beirais encachorrados de madeira, reboco ou com telhas coloridas, de louça portuguesa; a cor de suas fachadas e janelas, na pura intensidade de um vermelhão com azul-cobalto, ou de um marrom-escuro e, de quando em vez, um verde-garrafa”<sup>52</sup>.

Em relação às igrejas da cidade, Teresa Maia e Tom Maia mencionam a dos Remédios para os “brancos burgueses”; a do Rosário para os “africanos e escravos”; e a de Santa Rita para os “pardos forros”. A de Nossa Senhora das Dores ficava reservada à elite. Teresa Maia confirma em sua obra *Parati: religião e folclore* informações sobre a filiação direta da igreja de Nossa Senhora das Dores com a elite paratiense, uma irmandade fechada, com forte discriminação racial. A autora dá ainda indicações de locais de construção das capelas de Santa Cruz da Generosa “...localizada em sítio bastante central, ainda que escondida atrás da igreja matriz de Nossa Senhora dos Remédios, à margem direita do rio Perequê-Açu no Beco do Propósito”<sup>53</sup> e da Santa Cruz das Almas, localizada no “... antigo caminho do Pelourinho, hoje Rua Presidente Pedreira”<sup>54</sup>. Tais indicações são interessantes não só pelas capelas, mas pela referência ao local da igreja da matriz e do pelourinho.

O Decreto nº 1.450, que erigiu a cidade em Monumento Histórico, é datado de 1945; e o que a transformou em Monumento Nacional, sob nº 58.077, é de 24 de março de 1966. Segundo Teresa Maia, em *Parati: religião e folclore*, a população da cidade na década de 1960 era de 12.085 habitantes sendo 6.278 em área urbana e na de 1970, 16.800 habitantes. Parati sairia definitivamente do ostracismo a partir da construção da estrada para São Paulo, através da velha trilha da serra do Facão, e com a BR-101 (Rio-Santos), assumindo o perfil de cidade turística.

Somente na década de 1990 ter-se-ia outro estudo de caráter mais acadêmico relativo a Parati. Marina de Melo e Sousa, com base em ampla pesquisa histórica, retoma alguns pontos já destacados pelos autores anteriormente mencionados, porém reforça a argumentação de Pizarro de que Parati não teria sofrido declínio econômico após a abertura do Caminho Novo, no século XVIII<sup>55</sup>. O livro traz novas informações sobre a história de Parati, principalmente sobre a sua formação urbana. A autora examina as mesmas fontes e obras de referência utilizadas em outros trabalhos, formulando conclusões mais apuradas sobre os temas-chave da história da cidade.

Partindo da ocupação do local, no início do século XVII, a autora afirma que esta ocorreu porque o governo vicentino estimulava o assentamento de habitantes e o desenvolvimento de atividades econômicas na região do atual município de Parati. De acordo com a política então vigente de distribuição de sesmarias foi ocupada a área do “morro do Forte”, chamada Vila Velha (ponto germinal da povoação). No livro, a trajetória da cidade não difere do que é mencionado em outros trabalhos e, baseando-se em monsenhor Pizzaro, a autora cita trechos do *Diário da jornada de D. Pedro de Almeida* (Conde de Açumar), que em 1711 passou pela região. Nessa época, segundo a autora, enquanto Parati tinha 50 casas, Bertioga (SP) contava 350.

O século XVIII, após a intensificação do processo aurífero, é o século de ouro da cidade; se em 1711 havia somente 50 casas, em 1800 eram por volta de 400 as casas e sobrados. Mas um ponto que a autora ressalta, ao contrário dos outros trabalhos, é que não foi no porto ou em seus caminhos, logo preteridos por outros, que se assentou mais de um século de crescimento seguido por parte da cidade. É na sua produção de gêneros alimentícios, principalmente na produção de aguardente, que Parati consegue tirar proveito de situações como o abastecimento da região das minas, do vice-reino do Rio de Janeiro e como elemento-chave no comércio negreiro da época. A autora lembra que a aguardente de Parati detinha alto valor de troca como moeda no tráfico de escravos africanos, principalmente nas costas de Angola – era o binômio “pinga/escravo”. Ou seja: o século XVIII torna-se o século do progresso, devido às intensas atividades comerciais que envolviam a cidade. Vale ressaltar que

51 Maia & Maia. *Op. cit.*, p. 21.

52 *Id. Ibidem.*

53 Maia, Teresa. *Parati: religião e folclore*, p. 116.

54 *Id. Ibidem.*

55 Sousa, Marina Melo e. *Parati: a cidade e as festas*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/ Tempo Brasileiro, 1994.

o movimentado porto da cidade, construído na metade do século XVIII, era também local de disseminação de idéias e novidades do Brasil e do mundo, já que recebia inúmeras embarcações de cabotagem do nordeste ao sul do país. Ainda demonstrando os avanços desses tempos, em 1755 já chegava o correio a cavalo vindo das vilas paulistas do vale, dali embarcando para o Rio.

Em início do século XIX, Parati encontrava-se com suas principais igrejas construídas, e sua matriz sendo ampliada. Entre outros aspectos, segundo a autora, “à época da independência do Brasil, em 1822, a Vila de Parati já tinha todas as ruas do agora chamado Centro Histórico, além de outras artérias de ligação com o interior da freguesia e a serra”<sup>56</sup>.

Entre as fontes primárias escritas de grande importância na história do sítio urbano de Parati encontram-se os Códigos de Posturas, em especial os de 1831 e de 1870. O registro das “Posturas da Câmara Municipal da Vila de Nossa Senhora dos Remédios de Parati”, aprovado em 1831, estava perfeitamente de acordo com o de qualquer outro dos maiores centros urbanos do país. Ao buscar garantir um aspecto ordenado do núcleo urbano, as autoridades tentavam regulamentar a conservação e a construção das casas dentro do limite da vila, estabelecendo o alinhamento das fachadas, medidas das portas, janelas, prumadas. Na tentativa de evitar o incêndio, as construções em madeira e as coberturas de palha deveriam ser trocadas por telhas, com aplicação de multas aos infratores. Havia ainda a exigência de demolição de casas na iminência de ruir.

Em 1870 houve nova aprovação pela Assembléia Legislativa Provincial, que repetiu basicamente o primeiro texto. Recomendava-se o alinhamento das casas e, por ocasião da sua reconstrução, deveriam ser recuadas as edificações que estivessem avançadas e trazidas para frente aquelas que desalinhassem a rua. Essa legislação leva a autora a uma importante conclusão no que se diz respeito ao Centro Histórico de Parati: seu traçado é o mesmo desde princípios do século XIX, suas casas e edifícios históricos, porém, seu alinhamento e uniformidade estética são planejados oficialmente ao longo do século. Segundo a autora, mais uma vez muitas construções (ou suas reformas) são do século XX, mas quando localizadas dentro do perímetro urbano original, seguiram as normas definidas pela câmara municipal e, bem posteriormente, pelo patrimônio histórico.

No Arquivo Noronha Santos, no IPHAN, em pastas que contêm documentação diversificada e ainda por identificar,

podemos encontrar muitas outras informações sobre a história da formação urbana de Parati<sup>57</sup>. Estas pastas encerram desde documentos originais e transcrições de escrituras de compra e venda de casas e terrenos em Parati a cartas de alforria de escravos indígenas de fins do século XVII. Entre outros documentos cartorários, há listas de proprietários de imóveis, folhetos de divulgação da história da cidade para visitantes (com dados sobre a formação de ruas e ocupação do espaço) e recortes de jornais e revistas com matérias sobre a situação da cidade em diferentes momentos de sua história no século XX. A diversidade e o volume da documentação não permitiram uma consulta detalhada, o que provavelmente enriqueceria muito este trabalho. Mas tal conjunto de fontes somente foi localizado durante a fase de redação e revisão final do texto da Pesquisa Histórica.

Parati, nos últimos anos do século XIX, continuava a viver como vila colonial, sem meios de transporte eficientes, sem saneamento e sem iluminação, prosseguia comerciando com outros lugares e mantendo uma vida social ativa, não sendo uma cidade fantasma. Assim, os seus laços mais fortes, baseados na produção, nas formas de transporte disponíveis, na sociabilidade local e no imaginário da própria comunidade, ainda eram vividos da mesma forma que no período colonial.

No ano de 2001, um conjunto de estudiosos – historiadores, arquitetos, autoridades – se reuniu no Seminário Parati – Planejamento e Patrimônio Mundial. Dentre numerosos trabalhos apresentados, encontra-se o da arquiteta do IPHAN Isabele Cury, intitulado “O Porto do Ouro – A evolução urbana de Parati do século XVII até o século XIX”. A autora faz uma análise da formação urbana de Parati e propõe uma periodização para entender este processo:

- O primeiro, o primitivo núcleo vicentino situado no morro da Vila Velha, atual morro do Forte Defensor Perpétuo, do início do século XVII;
- O segundo antes dos meados do século XVII, quando a povoação passa a ocupar a várzea entre os rios Perequê-açu e Patitiba até final do século XVII, em função da abertura do caminho dos bandeirantes;
- Terceiro, após a descoberta do ouro, em 1695, quando o porto da cidade passa a ter importância e são tomadas as medidas de defesa e ordenamento do núcleo;

56 Sousa, Marina de Melo e. 1994, p. 43.

57 Pastas 1553, 1554, 1555 e 1556 na Caixa 0404 e pastas 1557, 1558 e 1559 na Caixa 0405.

- O quarto, de estruturação do núcleo, que vai do final do século XVIII até o primeiro quartel do século XIX, quando a cidade se expande, recebe novas obras de fortificação e aparecem as posturas municipais;
- O quinto, de consolidação urbana, quando se observam os cuidados com o alinhamento das edificações e embelezamento dos edifícios públicos e das praças, após 1840, quando são retomados os caminhos para o escoamento da produção de café.

A autora, apesar de reconhecer a importância da produção de aguardente como base para o entendimento do quarto período, ao referir-se ao quinto período toma a palavra desenvolvimento, indicando que apenas os períodos auríferos e o do café no vale do Paraíba teriam sido de importância maior, caracterizando uma estagnação econômica ou até mesmo um declínio quando do auge da produção de aguardente. O próprio título de seu trabalho mostra o peso que foi dado à passagem do ouro por Parati.

No que concerne a outros tipos de fonte, temos ainda as teses de mestrado e doutorado e trabalhos acadêmicos direcionados ao estudo sobre a história de Parati, em seus diferentes aspectos. Na década de 1970, o norte-americano Joseph Kiernan realizou uma pesquisa detalhada para sua tese de doutorado sobre a alforria em Parati entre os anos 1789 e 1822. Neste trabalho, consultando, além de outras fontes, os arquivos cartoriais locais – como registros em testamentos, inventários e processos criminais – elaborou um estudo sobre a vida urbana em Parati no período, com dados esclarecedores sobre as relações sociais, a composição da população e sua distribuição no espaço da cidade. A partir dos dados que apresenta, utilizando censo da época<sup>58</sup> e estudo de Manuel da Silva Mariz<sup>59</sup>, se toma conhecimento de que cerca de 40% da população de Parati nas

primeiras décadas do século XIX eram escravos, e que a maioria deles vivia na área urbana<sup>60</sup>. Ainda segundo estes estudos, a população branca era majoritariamente rural – apenas 32% viviam na vila<sup>61</sup>, o que leva à conclusão de que em Parati havia uma população escrava significativa em começos do século XIX. E, se considerarmos que entre a população considerada branca nos registros haveria provavelmente um contingente de mestiços, temos uma Parati nos últimos anos do período colonial com forte presença afro-descendente. Estas informações, além de diversas outras sobre o padrão de alforria em Parati no período citado, dados sobre a produção de aguardente e sua relação com o tráfico de escravos, podem ser extraídas da excelente pesquisa feita por este historiador em sua tese. Vale ressaltar que este trabalho só recentemente pôde ser acessado por pesquisadores brasileiros e obtido por via digital.<sup>62</sup>

Entre os trabalhos mais recentes, encontra-se também o laudo historiográfico de Marisa de Carvalho Soares, realizado a pedido da Fundação Palmares e do Instituto de Terras do Rio de Janeiro, em 1998. Neste relatório, a autora, professora doutora do Departamento de História da Universidade Federal Fluminense (UFF), apresenta dados sobre o tráfico de escravos para o Rio de Janeiro e Parati e sobre as relações dos índices de flutuação desta atividade comercial e a economia local. Reúne ainda, a partir de pesquisas em documentação dos séculos XVIII e XIX e entrevistas com habitantes da localidade, indicadores da presença de comunidades quilombolas na região<sup>63</sup>. Destaca-se no seu trabalho o questionamento sobre a significativa ausência ou pouca menção ao passado escravista na produção historiográfica sobre Parati e mesmo nos materiais de divulgação existentes sobre a história da cidade, considerando sua importância e a expressiva dimensão demográfica e econômica da população escrava.

Outra fonte fundamental para obtenção de novos dados para este trabalho encontra-se na dissertação da arquiteta Isabele Cury<sup>64</sup>, ainda não liberada para consulta do grande público, cujos documentos e fontes anexas (plantas, mapeamentos,

58 “Mapa da população da Corte e província do Rio de Janeiro em 1821” in *RIHGB*, t. 33, n.2, 1870. p. 137

59 Mariz, Manuel da Silva. *Estado da Vila de Parati, sua povoação, termo e outras informações ... (1790)*, IHGB, lata 48, n.19, citado por J. Kiernan, *Op.cit.*, p. 26.

60 Kiernan, J. Patrick. *Op. cit.*, p. 25.

61 *Id., ib.*

62 A tese de J. Kiernan foi disponibilizada via ProQuest Co. (www.proquest.com) em 2002, na base de dados da UMI (University Microfilms International). Há uma cópia impressa na Biblioteca Noronha Santos/IPHAN.

63 Soares, Marisa de Carvalho. *Op. cit.*

64 Cury, Isabele. *A evolução urbana e fundiária de Parati do século XVII ao século XX, em face da adequação das normas de proteção de seu patrimônio cultural*. Dissertação apresentada à Comissão Examinadora da faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 2002.

transcrição dos Códigos de Posturas) foram, porém, disponibilizados para esta pesquisa. Seu trabalho traz uma síntese da evolução da formação urbana de Parati e agrega importantes informações sobre alterações ocorridas no traçado da cidade ao longo de sua história. O objetivo da tese de mestrado seria o de articular estas informações a algumas sugestões de ações para preservação do patrimônio cultural local.

Ainda nas dissertações de mestrado em Arquitetura voltada para a evolução da formação urbana de Parati, temos o trabalho da arquiteta Laura Bahia R. Moure, o qual contém uma seção dedicada a uma análise da história de Parati de grande valia para a compreensão da constituição dos diferentes segmentos deste espaço urbano. A autora da tese, além de um estudo geral sobre o Centro Histórico, nos oferece em seu trabalho maiores informações sobre a ocupação de áreas periféricas ao Centro em Parati, ao longo do tempo, ampliando a visão sobre as relações do núcleo urbano central e o seu entorno. A preocupação central da dissertação não é traçar um histórico da cidade, mas sim relacionar a apropriação do espaço urbano com as relações sociais que se estabelecem naquele espaço em fins do século XX. Porém, ao recuperar a historicidade deste processo, remontando

a tempos anteriores, ilumina aspectos até então obscuros da hierarquização social do espaço urbano na formação de Parati<sup>65</sup>.

Finalmente, seria importante destacar uma grande lacuna nos estudos históricos sobre Parati, já sinalizada por alguns trabalhos aqui citados<sup>66</sup>: a relativa ausência de estudos sobre o papel dos escravos na vida da cidade. Dados demográficos apontam para um percentual representativo de cativos em 1821 na população de Parati: 41.2%<sup>67</sup>. E estes escravos não se limitavam a atividades rurais, ao cultivo da cana e produção de aguardente. Eram muito numerosos entre os habitantes, compondo cerca da metade da população<sup>68</sup>. Sem falar nos forros, os libertos ‘de cor’, que também marcavam sua presença na sociedade de Parati, provavelmente integrando o vasto grupo de pardos.

Nos trabalhos consultados, sobretudo nos estudos destinados ao público visitante e à divulgação da história local, estes escravos – majoritariamente africanos como em todo o Brasil – são esquecidos. Pesquisar e desvendar as diferentes funções desempenhadas por eles na cidade e sua influência na demarcação dos espaços e na constituição do patrimônio material e imaterial deste sítio urbano tombado são um desafio para os próximos estudiosos.

65 Moure, Laura Bahia Ramos. “Mobilidade social e apropriação do espaço em Parati. 1970-2000”. Rio de Janeiro, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo/UFRJ, 2003.

66 Especialmente os de Marisa Soares e Marina de Melo e Sousa.

67 Kiernan, J.P. *Op.cit.*, pp. 31-32.

68 *Id.ib*, p. 40.

.....

## *Dados dos imóveis*



Os dados apresentados a seguir são uma pequena amostra das informações reunidas no sistema INBI/SU, provenientes dos levantamentos de campo – planialtimétricos, físico-arquitetônicos e entrevistas – realizados em 2002, na cidade de Parati.

O método INBI/SU sistematiza as informações em cinco diferentes formulários (Características dos lotes; Características arquitetônicas; Estado de conservação; Questionário/unidade residencial; Questionário/unidade não residencial), que alimentam um banco de dados, permitindo o cruzamento de informações e a elaboração de gráficos e relatórios para o estudo dos sítios urbanos, com a análise dos seus elementos formais associada a dados e opiniões dos moradores e usuários sobre a cidade onde vivem.

Aqui estão reunidos alguns dados textuais, fotos, plantas de localização e coberturas. O sistema de informações INBI-SU ainda se encontra em fase de consolidação para disponibilização em ambiente Web.

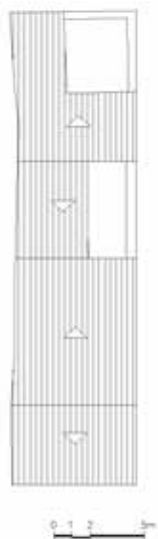
Os imóveis vagos, em obras e nos quais o morador/ usuário não permitiu o acesso ou não foi encontrado acarretam o preenchimento resumido dos formulários, apresentando alguns campos em branco. Em Parati, cerca de 30% dos imóveis foram levantados parcialmente, por se tratar de uma cidade de veraneio, em que muitos deles permanecem fechados durante a semana, além de um significativo índice de recusas dos moradores em permitir a entrada das equipes de levantamento.

*RUA AURORA, 1*



*Endereço: Rua Aurora, 1*  
*Uso atual: residencial*  
*Uso anterior: armazém*  
*Gabarito: 1*  
*Outros gabaritos: -*  
*Área do lote: 129,29 m<sup>2</sup>*  
*Área de projeção: 97,44 m<sup>2</sup>*  
*Estado de conservação: bom*

*RUA AURORA, 4*



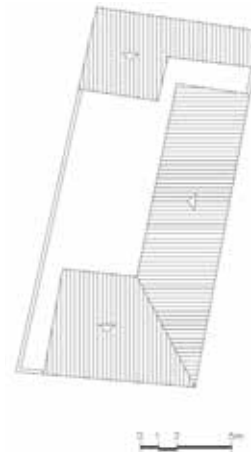
*Endereço: Rua Aurora, 4*  
*Uso atual: residencial*  
*Uso anterior: residencial*  
*Gabarito: 1*  
*Outros gabaritos: -*  
*Área do lote: 188,93 m<sup>2</sup>*  
*Área de projeção: 143,89 m<sup>2</sup>*  
*Estado de conservação: satisfatório*

RUA AURORA, 29



Endereço: Rua Aurora, 29  
Uso atual: residencial  
Uso anterior: residencial  
Gabarito: 1  
Outros gabaritos: mezanino  
Área do lote: 133,24 m<sup>2</sup>  
Área de projeção: 85,12 m<sup>2</sup>  
Estado de conservação: satisfatório

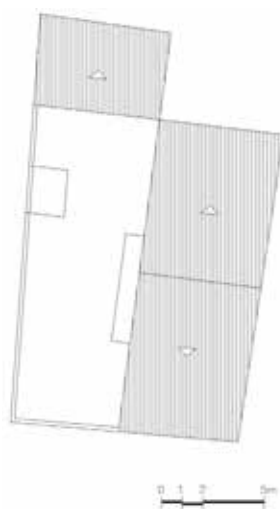
RUA AURORA, 72



Endereço: Rua Aurora, 72  
Uso atual: residencial  
Uso anterior: terreno vazio  
Gabarito: 1  
Outros gabaritos: -  
Área do lote: 191,54 m<sup>2</sup>  
Área de projeção: 123,13 m<sup>2</sup>  
Estado de conservação: bom



*RUA AURORA, 77-162*



*Endereço: Rua Aurora, 77-162*

*Uso atual: residencial*

*Uso anterior: residencial*

*Gabarito: 1*

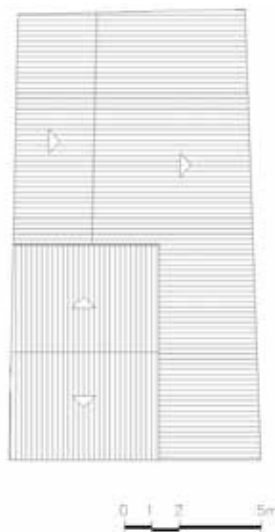
*Outros gabaritos: pavimento recuado*

*Área do lote: 208,46 m<sup>2</sup>*

*Área de projeção: 119,08 m<sup>2</sup>*

*Estado de conservação: satisfatório*

*RUA AURORA, 102*



*Endereço: Rua Aurora, 102*

*Uso atual: residencial*

*Uso anterior: sem informação*

*Gabarito: 2*

*Outros gabaritos: -*

*Área do lote: 99,06 m<sup>2</sup>*

*Área de projeção: 61,83 m<sup>2</sup>*

*Estado de conservação: bom*

RUA AURORA, 139



Endereço: Rua Aurora, 139  
Uso atual: serviço  
Uso anterior: sem informação  
Gabarito: 1  
Outros gabaritos: -  
Área do lote: 172,38 m<sup>2</sup>  
Área de projeção: 151,29 m<sup>2</sup>  
Estado de conservação: bom

RUA AURORA, 149



Endereço: Rua Aurora, 149  
Uso atual: comercial  
Uso anterior: sem informação  
Gabarito: 1  
Outros gabaritos: -  
Área do lote: 161,92 m<sup>2</sup>  
Área de projeção: 161,92 m<sup>2</sup>  
Estado de conservação: bom

*RUA AURORA, 157*



*Endereço: Rua Aurora, 157*

*Uso atual: residencial*

*Uso anterior: armazém*

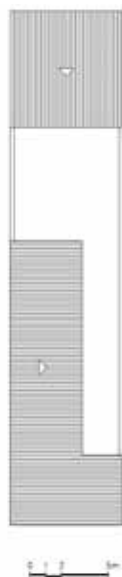
*Gabarito: 1*

*Outros gabaritos: -*

*Área do lote: 232,87 m<sup>2</sup>*

*Área de projeção: 132,50 m<sup>2</sup>*

*Estado de conservação: bom*



*RUA AURORA, 184*



*Endereço: Rua Aurora, 184*

*Uso atual: residencial*

*Uso anterior: sem informação*

*Gabarito: -*

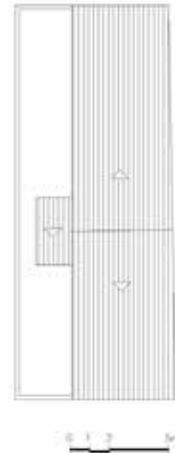
*Outros gabaritos: -*

*Área do lote: -*

*Área de projeção: -*

*Estado de conservação: -*





RUA AURORA, SNº  
(AO LADO Nº 102)

Endereço: Rua Aurora, snº (ao lado nº 102)

Uso atual: residencial

Uso anterior: armazém

Gabarito: 1

Outros gabaritos: -

Área do lote: 129,29 m<sup>2</sup>

Área de projeção: 97,44 m<sup>2</sup>

Estado de conservação: bom



RUA AURORA, SNº (ESQ.  
DOMINGOS G. DE ABREU)

Endereço: Rua Aurora, snº (esq. Domingos G. de Abreu)

Uso atual: residencial

Uso anterior: armazém

Gabarito: 1

Outros gabaritos: -

Área do lote: 129,29 m<sup>2</sup>

Área de projeção: 97,44 m<sup>2</sup>

Estado de conservação: bom

*RUA AURORA, SNº  
(RUY OHTAKE)*



*Endereço: Rua Aurora, snº (Ruy Ohtake)*

*Uso atual: residencial*

*Uso anterior: armazém*

*Gabarito: 1*

*Outros gabaritos: -*

*Área do lote: 129,29 m<sup>2</sup>*

*Área de projeção: 97,44 m<sup>2</sup>*

*Estado de conservação: bom*

*PRAÇA DA BANDEIRA, 1*



*Endereço: Praça da Bandeira*

*Uso atual: comércio*

*Uso anterior: sem informação*

*Gabarito: 1*

*Outros gabaritos: -*

*Área do lote: 1.019,83 m<sup>2</sup>*

*Área de projeção: 941,47 m<sup>2</sup>*

*Estado de conservação: bom*

RUA DA CADEIA, E-10



Endereço: Rua da Cadeia, E-10

Uso atual: vago

Uso anterior: sem informação

Gabarito: 1

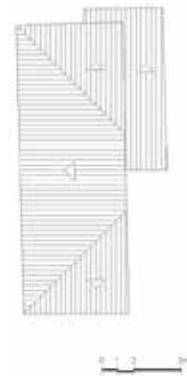
Outros Gabaritos: -

Área do lote: 285,82 m<sup>2</sup>

Área de projeção: -

Estado de conservação: -

RUA DA CADEIA, 1



Endereço: Rua da Cadeia, 1

Uso atual: comercial e serviço

Uso anterior: residencial

Gabarito: 1

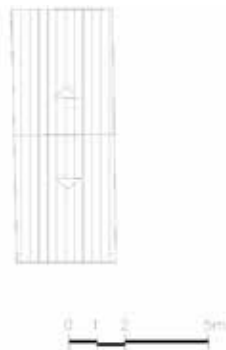
Outros gabaritos: -

Área do lote: 149,14 m<sup>2</sup>

Área de projeção: 149,14 m<sup>2</sup>

Estado de conservação: bom

RUA DA CADEIA, 2



Endereço: Rua da Cadeia, 2

Uso atual: comercial

Uso anterior: residencial

Gabarito: 1

Outros gabaritos: -

Área do lote: 32,42 m<sup>2</sup>

Área de projeção: 32,42 m<sup>2</sup>

Estado de conservação: satisfatório

RUA DA CADEIA, 2  
SOLAR DOS GERÂNIOS



Endereço: Rua da Cadeia, 2 (Solar dos Gerânios)

\* ocupante não autorizou levantamento arquitetônico

Uso atual: serviço

Uso anterior: sem informação

Gabarito: 2

Outros gabaritos: -

Área do lote: -

Área de projeção: -

Estado de conservação: -

RUA DA CADEIA, 3



Endereço: Rua da Cadeia, 3  
Uso atual: residencial e comercial  
Uso anterior: sem informação  
Gabarito: 2  
Outros gabaritos: -  
Área do lote: 137,25 m<sup>2</sup>  
Área de projeção: 111,95 m<sup>2</sup>  
Estado de conservação: satisfatório

RUA DA CADEIA, 4



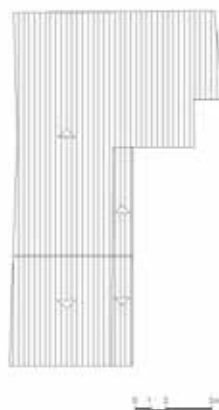
Endereço: Rua da Cadeia, 4  
\* ocupante não autorizou levantamento arquitetônico  
Uso atual: residencial e comercial  
Uso anterior: sem informação  
Gabarito: 2  
Outros gabaritos: -  
Área do lote: -  
Área de projeção: -  
Estado de conservação: -



RUA DA CADEIA, 6



Endereço: Rua da Cadeia, 6  
 Uso atual: serviço  
 Uso anterior: sem informação  
 Gabarito: 1  
 Outros gabaritos: -  
 Área do lote: 231,12 m<sup>2</sup>  
 Área de projeção: 229,31 m<sup>2</sup>  
 Estado de conservação: bom



RUA DA CADEIA, 8  
 (RESTAURANTE)



Endereço: Rua da Cadeia, 8 (Sorveteria Italiana Miracolo)  
 Uso atual: residencial e comercial  
 Uso anterior: banco  
 Gabarito: 2  
 Outros gabaritos: -  
 Área do lote: 109,45 m<sup>2</sup>  
 Área de projeção: 109,45 m<sup>2</sup>  
 Estado de conservação: bom





RUA DA CADEIA, 8  
(SORVETERIA)



Endereço: Rua da Cadeia, 8  
Uso atual: serviço  
Uso anterior: residencial  
Gabarito: 1  
Outros gabaritos: -  
Área do lote: 172,33 m<sup>2</sup>  
Área de projeção: 172,33 m<sup>2</sup>  
Estado de conservação: bom

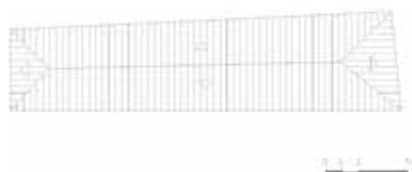


RUA DA CADEIA, 12



Endereço: Rua da Cadeia, 12  
Uso atual: residencial e institucional  
Uso anterior: sem informação  
Gabarito: 1  
Outros gabaritos: pavimento recuado  
Área do lote: 121,23 m<sup>2</sup>  
Área de projeção: 119,37 m<sup>2</sup>  
Estado de conservação: bom

*RUA DA CADEIA, 101*



*Endereço: Rua da Cadeia, 101*

*Uso atual: residencial*

*Uso anterior: sem informação*

*Gabarito: 1*

*Outros gabaritos: -*

*Área do lote: 127,82 m<sup>2</sup>*

*Área de projeção: 127,82 m<sup>2</sup>*

*Estado de conservação: satisfatório*

*RUA DA CADEIA, 122-125*



*Endereço: Rua da Cadeia, 122*

*Uso atual: comercial e serviço*

*Uso anterior: sem informação*

*Gabarito: 2*

*Outros gabaritos: -*

*Área do lote: 823,17 m<sup>2</sup>*

*Área de projeção: 252,21 m<sup>2</sup>*

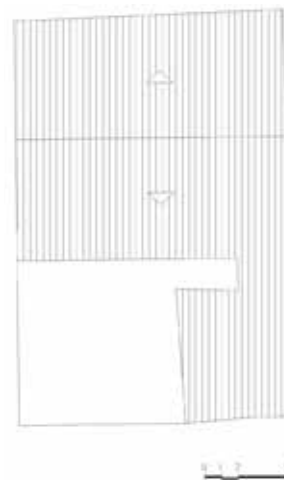
*Estado de conservação: com problemas*

RUA DA CADEIA, 233



Endereço: Rua da Cadeia, 233  
 Uso atual: serviço  
 Uso anterior: residencial  
 Gabarito: 1  
 Outros Gabaritos: -  
 Área do lote: 115,76 m<sup>2</sup>  
 Área de projeção: 115,76 m<sup>2</sup>  
 Estado de conservação: bom

RUA DA CADEIA, 234



Endereço: Rua da Cadeia, 234  
 Uso atual: comercial e serviço  
 Uso anterior: serviço  
 Gabarito: 1  
 Outros Gabaritos: pavimento  
 recuado  
 Área do lote: 295,71 m<sup>2</sup>  
 Área de projeção: 295,71 m<sup>2</sup>  
 Estado de conservação: satisfatório

*RUA DA CADEIA, 237*



*Endereço: Rua da Cadeia, 237*

*Uso atual: serviço*

*Uso anterior: sem informação*

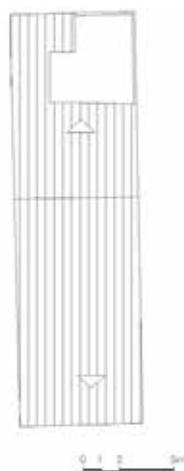
*Gabarito: 1*

*Outros gabaritos: -*

*Área do lote: 157,21 m<sup>2</sup>*

*Área de projeção: 136,59 m<sup>2</sup>*

*Estado de conservação: com problemas*



*RUA DA CADEIA, 241*



*Endereço: Rua da Cadeia, 241*

*Uso atual: residencial e serviço*

*Uso anterior: residencial*

*Gabarito: 1*

*Outros gabaritos: -*

*Área do lote: 161,13 m<sup>2</sup>*

*Área de projeção: 154,81 m<sup>2</sup>*

*Estado de conservação: com problemas*



RUA DA CADEIA, 243



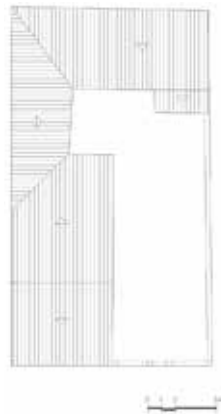
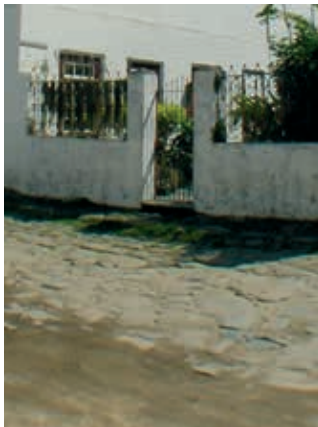
Endereço: Rua da Cadeia, 243  
Uso atual: residencial e comercial  
Uso anterior: residencial  
Gabarito: 1  
Outros gabaritos: -  
Área do lote: 173,35 m<sup>2</sup>  
Área de projeção: 138,27 m<sup>2</sup>  
Estado de conservação: satisfatório

RUA DA CADEIA, 263



Endereço: Rua da Cadeia, 263  
(casa de Vó Olívia)  
Uso atual: residencial  
Uso anterior: residencial  
Gabarito: 1  
Outros gabaritos: mezanino  
Área do lote: 284,22 m<sup>2</sup>  
Área de projeção: 176,98 m<sup>2</sup>  
Estado de conservação: bom

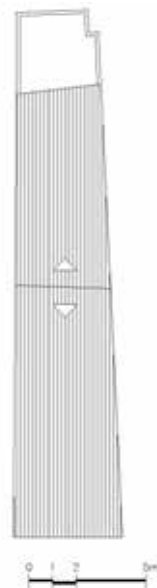
RUA DA CADEIA, 264



Endereço: Rua da Cadeia, 264  
 Uso atual: residencial e comercial  
 Uso anterior: sem informação  
 Gabarito: 2  
 Outros gabaritos: -  
 Área do lote: 384,28 m<sup>2</sup>  
 Área de projeção: 228,21 m<sup>2</sup>  
 Estado de conservação: bom



RUA DA CADEIA, 265



Endereço: Rua da Cadeia, 265  
 Uso atual: comercial  
 Uso anterior: sem informação  
 Gabarito: 1  
 Outros gabaritos: mezanino  
 Área do lote: 80,99 m<sup>2</sup>  
 Área de projeção: 80,99 m<sup>2</sup>  
 Estado de conservação: com problemas



RUA DA CADEIA, 275



Endereço: Rua da Cadeia, 275  
Uso atual: residencial e comercial  
Uso anterior: sem informação  
Gabarito: 1  
Outros gabaritos: -  
Área do lote: 230,08 m<sup>2</sup>  
Área de projeção: 185,20 m<sup>2</sup>  
Estado de conservação: bom

RUA DA CADEIA, 300



Endereço: Rua da Cadeia, 300  
Uso atual: residencial e comercial  
Uso anterior: sem informação  
Gabarito: 1  
Outros gabaritos: -  
Área do lote: 150,00 m<sup>2</sup>  
Área de projeção: 148,05 m<sup>2</sup>  
Estado de conservação: satisfatório



*RUA DA CADEIA, 312*



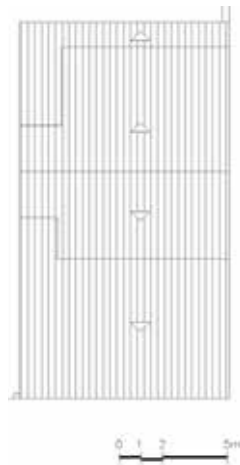
*Endereço: Rua da Cadeia, 312*  
*Uso atual: residencial e comercial*  
*Uso anterior: sem informação*  
*Gabarito: 1*  
*Outros gabaritos: -*  
*Área do lote: 79,59 m<sup>2</sup>*  
*Área de projeção: 33,06 m<sup>2</sup>*  
*Estado de conservação: bom*



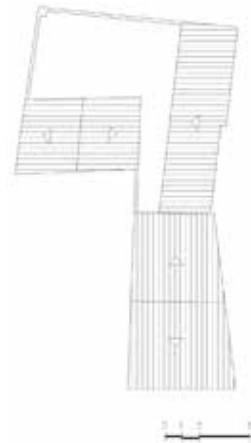
*RUA DA CADEIA, 324*



*Endereço: Rua da Cadeia, 324*  
*Uso atual: residencial e serviço*  
*Uso anterior: sem informação*  
*Gabarito: 1*  
*Outros gabaritos: sótão habitável*  
*Área do lote: 292,18 m<sup>2</sup>*  
*Área de projeção: 170,13 m<sup>2</sup>*  
*Estado de conservação: com problemas*



RUA DA CADEIA, 370



Endereço: Rua da Cadeia, 370  
Uso atual: residencial  
Uso anterior: sem informação  
Gabarito: 1  
Outros gabaritos: mezanino  
Área do lote: 175,52 m<sup>2</sup>  
Área de projeção: 131,37 m<sup>2</sup>  
Estado de conservação: bom

RUA DA CADEIA, SNº (ANEXO  
POUSADA DA MARQUESA)



Endereço: Rua da Cadeia, s/nº (anexo da  
Pousada da Marquesa)  
Uso atual: vago  
Uso anterior: sem informação  
Gabarito: -  
Outros gabaritos: -  
Área do lote: 161,47 m<sup>2</sup>  
Área de projeção: -  
Estado de conservação: -

*RUA DA CADEIA, SNº  
(AO LADO DO 234)*



*Endereço: Rua da Cadeia, snº (ao lado do 234)*

*Uso atual:*

*Uso anterior:*

*Gabarito:*

*Outros gabaritos:*

*Área do lote:*

*Área de projeção:*

*Estado de conservação:*



*RUA DA CADEIA, SNº  
(AO LADO DO Nº 2)*



*Endereço: Rua da Cadeia, snº (ao lado do nº 2)*

*Uso atual:*

*Uso anterior:*

*Gabarito:*

*Outros gabaritos:*

*Área do lote:*

*Área de projeção:*

*Estado de conservação:*



RUA DA CADEIA, SNº  
(AO LADO DOS CORREIOS)



Endereço: Rua da Cadeia, s/n (ao lado dos Correios)

Uso atual: comercial

Uso anterior: sem informação

Gabarito: 1

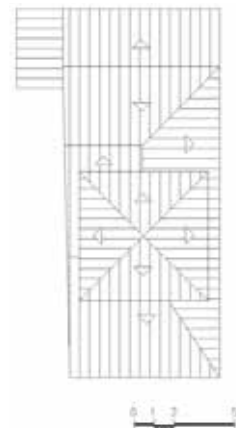
Outros gabaritos:

Área do lote: 136,20 m<sup>2</sup>

Área de projeção: 81,10

Estado de conservação: com problemas

RUA DA CADEIA,  
SNº (COUPÉ)



Endereço: Rua da Cadeia, s/nº (Coupé)

Uso atual:

Uso anterior:

Gabarito:

Outros gabaritos:

Área do lote:

Área de projeção:

Estado de conservação:

*RUA DA CADEIA, SNº  
(CINE-TEATRO LEILA DINIZ)*



*Endereço: Rua da Cadeia, sn (Cine-Teatro Leila Diniz)*

*\* ocupante não encontrado*

*Uso atual: serviço*

*Uso anterior: sem informação*

*Gabarito: 2*

*Outros gabaritos: -*

*Área do lote: 227,57 m<sup>2</sup>*

*Área de projeção: 261,04 m<sup>2</sup>*

*Estado de conservação: -*



*RUA DA CADEIA, SNº  
(ENTRE 312-300)*



*Endereço: rua da Cadeia, snº (entre 312-300)*

*Uso atual:*

*Uso anterior:*

*Gabarito:*

*Outros gabaritos:*

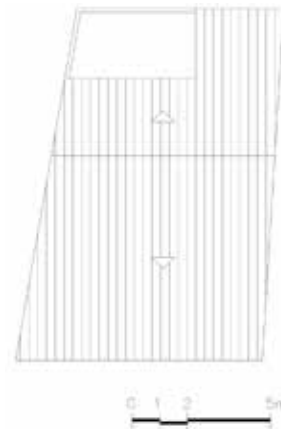
*Área do lote:*

*Área de projeção:*

*Estado de conservação:*



RUA DA CADEIA, SNº  
(ESQ. DOMINGOS G. DE ABREU)



Endereço: Rua da Cadeia, s/n (esquina com Rua Domingos G. de Abreu)

Uso atual: comercial

Uso anterior: sem informação

Gabarito: 1

Outros gabaritos: -

Área do lote: 105,34 m<sup>2</sup>

Área de projeção: 95,29 m<sup>2</sup>

Estado de conservação: com problemas

RUA DA CADEIA, SNº  
(SECRETARIA DE SAÚDE)



Endereço: Rua da Cadeia, snº (Secretaria de Saúde)

Uso atual:

Uso anterior:

Gabarito:

Outros gabaritos:

Área do lote:

Área de projeção:

Estado de conservação:

*RUA COMENDADOR  
JOSÉ LUÍS, 5*



*Endereço: Rua Comendador José Luís, 5*

*Uso atual:*

*Uso anterior:*

*Gabarito:*

*Outros gabaritos:*

*Área do lote:*

*Área de projeção:*

*Estado de conservação:*

*RUA COMENDADOR  
JOSÉ LUÍS, 6*



*Endereço: Rua Comendador José Luís, 6*

*Uso atual:*

*Uso anterior:*

*Gabarito:*

*Outros gabaritos:*

*Área do lote:*

*Área de projeção:*

*Estado de conservação:*



RUA COMENDADOR  
JOSÉ LUÍS, 7



Endereço: Rua Comendador José Luís, 7  
Uso atual: residencial e comercial  
Uso anterior: bar  
Gabarito: 2  
Outros gabaritos: sótão habitável  
Área do lote: 162,08 m<sup>2</sup>  
Área de projeção: 162,08 m<sup>2</sup>  
Estado de conservação: bom



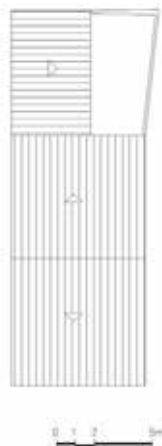
RUA COMENDADOR  
JOSÉ LUÍS, 11



Endereço: Rua Comendador José  
Luís, 11  
Uso atual: residencial e comercial  
Uso anterior: residencial  
Gabarito: 1  
Outros gabaritos: sótão habitável  
Área do lote: 66,92 m<sup>2</sup>  
Área de projeção: 63,02 m<sup>2</sup>  
Estado de conservação:



*RUA COMENDADOR JOSÉ LUÍS, 14*



*Endereço: Rua Comendador José Luís, 14*

*Uso atual: residencial*

*Uso anterior: sem informação*

*Gabarito: 1*

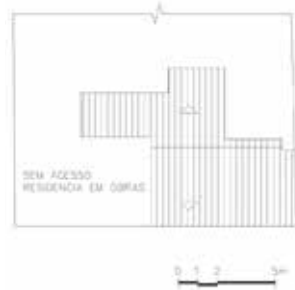
*Outros gabaritos: -*

*Área do lote: 139,64 m<sup>2</sup>*

*Área de projeção: 117,78 m<sup>2</sup>*

*Estado de conservação: satisfatório*

*RUA COMENDADOR JOSÉ LUÍS, 16*



*Endereço: Rua Comendador José Luís, 16*

*Uso atual: residencial e comercial*

*Uso anterior: sem informação*

*Gabarito: 1*

*Outros gabaritos: -*

*Área do lote: 231,76 m<sup>2</sup>*

*Área de projeção: 54,77 m<sup>2</sup>*

*Estado de conservação: com problemas*

RUA COMENDADOR JOSÉ LUÍS, 18



Endereço: Rua Comendador José Luís, 18

Uso atual: serviço

Uso anterior: sem informação

Gabarito: 1

Outros gabaritos: -

Área do lote: 246,44 m<sup>2</sup>

Área de projeção: 129,57 m<sup>2</sup>

Estado de conservação: bom

RUA COMENDADOR JOSÉ LUÍS, 38



Endereço: Rua Comendador José Luís, 38

Uso atual: comercial

Uso anterior: sem informação

Gabarito: 1

Outros gabaritos: -

Área do lote: 107,23 m<sup>2</sup>

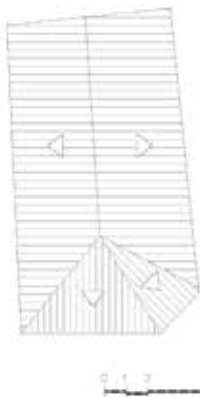
Área de projeção: 107,23 m<sup>2</sup>

Estado de conservação: satisfatório

*RUA COMENDADOR JOSÉ LUÍS, 40*



*Endereço: Rua Comendador José Luís, 40*  
*Uso atual: comercial*  
*Uso anterior: sem informação*  
*Gabarito: 1*  
*Outros gabaritos: mezanino*  
*Área do lote: 112,58 m<sup>2</sup>*  
*Área de projeção: 112,58 m<sup>2</sup>*  
*Estado de conservação: bom*



*RUA COMENDADOR JOSÉ LUÍS, 177*



*Endereço: Rua Comendador José Luís, 177*  
*Uso atual: residencial*  
*Uso anterior: sem informação*  
*Gabarito: 1*  
*Outros gabaritos: mezanino*  
*Área do lote: 275,53 m<sup>2</sup>*  
*Área de projeção: 165,90 m<sup>2</sup>*  
*Estado de conservação: bom*



RUA COMENDADOR JOSÉ LUÍS, 194



Endereço: Rua Comendador José Luís, 194

Uso atual:

Uso anterior:

Gabarito:

Outros gabaritos:

Área do lote:

Área de projeção:

Estado de conservação:

RUA COMENDADOR JOSÉ LUÍS, 235



Endereço: Rua Comendador José Luís, 235

Uso atual: comercial

Uso anterior: lote vazio

Gabarito: 1

Outros gabaritos: -

Área do lote: 21,62 m<sup>2</sup>

Área de projeção: 21,62 m<sup>2</sup>

Estado de conservação: bom

RUA COMENDADOR JOSÉ LUÍS, 267



Endereço: Rua Comendador José Luís, 267

Uso atual: comercial

Uso anterior: sem informação

Gabarito: 1

Outros gabaritos: sótão habitável

Área do lote: 125,18 m<sup>2</sup>

Área de projeção: 107,37 m<sup>2</sup>

Estado de conservação: bom



RUA COMENDADOR JOSÉ LUÍS, 367



Endereço: Rua Comendador José Luís, 367

\* morador não autorizou levantamento arquitetônico

Uso atual: residencial

Uso anterior: sem informação

Gabarito: 1

Outros gabaritos: -

Área do lote: -

Área de projeção: -

Estado de conservação: -

RUA COMENDADOR JOSÉ LUÍS, 374



Endereço: Rua Comendador José Luís, 374

Uso atual: residencial

Uso anterior: sem informação

Gabarito: 1

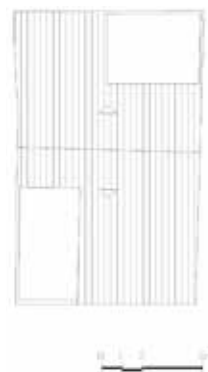
Outros gabaritos: -

Área do lote: 329,70 m<sup>2</sup>

Área de projeção: 329,70 m<sup>2</sup>

Estado de conservação: satisfatório

RUA COMENDADOR JOSÉ LUÍS, 375



Endereço: Rua Comendador José Luís, 375

Uso atual: residencial

Uso anterior: sem informação

Gabarito: 1

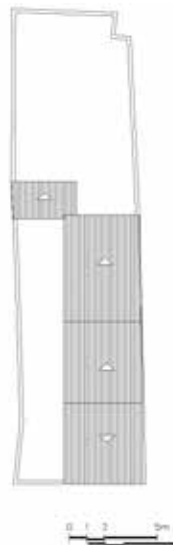
Outros gabaritos: -

Área do lote: 132,88 m<sup>2</sup>

Área de projeção: 97,23 m<sup>2</sup>

Estado de conservação: satisfatório

*RUA COMENDADOR JOSÉ LUÍS, 390*



*Endereço: Rua Comendador José Luís, 390*

*Uso atual: residencial*

*Uso anterior: abatedouro de galinhas*

*Gabarito: 1*

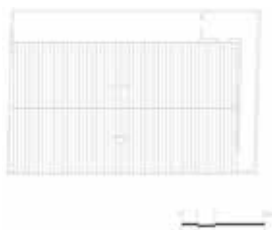
*Outros gabaritos: mezanino*

*Área do lote: 130,92 m<sup>2</sup>*

*Área de projeção: 74,36 m<sup>2</sup>*

*Estado de conservação: bom*

*RUA COMENDADOR JOSÉ LUÍS, 399*



*Endereço: Rua Comendador José Luís, 399*

*Uso atual: residencial*

*Uso anterior: lote vazio*

*Gabarito: 1*

*Outros gabaritos: -*

*Área do lote: 148,84 m<sup>2</sup>*

*Área de projeção: 109,32 m<sup>2</sup>*

*Estado de conservação: bom*

RUA COMENDADOR JOSÉ LUÍS,  
ANA MARIA S/N



Endereço: Rua Comendador José Luís, Ana Maria S/N

Uso atual: residencial

Uso anterior: lote vazio

Gabarito: 1

Outros gabaritos: -

Área do lote: 247,53 m<sup>2</sup>

Área de projeção: 152,57 m<sup>2</sup>

Estado de conservação: bom

RUA COMENDADOR JOSÉ LUÍS,  
AO LADO DO Nº 7



Endereço: Rua Comendador José Luís, ao lado do nº 7

Uso atual: residencial

Uso anterior: sem informação

Gabarito: 1

Outros gabaritos: -

Área do lote: 168,24 m<sup>2</sup>

Área de projeção: 124,67 m<sup>2</sup>

Estado de conservação: satisfatório



RUA COMENDADOR JOSÉ LUÍS,  
AO LADO DO Nº 267



Endereço: Rua Comendador José Luís, ao lado do nº 267

\* morador não autorizou questionário e levantamento arquitetônico

Uso atual: -

Uso anterior: -

Gabarito: 1

Outros gabaritos: -

Área do lote: -

Área de projeção: -

Estado de conservação: -



RUA COMENDADOR JOSÉ LUÍS,  
AO LADO DO Nº 399



Endereço: Rua Comendador José Luís, ao lado do nº 399

Uso atual: residencial

Uso anterior: sem informação

Gabarito: 1

Outros gabaritos: mezanino

Área do lote: 285,03 m<sup>2</sup>

Área de projeção: 165,78 m<sup>2</sup>

Estado de conservação: bom



*RUA COMENDADOR JOSÉ LUÍS,  
AO LADO DO S/N, AO LADO DO Nº 7*



*Endereço: Rua Comendador José Luís, ao lado do S/N e ao lado do nº 7*

*Uso atual:*

*Uso anterior:*

*Gabarito:*

*Outros gabaritos:*

*Área do lote:*

*Área de projeção:*

*Estado de conservação:*



*RUA COMENDADOR JOSÉ LUÍS,  
AO LADO DO Nº 38*



*Endereço: Rua Comendador José Luís, ao lado do nº 38*

*Uso atual: residencial*

*Uso anterior: lote vazio*

*Gabarito: 1*

*Outros gabaritos: -*

*Área do lote: 273,37 m<sup>2</sup>*

*Área de projeção: 80,82 m<sup>2</sup>*

*Estado de conservação: bom*

RUA DO COMÉRCIO, Nº 3-8



Endereço: Rua do Comércio, nº 3-8

Uso atual:

Uso anterior:

Gabarito:

Outros gabaritos:

Área do lote:

Área de projeção:

Estado de conservação:



RUA DO COMÉRCIO, 5



Endereço: Rua do Comércio, 5

Uso atual: residencial e comercial

Uso anterior: sem informação

Gabarito: 1

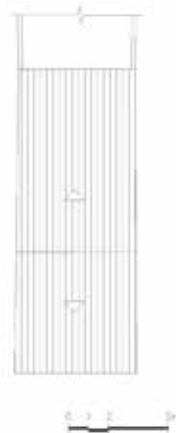
Outros gabaritos: -

Área do lote: 49,02 m<sup>2</sup>

Área de projeção: 48,79 m<sup>2</sup>

Estado de conservação: com problemas





RUA DO COMÉRCIO, 6



Endereço: Rua do Comércio, 6  
 Uso atual: comercial  
 Uso anterior: residencial  
 Gabarito: 1  
 Outros gabaritos: mezanino e sótão habitável  
 Área do lote: 327,64 m<sup>2</sup>  
 Área de projeção: 92,06 m<sup>2</sup>  
 Estado de conservação: satisfatório



RUA DO COMÉRCIO, 7



Endereço: Rua do Comércio, 7  
 Uso atual: residencial e comercial  
 Uso anterior: residencial  
 Gabarito: 1  
 Outros gabaritos: –  
 Área do lote: 177,22 m<sup>2</sup>  
 Área de projeção: 177,22 m<sup>2</sup>  
 Estado de conservação: satisfatório

RUA DO COMÉRCIO, Nº 7 ENTRE  
OS NºS 5 E 205



Endereço: Rua do Comércio, nº 7 entre os  
nº 5 e 205

Uso atual:

Uso anterior:

Gabarito:

Outros gabaritos:

Área do lote:

Área de projeção:

Estado de conservação:



RUA DO COMÉRCIO, Nº 13



Endereço: Rua do Comércio, nº 13

Uso atual: residencial

Uso anterior: sem informação

Gabarito: 1

Outros gabaritos: –

Área do lote: 156,12 m<sup>2</sup>

Área de projeção: 156,12 m<sup>2</sup>

Estado de conservação: com problemas





Endereço: Rua do Comércio, 14

Uso atual: residencial

Uso anterior: sem informação

Gabarito: 1

Outros gabaritos: –

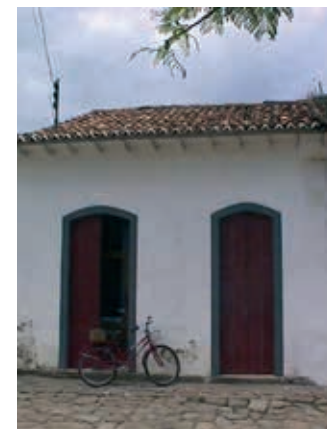
Área do lote: 359,83 m<sup>2</sup>

Área de projeção: 235,60 m<sup>2</sup>

Estado de conservação: com problemas



RUA DO COMÉRCIO, 18



Endereço: Rua do Comércio, 18

Uso atual: residencial e serviço

Uso anterior: armazém

Gabarito: 1

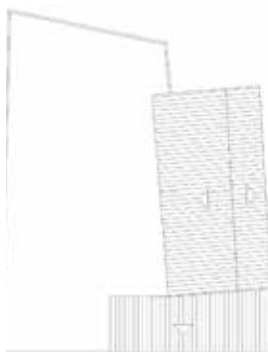
Outros gabaritos: mezanino

Área do lote: 423,27 m<sup>2</sup>

Área de projeção: 382,03 m<sup>2</sup>

Estado de conservação: bom

*RUA DO COMÉRCIO, 21*



*Endereço: Rua do Comércio, 21*

*Uso atual: serviço*

*Uso anterior: residencial*

*Gabarito: 1*

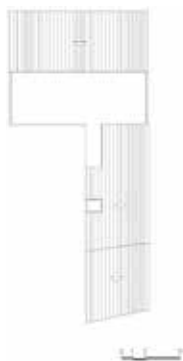
*Outros gabaritos: –*

*Área do lote: 214,74 m<sup>2</sup>*

*Área de projeção: 149,77 m<sup>2</sup>*

*Estado de conservação: com problemas*

*RUA DO COMÉRCIO, 23*



*Endereço: Rua do Comércio, 23*

*Uso atual: residencial*

*Uso anterior: sem informação*

*Gabarito: 1*

*Outros gabaritos: pavimento recuado*

*Área do lote: 109,18 m<sup>2</sup>*

*Área de projeção: 109,18 m<sup>2</sup>*

*Estado de conservação: bom*

RUA DO COMÉRCIO, 25



Endereço: Rua do Comércio, 25  
 Uso atual: residencial  
 Uso anterior: residencial  
 Gabarito: 1  
 Outros gabaritos: –  
 Área do lote: 127,29 m<sup>2</sup>  
 Área de projeção: 94,58 m<sup>2</sup>  
 Estado de conservação: bom

RUA DO COMÉRCIO, 27



Endereço: Rua do Comércio, 27  
 \* morador não encontrado  
 Uso atual: residencial  
 Uso anterior: sem informação  
 Gabarito: 1  
 Outros gabaritos: –  
 Área do lote: 208,34 m<sup>2</sup>  
 Área de projeção: –  
 Estado de conservação: –



*RUA DO COMÉRCIO, 28  
POUSADA DO SANDY*



*Endereço: Rua do Comércio, 28, Pousada do Sandy*

*\* ocupante não autorizou questionário e levantamento arquitetônico*

*Uso atual: serviço*

*Uso anterior: sem informação*

*Gabarito: 1*

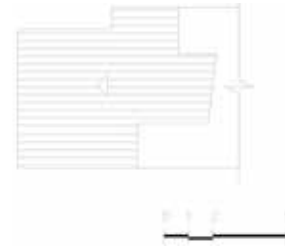
*Outros gabaritos: -*

*Área do lote: 1.061,12 m<sup>2</sup>*

*Área de projeção: -*

*Estado de conservação: -*

RUA DO COMÉRCIO, 29  
ESQUINA COM A RUA AURORA



Endereço: Rua do Comércio, 29  
esquina com a Rua Aurora  
Uso atual: comercial  
Uso anterior: sem informação  
Gabarito: 1  
Outros gabaritos: –  
Área do lote: 40,87 m<sup>2</sup>  
Área de projeção: 40,87 m<sup>2</sup>  
Estado de conservação: satisfatório

RUA DO COMÉRCIO, 30



Endereço: Rua do Comércio, 30  
Uso atual: comercial  
Uso anterior: sem informação  
Gabarito: 1  
Outros gabaritos: mezanino  
Área do lote: 57,54 m<sup>2</sup>  
Área de projeção: 57,54 m<sup>2</sup>  
Estado de conservação: satisfatório

*RUA DO COMÉRCIO, 31  
ESQUINA COM A RUA AURORA*



*Endereço: Rua do Comércio, 31  
esquina com a Rua Aurora*

*Uso atual: residencial*

*Uso anterior: sem informação*

*Gabarito: 1*

*Outros gabaritos: –*

*Área do lote: 200,80 m<sup>2</sup>*

*Área de projeção: 79,40 m<sup>2</sup>*

*Estado de conservação: bom*



*RUA DO COMÉRCIO, 32*



*Endereço: Rua do Comércio, 32*

*Uso atual: serviço*

*Uso anterior: residencial*

*Gabarito: 1*

*Outros gabaritos: –*

*Área do lote: 315,10 m<sup>2</sup>*

*Área de projeção: 153,32 m<sup>2</sup>*

*Estado de conservação: com problemas*



RUA DO COMÉRCIO, Nº 33  
ENTRE OS NºS 31 E 35



Endereço: Rua do Comércio, nº 33  
entre os nº 31 e 35

Uso atual: obras

Uso anterior: sem informação

Gabarito: 1

Outros gabaritos: –

Área do lote: 65,21 m<sup>2</sup>

Área de projeção: –

Estado de conservação: –



RUA DO COMÉRCIO, Nº 35



Endereço: Rua do Comércio, nº 35

\* morador não encontrado

Uso atual: residencial

Uso anterior: sem informação

Gabarito: 1

Outros gabaritos: –

Área do lote: 77,28 m<sup>2</sup>

Área de projeção: –

Estado de conservação: –

*RUA DO COMÉRCIO, Nº 36*



*Endereço: Rua do Comércio, nº 36*

*Uso atual:*

*Uso anterior:*

*Gabarito:*

*Outros gabaritos:*

*Área do lote:*

*Área de projeção:*

*Estado de conservação:*

*RUA DO COMÉRCIO, Nº 40*



*Endereço: Rua do Comércio, nº 40*

*Uso atual: comercial*

*Uso anterior: sem informação*

*Gabarito: 1*

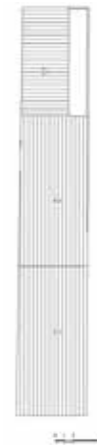
*Outros gabaritos: –*

*Área do lote: 255,89 m<sup>2</sup>*

*Área de projeção: 255,89 m<sup>2</sup>*

*Estado de conservação: bom*

RUA DO COMÉRCIO, Nº 46



Endereço: Rua do Comércio, nº 46  
 Uso atual: residencial, comercial e serviço

Uso anterior: residencial

Gabarito: 2

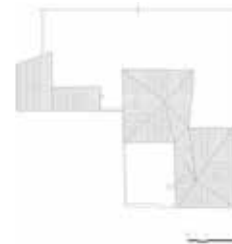
Outros gabaritos: –

Área do lote: 364,61 m<sup>2</sup>

Área de projeção: 335,76 m<sup>2</sup>

Estado de conservação: bom

RUA DO COMÉRCIO, Nº 58



Endereço: Rua do Comércio, nº 58

Uso atual: residencial

Uso anterior: armazém

Gabarito: 1

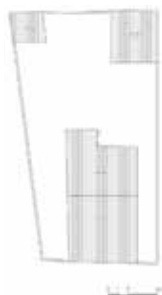
Outros gabaritos: –

Área do lote: 747,01 m<sup>2</sup>

Área de projeção: 137,23 m<sup>2</sup>

Estado de conservação: com problemas

*RUA DO COMÉRCIO, Nº 72*



*Endereço: Rua do Comércio, nº 72*

*Uso atual: residencial*

*Uso anterior: sem informação*

*Gabarito: 1*

*Outros gabaritos: –*

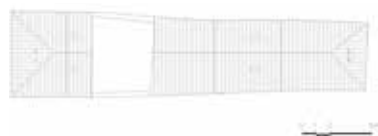
*Área do lote: 354,31 m<sup>2</sup>*

*Área de projeção: 129,18 m<sup>2</sup>*

*Estado de conservação: bom*



*RUA DO COMÉRCIO, Nº 76*



*Endereço: Rua do Comércio, nº 76*

*Uso atual: residencial*

*Uso anterior: sem informação*

*Gabarito: 1*

*Outros gabaritos: –*

*Área do lote: 142,37 m<sup>2</sup>*

*Área de projeção: 117,10 m<sup>2</sup>*

*Estado de conservação: satisfatório*



RUA DO COMÉRCIO, Nº 95



Endereço: Rua do Comércio, nº 95  
 Uso atual: serviço  
 Uso anterior: residencial  
 Gabarito: 1  
 Outros gabaritos: –  
 Área do lote: 79,71 m<sup>2</sup>  
 Área de projeção: 79,71 m<sup>2</sup>  
 Estado de conservação: satisfatório

RUA DO COMÉRCIO, Nº 100



Endereço: Rua do Comércio, nº 100  
 Uso atual:  
 Uso anterior:  
 Gabarito:  
 Outros gabaritos:  
 Área do lote:  
 Área de projeção:  
 Estado de conservação:



*RUA DO COMÉRCIO, Nº 111  
ESQUINA COM A RUA SANTA RITA*



*Endereço: Rua do Comércio, nº 111  
esquina com a Rua Santa Rita*

*Uso atual: comercial*

*Uso anterior: residencial*

*Gabarito: 1*

*Outros gabaritos: –*

*Área do lote: 45,15 m<sup>2</sup>*

*Área de projeção: 45,15 m<sup>2</sup>*

*Estado de conservação: bom*

*RUA DO COMÉRCIO, Nº 130*



*Endereço: Rua do Comércio, nº 130*

*Uso atual: comercial*

*Uso anterior: sem informação*

*Gabarito: 1*

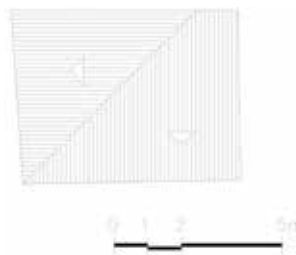
*Outros gabaritos: mezanino*

*Área do lote: 90,09 m<sup>2</sup>*

*Área de projeção: 87,65 m<sup>2</sup>*

*Estado de conservação: bom*

RUA DO COMÉRCIO, Nº 149



Endereço: Rua do Comércio, nº 149

Uso atual: comercial

Uso anterior: sem informação

Gabarito: 1

Outros gabaritos: –

Área do lote: 41,24 m<sup>2</sup>

Área de projeção: 41,24 m<sup>2</sup>

Estado de conservação: bom



RUA DO COMÉRCIO, Nº 205



Endereço: Rua do Comércio, nº 205

Uso atual: comercial

Uso anterior: residencial

Gabarito: 1

Outros gabaritos: –

Área do lote: 84,94 m<sup>2</sup>

Área de projeção: 61,54 m<sup>2</sup>

Estado de conservação: com problemas

*RUA DO COMÉRCIO, Nº 253*



*Endereço: Rua do Comércio, nº 253*

*Uso atual:*

*Uso anterior:*

*Gabarito:*

*Outros gabaritos:*

*Área do lote:*

*Área de projeção:*

*Estado de conservação:*



*RUA DO COMÉRCIO, Nº 264*



*Endereço: Rua do Comércio, nº 264*

*Uso atual: comercial e vago*

*Uso anterior: residencial*

*Gabarito: 1*

*Outros gabaritos: –*

*Área do lote: 477,75 m<sup>2</sup>*

*Área de projeção: 205, 89 m<sup>2</sup>*

*Estado de conservação: com problemas*





RUA DO COMÉRCIO, Nº 270

Endereço: Rua do Comércio, nº 270

Uso atual: comercial

Uso anterior: padaria

Gabarito: 1

Outros gabaritos: –

Área do lote: 714,87 m<sup>2</sup>

Área de projeção: 714,87 m<sup>2</sup>

Estado de conservação: com problemas



RUA DO COMÉRCIO, Nº 275  
ESQUINA COM A RUA DA LAPA

Endereço: Rua do Comércio, nº 275  
esquina com a Rua da Lapa

Uso atual: comercial

Uso anterior: armazém

Gabarito: 1

Outros gabaritos: –

Área do lote: 181,61 m<sup>2</sup>

Área de projeção: 179,94 m<sup>2</sup>

Estado de conservação: satisfatório

*RUA DO COMÉRCIO, Nº 307*



*Endereço: Rua do Comércio, nº 307*

*\* morador não encontrado*

*Uso atual: residencial*

*Uso anterior: sem informação*

*Gabarito: 2*

*Outros gabaritos: –*

*Área do lote: 154,36 m<sup>2</sup>*

*Área de projeção: –*

*Estado de conservação: –*



*RUA DO COMÉRCIO, Nº 308*



*Endereço: Rua do Comércio, nº 308*

*Uso atual: comercial*

*Uso anterior: sem informação*

*Gabarito: 2*

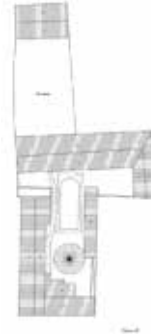
*Outros gabaritos: –*

*Área do lote: 279,15 m<sup>2</sup>*

*Área de projeção: 214,18 m<sup>2</sup>*

*Estado de conservação: satisfatório*





RUA DO COMÉRCIO, Nº 362



Endereço: Rua do Comércio, nº 362

Uso atual: serviço

Uso anterior: sem informação

Gabarito: 1

Outros gabaritos: –

Área do lote: 3.081,83

Área de projeção: 1.526,74 m<sup>2</sup>

Estado de conservação: bom



RUA DO COMÉRCIO, Nº 376



Endereço: Rua do Comércio, nº 376

\* ocupante não encontrado

Uso atual: comercial

Uso anterior: sem informação

Gabarito: 1

Outros gabaritos: –

Área do lote: –

Área de projeção: –

Estado de conservação: –

*RUA DO COMÉRCIO, Nº 419*



*Endereço: Rua do Comércio, nº 419*

*Uso atual: residencial*

*Uso anterior: residencial*

*Gabarito: 1*

*Outros gabaritos: –*

*Área do lote: 1.967,72 m<sup>2</sup>*

*Área de projeção: 320,21 m<sup>2</sup>*

*Estado de conservação: bom*



*RUA DO COMÉRCIO, Nº 528*



*Endereço: Rua do Comércio, nº 528*

*Uso atual: residencial e comercial*

*Uso anterior: sem informação*

*Gabarito: 1*

*Outros gabaritos: mezanino*

*Área do lote: 232,22 m<sup>2</sup>*

*Área de projeção: 159,47 m<sup>2</sup>*

*Estado de conservação: bom*



*RUA DO COMÉRCIO, SN  
AO LADO DA POUSADA  
ACONCHEGO*



*Endereço: Rua do Comércio, sn,  
ao lado da Pousada Aconchego  
Uso atual:  
Uso anterior:  
Gabarito:  
Outros gabaritos:  
Área do lote:  
Área de projeção:  
Estado de conservação:*

*RUA DO COMÉRCIO, SN  
AO LADO DO Nº 308*



*Endereço: Rua do Comércio, sn,  
ao lado do nº 308  
Uso atual:  
Uso anterior:  
Gabarito:  
Outros gabaritos:  
Área do lote:  
Área de projeção:  
Estado de conservação:*



*RUA DO COMÉRCIO, SN  
AO LADO DO Nº 30*



*Endereço: Rua do Comércio, sn, ao lado do nº 30*

*Uso atual:*

*Uso anterior:*

*Gabarito:*

*Outros gabaritos:*

*Área do lote:*

*Área de projeção:*

*Estado de conservação:*



*RUA DO COMÉRCIO, SN  
AO LADO DO Nº 35*



*Endereço: Rua do Comércio, sn, ao lado do nº 35*

*Uso atual:*

*Uso anterior:*

*Gabarito:*

*Outros gabaritos:*

*Área do lote:*

*Área de projeção:*

*Estado de conservação:*



RUA DO COMÉRCIO, SN  
AO LADO DO Nº 130



Endereço: Rua do Comércio, sn, ao lado do nº 130

\* morador não autorizou questionário e levantamento arquitetônico

Uso atual: residencial

Uso anterior: sem informação

Gabarito: 1

Outros gabaritos: –

Área do lote: –

Área de projeção: –

Estado de conservação: –

RUA DO COMÉRCIO, SN  
AO LADO DO Nº 307



Endereço: Rua do Comércio, sn, ao lado do nº 307

Uso atual: –

Uso anterior: –

Gabarito: –

Outros gabaritos: –

Área do lote: –

Área de projeção: –

Estado de conservação: –

RUA DO COMÉRCIO, SN  
AO LADO DO SN AO LADO DO Nº 130



Endereço: Rua do Comércio, sn,  
ao lado sn ao lado do nº 130

Uso atual: –

Uso anterior: –

Gabarito: –

Outros gabaritos: –

Área do lote: –

Área de projeção: –

Estado de conservação: –



RUA DO COMÉRCIO, SN  
ENTRE OS Nºs 21 E 95



Endereço: Rua do Comércio, sn,  
entre os nº 21 e 95

Uso atual: residencial

Uso anterior: sem informação

Gabarito: 1

Outros gabaritos: mezanino

Área do lote: 117,78 m<sup>2</sup>

Área de projeção: 83,24 m<sup>2</sup>

Estado de conservação: satisfatório





**RUA DO COMÉRCIO, SN  
ENTRE OS N<sup>os</sup> 58 E 308**



*Endereço: Rua do Comércio, sn,  
entre os n<sup>os</sup> 58 e 308*

*Uso atual:*

*Uso anterior:*

*Gabarito:*

*Outros gabaritos:*

*Área do lote:*

*Área de projeção:*

*Estado de conservação:*



**RUA DO COMÉRCIO, SN  
ENTRE OS N<sup>os</sup> 122, 125 E 130**



*Endereço: Rua do Comércio, sn,  
entre os n<sup>os</sup> 122, 125 e 130*

*Uso atual:*

*Uso anterior:*

*Gabarito:*

*Outros gabaritos:*

*Área do lote:*

*Área de projeção:*

*Estado de conservação:*

*RUA DO COMÉRCIO, SN  
ESQUINA LARGO DO ROSÁRIO*



*Endereço: Rua do Comércio, sn,  
esquina Largo do Rosário*

*Uso atual:*

*Uso anterior:*

*Gabarito:*

*Outros gabaritos:*

*Área do lote:*

*Área de projeção:*

*Estado de conservação:*



*RUA DO COMÉRCIO, SN  
ESQUINA COM  
COMENDADOR JOSÉ LUÍS*



*Endereço: Rua do Comércio, sn,  
esquina com Comendador José Luís*

*Uso atual: comercial*

*Uso anterior: sem informação*

*Gabarito: 1*

*Outros gabaritos: –*

*Área do lote: 116,40 m<sup>2</sup>*

*Área de projeção: 116,40 m<sup>2</sup>*

*Estado de conservação: bom*





*RUA DO COMÉRCIO, SN  
AO LADO DO ICE PARATI*



*Endereço: Rua do Comércio, sn, ao lado do Ice Parati*

*\*ocupante não autorizou questionário e levantamento arquitetônico*

*Uso atual: comercial*

*Uso anterior: sem informação*

*Gabarito: 1*

*Outros gabaritos: –*

*Área do lote: –*

*Área de projeção: –*

*Estado de conservação: –*



*RUA DO COMÉRCIO, SN  
PADARIA ESPERANÇA*



*Endereço: Rua do Comércio, sn, Padaria Esperança*

*Uso atual:*

*Uso anterior:*

*Gabarito:*

*Outros gabaritos:*

*Área do lote:*

*Área de projeção:*

*Estado de conservação:*

*RUA DO COMÉRCIO, SN  
POUSADA PARDIEIRO*



*Endereço: Rua do Comércio, sn  
Pousada Pardieiro*

*Uso atual:*

*Uso anterior:*

*Gabarito:*

*Outros gabaritos:*

*Área do lote:*

*Área de projeção:*

*Estado de conservação:*

*RUA DO COMÉRCIO, SN  
POUSADA PORTO PARATI*



*Endereço: Rua do Comércio,  
sn Pousada Porto Parati*

*Uso atual:*

*Uso anterior:*

*Gabarito:*

*Outros gabaritos:*

*Área do lote:*

*Área de projeção:*

*Estado de conservação:*

RUA DOMINGOS G. DE ABREU, 1



Endereço: Rua Domingos G. de Abreu, 1

Uso atual: obras

Uso anterior: sem informação

Gabarito: 1

Outros gabaritos: -

Área do lote: 195,11 m<sup>2</sup>

Área de projeção: 89,84 m<sup>2</sup>

Estado de conservação: -

RUA DOMINGOS G. DE ABREU Nº 1  
ESQUINA RUA AURORA



Endereço: Rua Domingos G. de Abreu, nº 1  
Esquina Rua Aurora

Uso atual:

Uso anterior:

Gabarito:

Outros gabaritos:

Área do lote:

Área de projeção:

Estado de conservação:



RUA DOMINGOS G. DE ABREU Nº 3



Endereço: Rua Domingos G. de Abreu, nº 3

\* ocupante não autorizou levantamento arquitetônico

Uso atual: residencial e comercial

Uso anterior: sem informação

Gabarito: 1

Outros gabaritos: -

Área do lote: -

Área de projeção: -

Estado de conservação: satisfatório



RUA DOMINGOS G. DE ABREU Nº 67



Endereço: Rua Domingos G. de Abreu, nº 67

\* morador não autorizou levantamento arquitetônico

Uso atual: residencial

Uso anterior: sem informação

Gabarito: -

Outros gabaritos: -

Área do lote: -

Área de projeção: -

Estado de conservação: -



RUA DOMINGOS G. DE ABREU Nº 139



Endereço: Rua Domingos G. de Abreu, nº 139  
\* ocupante não autorizou levantamento arquitetônico

Uso atual: comercial

Uso anterior: sem informação

Gabarito: 1

Outros gabaritos: -

Área do lote: -

Área de projeção: -

Estado de conservação: -

RUA DOMINGOS G. DE ABREU SN  
AO LADO DO ALMIRANTE



Endereço: Rua Domingos G. de Abreu, sn, ao lado do Almirante

Uso atual:

Uso anterior:

Gabarito:

Outros gabaritos:

Área do lote:

Área de projeção:

Estado de conservação:

*RUA DOMINGOS G. DE ABREU SN  
AO LADO DO HOTEL COXIXO*



*Endereço: Rua Domingos G. de Abreu, sn,  
ao lado do Hotel Coxixo*

*Uso atual:*

*Uso anterior:*

*Gabarito:*

*Outros gabaritos:*

*Área do lote:*

*Área de projeção:*

*Estado de conservação:*



*RUA DOMINGOS G. DE ABREU  
SN CORREIOS*



*Endereço: Rua Domingos G. de Abreu, sn  
Correios*

*\* ocupante não autorizou a realização do  
questionário*

*Uso atual: institucional*

*Uso anterior: sem informação*

*Gabarito: 1*

*Outros gabaritos: -*

*Área do lote: -*

*Área de projeção: -*

*Estado de conservação: -*



RUA DOMINGOS G. DE ABREU SN  
ENTRE O HOTEL COXIXO E O  
SN ESQ. RUA AURORA



Endereço: Rua Domingos G. de Abreu, sn, entre o Hotel Coxixo e o sn Esq. Rua Aurora

Uso atual:

Uso anterior:

Gabarito:

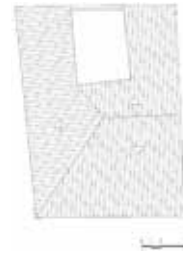
Outros gabaritos:

Área do lote:

Área de projeção:

Estado de conservação:

RUA DOMINGOS G. DE ABREU SN  
RESTAURANTE ALMIRANTE



Endereço: Rua Domingos G. de Abreu, sn Restaurante Almirante

Uso atual:

Uso anterior:

Gabarito:

Outros gabaritos:

Área do lote:

Área de projeção:

Estado de conservação:

*RUA DONA GERALDA Nº 1*



*Endereço: Rua Dona Geralda, nº 1*

*Uso atual: serviço*

*Uso anterior: mercado*

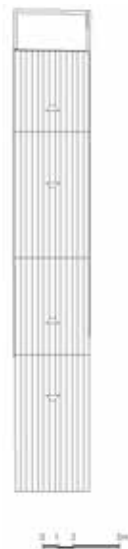
*Gabarito: 1*

*Outros gabaritos: -*

*Área do lote: 830,79 m<sup>2</sup>*

*Área de projeção: 381,85 m<sup>2</sup>*

*Estado de conservação: bom*



RUA DONA GERALDA Nº 3



Endereço: Rua Dona Geralda, nº 3

Uso atual: comercial

Uso anterior: sem informação

Gabarito: 1

Outros gabaritos: -

Área do lote: 142,24 m<sup>2</sup>

Área de projeção: 142,24 m<sup>2</sup>

Estado de conservação: bom



RUA DONA GERALDA Nº 5



Endereço: Rua Dona Geralda, nº 5

\* morador não encontrado

Uso atual: residencial

Uso anterior: sem informação

Gabarito: 1

Outros gabaritos: -

Área do lote: 135,52 m<sup>2</sup>

Área de projeção: -

Estado de conservação: -

*RUA DONA GERALDA Nº 5  
AO LADO DA Pousada DO OURO*



*Endereço: Rua Dona Geralda, nº 5, ao lado da Pousada do Ouro*

*\* morador não encontrado*

*Uso atual: residencial*

*Uso anterior: sem informação*

*Gabarito: 1*

*Outros gabaritos: -*

*Área do lote: 266,99 m<sup>2</sup>*

*Área de projeção: -*

*Estado de conservação: -*



*RUA DONA GERALDA Nº 7*



*Endereço: Rua Dona Geralda, nº 7*

*\* morador não encontrado*

*Uso atual: residencial*

*Uso anterior: sem informação*

*Gabarito: 1*

*Outros gabaritos: -*

*Área do lote: 158,55 m<sup>2</sup>*

*Área de projeção: -*

*Estado de conservação: -*



RUA DONA GERALDA Nº 8



Endereço: Rua Dona Geralda, nº 8

\* morador não encontrado

Uso atual: residencial

Uso anterior: sem informação

Gabarito: 2

Outros gabaritos: -

Área do lote: 995,90 m<sup>2</sup>

Área de projeção: -

Estado de conservação: -



*RUA DONA GERALDA Nº 8  
ESQUINA COM A RUA DA LAPA*



*Endereço: Rua Dona Geralda, nº 8  
esquina com a Rua da Lapa*

*\*morador não encontrado*

*Uso atual: residencial*

*Uso anterior: sem informação*

*Gabarito: 1*

*Outros gabaritos: -*

*Área do lote: 491,38 m<sup>2</sup>*

*Área de projeção: -*

*Estado de conservação: -*



*RUA DONA GERALDA Nº 11*



*Endereço: Rua Dona Geralda, nº 11*

*Uso atual: serviço*

*Uso anterior: residencial*

*Gabarito: 2*

*Outros gabaritos: -mirante*

*Área do lote: 327,69 m<sup>2</sup>*

*Área de projeção: 188,65 m<sup>2</sup>*

*Estado de conservação: com problemas*



RUA DONA GERALDA Nº 15



Endereço: Rua Dona Geralda, nº 15

\* morador não autorizou questionário e levantamento arquitetônico

Uso atual: residencial

Uso anterior: sem informação

Gabarito: 2

Outros gabaritos: –

Área do lote: 150,51 m<sup>2</sup>

Área de projeção: –

Estado de conservação: –

RUA DONA GERALDA Nº 20



Endereço: Rua Dona Geralda, nº 20

\* morador não encontrado

Uso atual: residencial

Uso anterior: sem informação

Gabarito: 1

Outros gabaritos: –

Área do lote: 118,64 m<sup>2</sup>

Área de projeção: –

Estado de conservação: –

*RUA DONA GERALDA Nº 23*



*Endereço: Rua Dona Geralda, nº 23*  
*Uso atual: residencial*  
*Uso anterior: sem informação*  
*Gabarito: 1*  
*Outros gabaritos: mezanino*  
*Área do lote: 224,71 m<sup>2</sup>*  
*Área de projeção: 131,50 m<sup>2</sup>*  
*Estado de conservação: bom*



*RUA DONA GERALDA Nº 27*



*Endereço: Rua Dona Geralda, nº 27*  
*Uso atual: residencial*  
*Uso anterior: sem informação*  
*Gabarito: 1*  
*Outros gabaritos: pavimento intermediário*  
*Área do lote: 409,58 m<sup>2</sup>*  
*Área de projeção: 218,74 m<sup>2</sup>*  
*Estado de conservação: satisfatório*

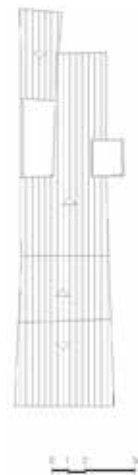


RUA DONA GERALDA Nº 39



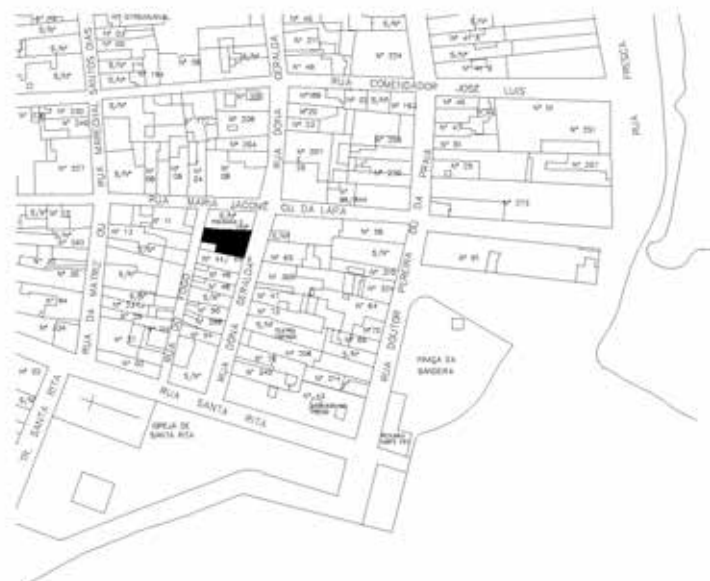
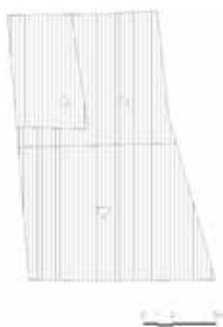
Endereço: Rua Dona Geralda, nº 39  
 Uso atual: residencial  
 Uso anterior: sem informação  
 Gabarito: 1  
 Outros gabaritos: –  
 Área do lote: 274,79 m<sup>2</sup>  
 Área de projeção: 151,56 m<sup>2</sup>  
 Estado de conservação: com problemas

RUA DONA GERALDA Nº 41



Endereço: Rua Dona Geralda, nº 41  
 Uso atual: residencial e comercial  
 Uso anterior: sem informação  
 Gabarito: 1  
 Outros gabaritos: sótão habitável  
 Área do lote: 127,42 m<sup>2</sup>  
 Área de projeção: 123,96 m<sup>2</sup>  
 Estado de conservação: bom

*RUA DONA GERALDA Nº 42*



*Endereço: Rua Dona Geralda, nº 42*

*Uso atual: residencial e comercial*

*Uso anterior: sem informação*

*Gabarito: 1*

*Outros gabaritos: –*

*Área do lote: 212,02 m<sup>2</sup>*

*Área de projeção: 209,83 m<sup>2</sup>*

*Estado de conservação: com problemas*

*RUA DONA GERALDA Nº 44*



*Endereço: Rua Dona Geralda, nº 44*

*Uso atual:*

*Uso anterior:*

*Gabarito:*

*Outros gabaritos:*

*Área do lote:*

*Área de projeção:*

*Estado de conservação:*



RUA DONA GERALDA Nº 45



Endereço: Rua Dona Geralda, nº 45

\* morador não encontrado

Uso atual: residencial

Uso anterior: sem informação

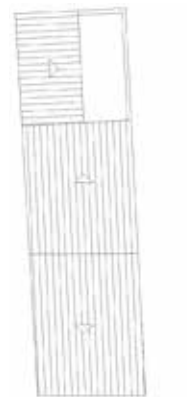
Gabarito: 1

Outros gabaritos: –

Área do lote: 233,69 m<sup>2</sup>

Área de projeção: –

Estado de conservação: –



Endereço: Rua Dona Geralda, nº 46

Uso atual: residencial

Uso anterior: residencial

Gabarito: 2

Outros gabaritos: sótão habitável

Área do lote: 96,56 m<sup>2</sup>

Área de projeção: 84,61 m<sup>2</sup>

Estado de conservação: bom

*RUA DONA GERALDA Nº 47*



*Endereço: Rua Dona Geralda, nº 47*

*Uso atual: sem informação*

*Uso anterior: sem informação*

*Gabarito: 1*

*Outros gabaritos: –*

*Área do lote: 162,97 m<sup>2</sup>*

*Área de projeção: –*

*Estado de conservação: –*



*RUA DONA GERALDA Nº 48*



*Endereço: Rua Dona Geralda, nº 48*

*Uso atual:*

*Uso anterior:*

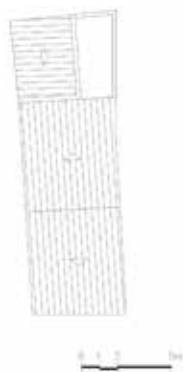
*Gabarito:*

*Outros gabaritos:*

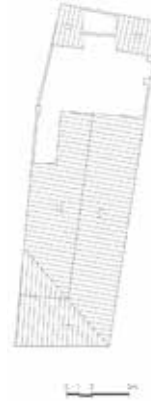
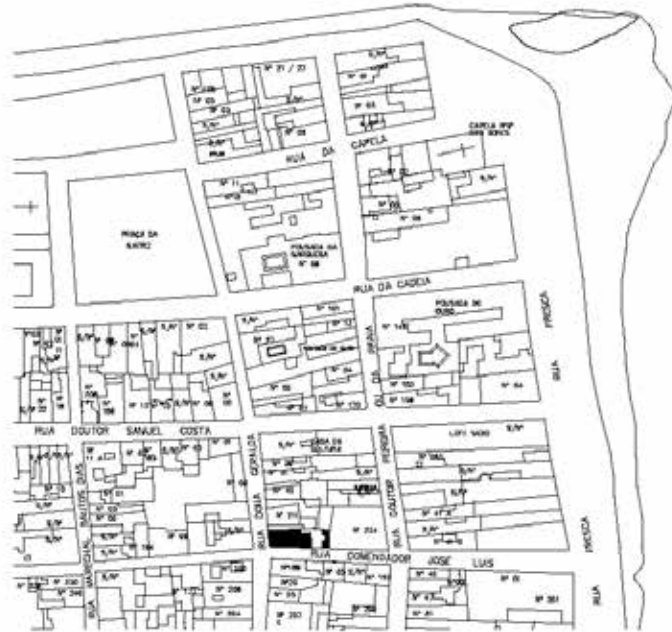
*Área do lote:*

*Área de projeção:*

*Estado de conservação:*



RUA DONA GERALDA Nº 49



Endereço: Rua Dona Geralda, nº 49  
Uso atual: residencial e comercial  
Uso anterior: sem informação  
Gabarito: 1  
Outros gabaritos: mezanino  
Área do lote: 214,71 m<sup>2</sup>  
Área de projeção: 160,02 m<sup>2</sup>  
Estado de conservação: satisfatório

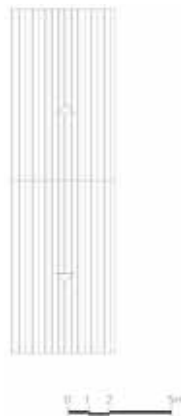
RUA DONA GERALDA Nº 50



Endereço: Rua Dona Geralda, nº 50  
\* morador não encontrado  
Uso atual: residencial  
Uso anterior: sem informação  
Gabarito: 1  
Outros gabaritos: –  
Área do lote: 92,17 m<sup>2</sup>  
Área de projeção: –  
Estado de conservação: –



*RUA DONA GERALDA Nº 54*



*Endereço: Rua Dona Geralda, nº 54*

*Uso atual: residencial*

*Uso anterior: residencial*

*Gabarito: 1*

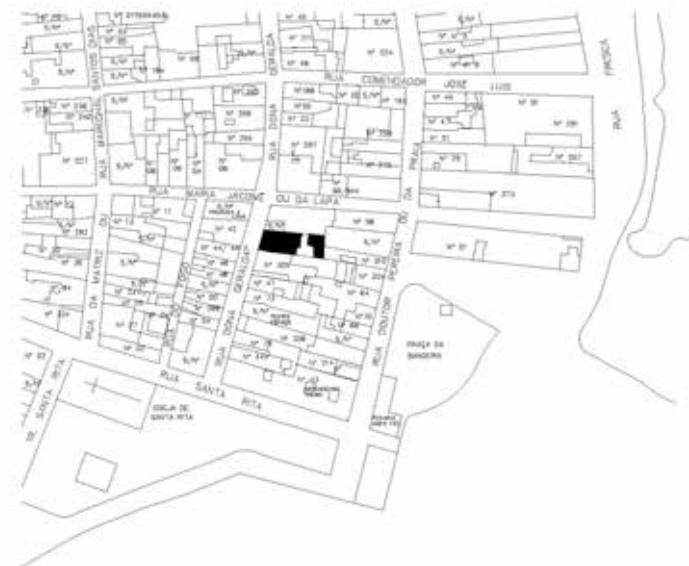
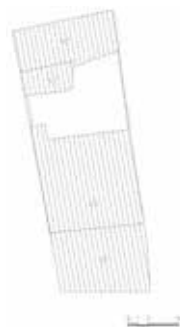
*Outros gabaritos: –*

*Área do lote: 84,34 m<sup>2</sup>*

*Área de projeção: 84,05 m<sup>2</sup>*

*Estado de conservação: com problemas*

*RUA DONA GERALDA Nº 65*



*Endereço: Rua Dona Geralda, nº 65*

*Uso atual:*

*Uso anterior:*

*Gabarito:*

*Outros gabaritos:*

*Área do lote:*

*Área de projeção:*

*Estado de conservação:*

RUA DONA GERALDA Nº 69  
POUSADA DA MARQUESA



Endereço: Rua Dona Geralda, nº 69

Uso atual: serviço

Uso anterior: sem informação

Gabarito: 1

Outros gabaritos: –

Área do lote: 1.822,22 m<sup>2</sup>

Área de projeção: 986,70 m<sup>2</sup>

Estado de conservação: bom

*RUA DONA GERALDA Nº 73*



*Endereço: Rua Dona Geralda, nº 73*  
*Uso atual: residencial e comercial*  
*Uso anterior: sem informação*  
*Gabarito: 1*  
*Outros gabaritos: mezanino*  
*Área do lote: 272,32 m<sup>2</sup>*  
*Área de projeção: 156,82 m<sup>2</sup>*  
*Estado de conservação: bom*



*RUA DONA GERALDA Nº 79*



*Endereço: Rua Dona Geralda, nº 79*  
*\* ocupante não autorizou questionário e levantamento arquitetônico*  
*Uso atual: serviço*  
*Uso anterior: sem informação*  
*Gabarito: 1*  
*Outros gabaritos: –*  
*Área do lote: –*  
*Área de projeção: –*  
*Estado de conservação: –*



RUA DONA GERALDA Nº 189



Endereço: Rua Dona Geralda, nº 189

Uso atual: residencial

Uso anterior: residencial

Gabarito: 1

Outros gabaritos: –

Área do lote: 245,99 m<sup>2</sup>

Área de projeção: 142,30 m<sup>2</sup>

Estado de conservação: com problemas

RUA DONA GERALDA Nº 200



Endereço: Rua Dona Geralda, nº 200

\* morador não encontrado

Uso atual: residencial

Uso anterior: sem informação

Gabarito: 1

Outros gabaritos: –

Área do lote: 451,60 m<sup>2</sup>

Área de projeção: –

Estado de conservação: –

RUA DONA GERALDA Nº 200



Endereço: Rua Dona Geralda, nº 200

\* morador não encontrado

Uso atual: residencial

Uso anterior: sem informação

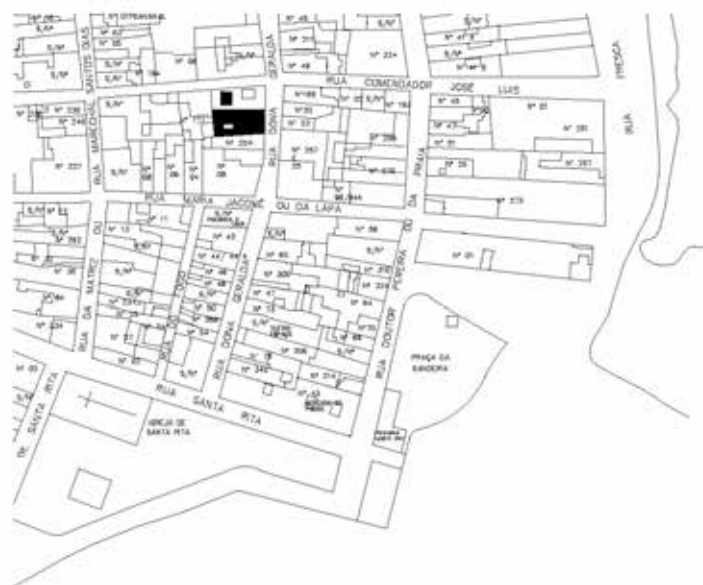
Gabarito: 1

Outros gabaritos: –

Área do lote: 451,60 m<sup>2</sup>

Área de projeção: –

Estado de conservação: –



RUA DONA GERALDA Nº 204



Endereço: Rua Dona Geralda, nº 204

\* morador não encontrado

Uso atual: residencial

Uso anterior: sem informação

Gabarito: 1

Outros gabaritos: –

Área do lote: 146,80 m<sup>2</sup>

Área de projeção: –

Estado de conservação: –





RUA DONA GERALDA Nº 211



Endereço: Rua Dona Geralda, nº 211  
Uso atual: residencial e comercial  
Uso anterior: depósito  
Gabarito: 1  
Outros gabaritos: sótão habitável  
Área do lote: 328,50 m<sup>2</sup>  
Área de projeção: 224,02 m<sup>2</sup>  
Estado de conservação: satisfatório



RUA DONA GERALDA Nº 257



Endereço: Rua Dona Geralda, nº 257  
Uso atual:  
Uso anterior:  
Gabarito:  
Outros gabaritos:  
Área do lote:  
Área de projeção:  
Estado de conservação:

*RUA DONA GERALDA Nº 288*



*Endereço: Rua Dona Geralda, nº 288*

*Uso atual: residencial*

*Uso anterior: depósito*

*Gabarito: 1*

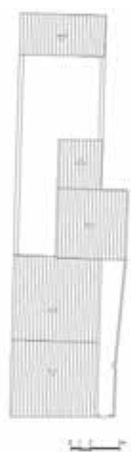
*Outros gabaritos: mezanino*

*Área do lote: 91,40 m<sup>2</sup>*

*Área de projeção: 75,77 m<sup>2</sup>*

*Estado de conservação: bom*

*RUA DONA GERALDA Nº 305*



*Endereço: Rua Dona Geralda, nº 305*

*Uso atual: residencial*

*Uso anterior: sem informação*

*Gabarito: 1*

*Outros gabaritos: sótão habitável*

*Área do lote: 401,99 m<sup>2</sup>*

*Área de projeção: 245,86 m<sup>2</sup>*

*Estado de conservação: satisfatório*

RUA DONA GERALDA Nº 345



Endereço: Rua Dona Geralda, nº 305

Uso atual: residencial e comercial

Uso anterior: sem informação

Gabarito: 2

Outros gabaritos: –

Área do lote: 165,58 m<sup>2</sup>

Área de projeção: 147,24 m<sup>2</sup>

Estado de conservação: satisfatório

RUA DONA GERALDA SN AO  
LADO DA RUA DR.  
SAMUEL COSTA Nº 2



Endereço: Rua Dona Geralda, sn, ao  
lado da Rua Dr. Samuel Costa

\* morador não autorizou questionário e  
levantamento arquitetônico

Uso atual: residencial

Uso anterior: sem informação

Gabarito: 1

Outros gabaritos: –

Área do lote: 105,78 m<sup>2</sup>

Área de projeção: –

Estado de conservação: –



*RUA DONA GERALDA SN AO  
LADO DO SOLAR DOS GERÂNIOS*



*Endereço: Rua Dona Geralda, sn, ao  
lado do Solar dos Gerânios*

*\* morador não autorizou questionário e  
levantamento arquitetônico*

*Uso atual: residencial*

*Uso anterior: sem informação*

*Gabarito: 2*

*Outros gabaritos: –*

*Área do lote: 219,75 m<sup>2</sup>*

*Área de projeção: –*

*Estado de conservação: –*



*RUA DONA GERALDA SN AO  
LADO DO Nº 8*



*Endereço: Rua Dona Geralda, sn, ao  
lado do nº 8*

*Uso atual:*

*Uso anterior:*

*Gabarito:*

*Outros gabaritos:*

*Área do lote:*

*Área de projeção:*

*Estado de conservação:*



RUA DONA GERALDA SN CASA DA CULTURA



Endereço: Rua Dona Geralda, sn, Casa da Cultura

Uso atual: : institucional e comercial

Uso anterior: residencial

Gabarito: 2

Outros gabaritos: –

Área do lote: 582,22 m<sup>2</sup>

Área de projeção: 282,11 m<sup>2</sup>

Estado de conservação: bom

RUA DONA GERALDA SN ENTRE O Nº 3 E O IPHAN



Endereço: Rua Dona Geralda, sn, entre o nº 3 e o IPHAN.

\* morador não encontrado

Uso atual: : residencial

Uso anterior: sem informação

Gabarito: 1

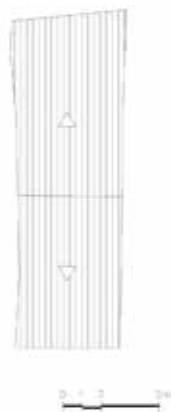
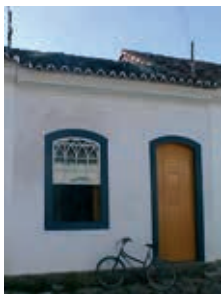
Outros gabaritos: –

Área do lote: 221,46 m<sup>2</sup>

Área de projeção: –

Estado de conservação: –

*RUA DONA GERALDA SN ENTRE  
OS N<sup>os</sup> 50 E 46*



*Endereço: Rua Dona Geralda, sn, entre os n<sup>os</sup> 50 e 46*

*Uso atual: : residencial*

*Uso anterior: sem informação*

*Gabarito: 1*

*Outros gabaritos: –*

*Área do lote: 103,06 m<sup>2</sup>*

*Área de projeção: 95,54 m<sup>2</sup>*

*Estado de conservação: satisfatório*

*RUA DONA GERALDA SN ESQ. COM  
RUA COMENDADOR JOSÉ LUÍS*



*Endereço: Rua Dona Geralda, sn, esquina com Rua Comendador José Luís*

*Uso atual: : vago*

*Uso anterior: sem informação*

*Gabarito: 1*

*Outros gabaritos: –*

*Área do lote: 308,43 m<sup>2</sup>*

*Área de projeção: –*

*Estado de conservação: –*





RUA DONA GERALDA SN ESQ.  
COM RUA DA CADEIA



Endereço: Rua Dona Geralda, sn, esquina com a Rua da Cadeia

Uso atual: :

Uso anterior:

Gabarito:

Outros gabaritos:

Área do lote:

Área de projeção:

Estado de conservação:



RUA DONA GERALDA SN ESCRITÓRIO TÉCNICO - IPHAN



Endereço: Rua Dona Geralda, sn Escritório Técnico - IPHAN

Uso atual: institucional

Uso anterior: residencial

Gabarito: 2

Outros gabaritos: -

Área do lote: 323,46 m<sup>2</sup>

Área de projeção: 220,00m<sup>2</sup>

Estado de conservação: bom

RUA DONA GERALDA S/N  
POUSADA DO OURO



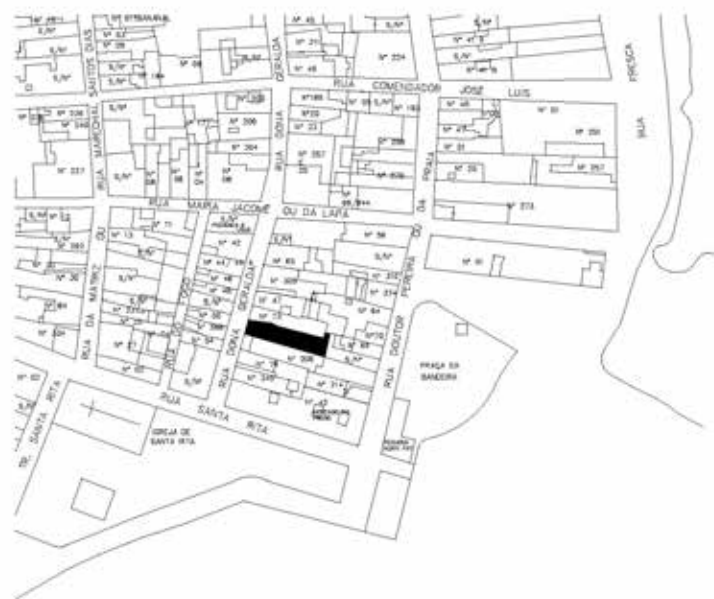
Endereço: Rua Dona Geralda, s/n  
Pousada do Ouro  
\* ocupante não autorizou questionário  
e levantamento arquitetônico  
Uso atual: serviço  
Uso anterior: sem informação  
Gabarito: 1  
Outros gabaritos: –  
Área do lote: 612,53 m<sup>2</sup>  
Área de projeção: –  
Estado de conservação: –



RUA DONA GERALDA S/N  
TEATRO ESPAÇO



Endereço: Rua Dona Geralda, s/n  
Teatro Espaço  
Uso atual:  
Uso anterior:  
Gabarito:  
Outros gabaritos:  
Área do lote:  
Área de projeção:  
Estado de conservação:



RUA DOUTOR  
SAMUEL COSTA, 5



Endereço: Rua Doutor Samuel Costa, 5

\* morador não encontrado

Uso atual: residencial

Uso anterior: sem informação

Gabarito: 1

Outros gabaritos: -

Área do lote: 98,64 m<sup>2</sup>

Área de projeção: -

Estado de conservação: -



RUA DOUTOR  
SAMUEL COSTA, 6



Endereço: Rua Doutor Samuel Costa, 6

\* morador não autorizou questionário e levantamento arquitetônico

Uso atual: residencial

Uso anterior: sem informação

Gabarito: 2

Outros gabaritos: -

Área do lote: 200,22 m<sup>2</sup>

Área de projeção: -

Estado de conservação: -



RUA DOUTOR  
SAMUEL COSTA, Nº 7



Endereço: Rua Doutor Samuel Costa, 7  
Uso atual: residencial  
Uso anterior: bar  
Gabarito: 2  
Outros gabaritos: -  
Área do lote: 337,13 m<sup>2</sup>  
Área de projeção: 214,51 m<sup>2</sup>  
Estado de conservação: bom



RUA DOUTOR  
SAMUEL COSTA, Nº 10



Endereço: Rua Doutor Samuel Costa, 10  
Uso atual: comercial e serviço  
Uso anterior: sem informação  
Gabarito: 2  
Outros gabaritos: -  
Área do lote: 194,20 m<sup>2</sup>  
Área de projeção: 74,36 m<sup>2</sup>  
Estado de conservação: bom





*RUA DOUTOR  
SAMUEL COSTA, Nº 11*



*Endereço: Rua Doutor Samuel Costa, 11*

*Uso atual: residencial e comercial*

*Uso anterior: residencial*

*Gabarito: 1*

*Outros gabaritos: -*

*Área do lote: 333,40 m<sup>2</sup>*

*Área de projeção: 261,99 m<sup>2</sup>*

*Estado de conservação: bom*



*RUA DOUTOR  
SAMUEL COSTA, Nº 12*



*Endereço: Rua Doutor Samuel Costa, 12*

*Uso atual: residencial e comercial*

*Uso anterior: sem informação*

*Gabarito: 2*

*Outros gabaritos: -*

*Área do lote: 249,23 m<sup>2</sup>*

*Área de projeção: 196,74 m<sup>2</sup>*

*Estado de conservação: satisfatório*



*RUA DOUTOR  
SAMUEL COSTA, Nº 18*



*Endereço: Rua Doutor Samuel Costa, 18*

*Uso atual: serviço*

*Uso anterior: residencial*

*Gabarito: 2*

*Outros gabaritos: -*

*Área do lote: 176,46 m<sup>2</sup>*

*Área de projeção: 127,19 m<sup>2</sup>*

*Estado de conservação: satisfatório*



*RUA DOUTOR  
SAMUEL COSTA, Nº 22*



*Endereço: Rua Doutor Samuel Costa, 22*

*Uso atual: residencial*

*Uso anterior: sem informação*

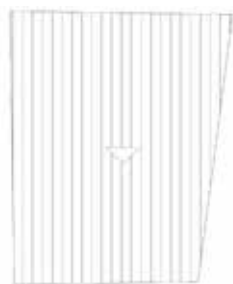
*Gabarito: 1*

*Outros gabaritos: mezanino*

*Área do lote: 118,02 m<sup>2</sup>*

*Área de projeção: 169,60 m<sup>2</sup>*

*Estado de conservação: satisfatório*





*RUA DOUTOR SAMUEL COSTA,  
N° 22 (AO LADO DO N° 18)*



*Endereço: Rua Doutor Samuel Costa, 22  
(ao lado do n° 18)*

*Uso atual: comercial*

*Uso anterior: funerária*

*Gabarito: 1*

*Outros gabaritos: -*

*Área do lote: 104,93 m<sup>2</sup>*

*Área de projeção: 85,54 m<sup>2</sup>*

*Estado de conservação: com problemas*



*RUA DOUTOR SAMUEL COSTA,  
N° 22 (JOÃO DA GRAÇA)*



*Endereço: Rua Doutor Samuel Costa, 22  
(João da Graça)*

*Uso atual: comercial*

*Uso anterior: funerária*

*Gabarito: 1*

*Outros gabaritos: -*

*Área do lote:*

*Área de projeção:*

*Estado de conservação:*

*RUA DOUTOR  
SAMUEL COSTA, Nº 24*



*Endereço: Rua Doutor Samuel Costa, 24*

*Uso atual: comercial*

*Uso anterior: sem informação*

*Gabarito: 1*

*Outros gabaritos: mezanino*

*Área do lote: 138,72 m<sup>2</sup>*

*Área de projeção: 138,72 m<sup>2</sup>*

*Estado de conservação: bom*



*RUA DOUTOR  
SAMUEL COSTA, Nº 28*



*Endereço: Rua Doutor Samuel Costa, 28*

*Uso atual: comercial*

*Uso anterior: residencial*

*Gabarito: 2*

*Outros gabaritos: -*

*Área do lote: 95,36 m<sup>2</sup>*

*Área de projeção: 95,36 m<sup>2</sup>*

*Estado de conservação: satisfatório*



RUA DOUTOR  
SAMUEL COSTA, Nº 185



Endereço: Rua Doutor Samuel Costa, 185  
 Uso atual: comercial  
 Uso anterior: residencial  
 Gabarito: 2  
 Outros gabaritos: -  
 Área do lote: 95,36 m<sup>2</sup>  
 Área de projeção: 95,36 m<sup>2</sup>  
 Estado de conservação: satisfatório



RUA DOUTOR  
SAMUEL COSTA, Nº 198



Endereço: Rua Doutor Samuel Costa, 198  
 Uso atual: residencial e comercial  
 Uso anterior: sem informação  
 Gabarito: 1  
 Outros gabaritos: sótão habitável  
 Área do lote: 211,29 m<sup>2</sup>  
 Área de projeção: 211,29 m<sup>2</sup>  
 Estado de conservação: bom



*RUA DOUTOR  
SAMUEL COSTA, Nº 208*



*Endereço: Rua Doutor Samuel Costa, 208*

*\* ocupante não encontrado*

*Uso atual: comercial*

*Uso anterior: sem informação*

*Gabarito: 2*

*Outros gabaritos: -*

*Área do lote: 58,41 m<sup>2</sup>*

*Área de projeção: -*

*Estado de conservação: -*



*RUA DOUTOR  
SAMUEL COSTA, Nº 274*



*Endereço: Rua Doutor Samuel Costa, 274*

*Uso atual: comercial*

*Uso anterior: sem informação*

*Gabarito: 1*

*Outros gabaritos: mezanino*

*Área do lote: 30,94 m<sup>2</sup>*

*Área de projeção: 30,94 m<sup>2</sup>*

*Estado de conservação: bom*



RUA DOUTOR SAMUEL COSTA, SNº  
(AO LADO DA CÂMARA MUNICIPAL)



Endereço: Rua Doutor Samuel Costa, sn  
(ao lado da Câmara Municipal)

\* morador não encontrado

Uso atual: residencial

Uso anterior: sem informação

Gabarito: 1

Outros gabaritos: -

Área do lote: -

Área de projeção: -

Estado de conservação: -

RUA DOUTOR SAMUEL COSTA, SN  
(AO LADO DO EMPÓRIO DA CACHAÇA)



Endereço: Rua Doutor Samuel Costa, sn  
(ao lado do Empório da Cachaça)

\* ocupante não autorizou questionário e levantamento arquitetônico

Uso atual: comercial

Uso anterior: sem informação

Gabarito: 1

Outros gabaritos: -

Área do lote: -

Área de projeção: -

Estado de conservação: -

*RUA DOUTOR SAMUEL COSTA,  
SN (AO LADO DO Nº 22)*



*Endereço: Rua Doutor Samuel Costa, sn  
(ao lado do nº 22)*

*\* ocupante não autorizou questionário e  
levantamento arquitetônico*

*Uso atual: comercial*

*Uso anterior: sem informação*

*Gabarito: 1*

*Outros gabaritos: -*

*Área do lote: -*

*Área de projeção: -*

*Estado de conservação: -*



*RUA DOUTOR SAMUEL COSTA,  
SN (AO LADO DO SNº ARTE E SABOR)*



*Endereço: Rua Doutor Samuel Costa, sn  
(ao lado do sn Arte e Sabor)*

*\* ocupante não encontrado*

*Uso atual: residencial e serviço*

*Uso anterior: sem informação*

*Gabarito: 1*

*Outros gabaritos: -*

*Área do lote: 112,12 m<sup>2</sup>*

*Área de projeção: -*

*Estado de conservação: -*



RUA DOUTOR SAMUEL COSTA,  
SN (AO LADO DA CÂMARA MUNICIPAL)



Endereço: Rua Doutor Samuel Costa, sn  
(ao lado da Câmara Municipal)

\* morador não encontrado

Uso atual: residencial

Uso anterior: sem informação

Gabarito: 1

Outros gabaritos: -

Área do lote: -

Área de projeção: -

Estado de conservação: -

RUA DOUTOR SAMUEL COSTA,  
SN (ENTRE DOIS SN)



Endereço: Rua Doutor Samuel Costa,  
sn (entre dois sn)

\* morador não encontrado

Uso atual: residencial

Uso anterior: sem informação

Gabarito: 1

Outros gabaritos: -

Área do lote: -

Área de projeção: -

Estado de conservação: -



*RUA DOUTOR SAMUEL COSTA, SN  
(ENTRE O Nº 11 E CÂMARA MUNICIPAL)*



*Endereço: Rua Doutor Samuel Costa, sn (entre o nº 11 e Câmara Municipal)*

*\* morador não encontrado*

*Uso atual: residencial*

*Uso anterior: sem informação*

*Gabarito: 1*

*Outros gabaritos: -*

*Área do lote: -*

*Área de projeção: -*

*Estado de conservação: -*



*RUA DOUTOR SAMUEL COSTA,  
SN (ENTRE OS NºS 5-185)*



*Endereço: Rua Doutor Samuel Costa, sn (entre os nºs 5-185)*

*\* morador não encontrado*

*Uso atual: residencial*

*Uso anterior: sem informação*

*Gabarito: 1*

*Outros gabaritos: -*

*Área do lote: -*

*Área de projeção: -*

*Estado de conservação: -*



RUA DOUTOR SAMUEL COSTA,  
SN (ENTRE OS N<sup>OS</sup> 6-10)



Endereço: Rua Doutor Samuel Costa, sn  
(entre o n<sup>o</sup> 6 e o n<sup>o</sup> 10)

\* ocupante não encontrado

Uso atual: depósito

Uso anterior: sem informação

Gabarito: 1

Outros gabaritos: -

Área do lote: 172,66 m<sup>2</sup>

Área de projeção: -

Estado de conservação: -

RUA DOUTOR SAMUEL COSTA,  
SN (ESQ. RUA DA MATRIZ)



Endereço: Rua Doutor Samuel Costa, sn  
(esquina com Rua da Matriz)

\* ocupante não autorizou questionário e  
levantamento arquitetônico

Uso atual: comercial

Uso anterior: sem informação

Gabarito: 1

Outros gabaritos: -

Área do lote: 115,18 m<sup>2</sup>

Área de projeção: -

Estado de conservação: -

*RUA DOUTOR SAMUEL COSTA,  
SN (CÂMARA MUNICIPAL)*



*Endereço: Rua Doutor Samuel Costa,  
(Câmara Municipal de Parati)*

*\* ocupante não encontrado*

*Uso atual: institucional*

*Uso anterior: sem informação*

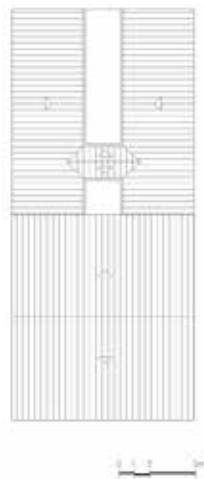
*Gabarito: 1*

*Outros gabaritos: -*

*Área do lote: 320,82 m<sup>2</sup>*

*Área de projeção: -*

*Estado de conservação: -*



*RUA DO FOGO, Nº 4*



*Endereço: Rua do Fogo, 4*

*Uso atual: residencial e serviço*

*Uso anterior: terreno vazio (quintal)*

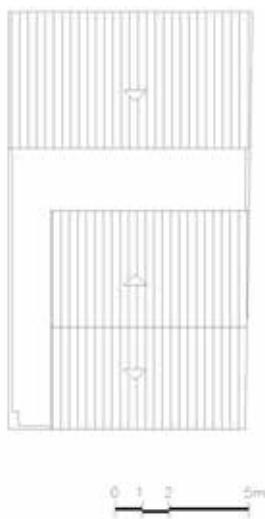
*Gabarito: 1*

*Outros gabaritos: sôzô habitável*

*Área do lote: 141,64 m<sup>2</sup>*

*Área de projeção: 107,10 m<sup>2</sup>*

*Estado de conservação: satisfatório*



RUA FRESCA, Nº 4



Endereço: Rua Fresca, 4  
 Uso atual: residencial  
 Uso anterior: residencial  
 Gabarito: 2  
 Outros gabaritos: -  
 Área do lote: 1.012,39 m<sup>2</sup>  
 Área de projeção: 423,21 m<sup>2</sup>  
 Estado de conservação: com problemas

RUA FRESCA, Nº 251



Endereço: Rua Fresca, 251  
 Uso atual: residencial  
 Uso anterior: sem informação  
 Gabarito: 1  
 Outros gabaritos: -  
 Área do lote: 1.114,84 m<sup>2</sup>  
 Área de projeção: 130,31 m<sup>2</sup>  
 Estado de conservação: satisfatório

RUA FRESCA, Nº 257



Endereço: Rua Fresca, 257 (Pousada Flor do Mar)

Uso atual: serviço

Uso anterior: sem informação

Gabarito: 1

Outros gabaritos: -

Área do lote: 419,64 m<sup>2</sup>

Área de projeção: 243,96 m<sup>2</sup>

Estado de conservação: satisfatório



RUA FRESCA, SN  
(AO LADO DA CAPELA)



Endereço: Rua Fresca, sn (ao lado da Capela)

Uso atual: serviço

Uso anterior: sem informação

Gabarito: 1

Outros gabaritos: -

Área do lote: 419,64 m<sup>2</sup>

Área de projeção: 243,96 m<sup>2</sup>

Estado de conservação: satisfatório





RUA DA LAPA, 6



Endereço: Rua da Lapa, 6

Uso atual:

Uso anterior:

Gabarito:

Outros gabaritos:

Área do lote:

Área de projeção:

Estado de conservação:



RUA DA LAPA, 8



Endereço: Rua da Lapa, 8

Uso atual: residencial e comercial

Uso anterior: armazém

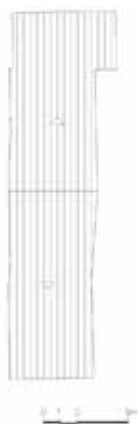
Gabarito: 1

Outros gabaritos: –

Área do lote: 115,19 m<sup>2</sup>

Área de projeção: 115,19 m<sup>2</sup>

Estado de conservação: com problemas







*RUA DA LAPA, 1*  
*ESQUINA DA RUA DA MATRIZ E DO FOGO*



*Endereço: Rua da Lapa, 11 esquina da  
Rua da Matriz e do Fogo*  
*Uso atual: comercial*  
*Uso anterior: residencial*  
*Gabarito: 1*  
*Outros gabaritos: –*  
*Área do lote: 189,92 m<sup>2</sup>*  
*Área de projeção: 75,50 m<sup>2</sup>*  
*Estado de conservação: com problemas*



RUA DA LAPA, Nº 14



Endereço: Rua da Lapa nº 14

Uso atual: comercial

Uso anterior: sem informação

Gabarito: 1

Outros gabaritos: –

Área do lote: 67,22 m<sup>2</sup>

Área de projeção: 67,22 m<sup>2</sup>

Estado de conservação: satisfatório



RUA DA LAPA, Nº 213



Endereço: Rua da Lapa nº 213

Uso atual:

Uso anterior:

Gabarito:

Outros gabaritos:

Área do lote:

Área de projeção:

Estado de conservação:

*RUA DA LAPA, Nº 227*



*Endereço: Rua da Lapa nº 227*

*Uso atual: serviço*

*Uso anterior: terreno vazio*

*Gabarito: 1*

*Outros gabaritos: –*

*Área do lote: 542,64 m<sup>2</sup>*

*Área de projeção: 22,58 m<sup>2</sup>*

*Estado de conservação: com problemas*



*RUA DA LAPA, Nº 245*



*Endereço: Rua da Lapa nº 245*

*Uso atual: residencial e comercial*

*Uso anterior: tabacaria*

*Gabarito: 1*

*Outros gabaritos: –*

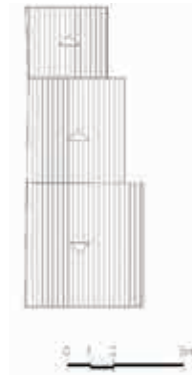
*Área do lote: 76,43 m<sup>2</sup>*

*Área de projeção: 76,43 m<sup>2</sup>*

*Estado de conservação: com problemas*



RUA DA LAPA, Nº 265



Endereço: Rua da Lapa nº 265

Uso atual: serviço

Uso anterior: restaurante

Gabarito: 1

Outros gabaritos: mezanino

Área do lote: 58,82 m<sup>2</sup>

Área de projeção: 57,24 m<sup>2</sup>

Estado de conservação: com problemas



RUA DA LAPA, Nº 331

Endereço: Rua da Lapa nº 331

Uso atual: comercial e serviço

Uso anterior: sem informação

Gabarito: 1

Outros gabaritos: –

Área do lote: 136,46 m<sup>2</sup>

Área de projeção: 135,44 m<sup>2</sup>

Estado de conservação: satisfatório

*RUA DA LAPA, Nº 335*



*Endereço: Rua da Lapa nº 335*

*Uso atual: serviço*

*Uso anterior: sem informação*

*Gabarito: 1*

*Outros gabaritos: –*

*Área do lote: 128,00 m<sup>2</sup>*

*Área de projeção: 127,53 m<sup>2</sup>*

*Estado de conservação: bom*



*RUA DA LAPA, Nº 343*



*Endereço: Rua da Lapa nº 343*

*Uso atual: comercial*

*Uso anterior: residencial*

*Gabarito: 1*

*Outros gabaritos: mezanino*

*Área do lote: 282,05 m<sup>2</sup>*

*Área de projeção: 247,16 m<sup>2</sup>*

*Estado de conservação: bom*





*RUA DA LAPA, Nº 390*



*Endereço: Rua da Lapa nº 390*  
*Uso atual: comercial*  
*Uso anterior: residencial*  
*Gabarito: 1*  
*Outros gabaritos: –*  
*Área do lote: 167,54 m<sup>2</sup>*  
*Área de projeção: 103,03 m<sup>2</sup>*  
*Estado de conservação: bom*



*RUA DA LAPA, SN*  
*AO LADO DO 12 DA RUA DA MATRIZ*



*Endereço: Rua da Lapa sn, ao lado do 12 da Rua da Matriz*  
*Uso atual:*  
*Uso anterior:*  
*Gabarito:*  
*Outros gabaritos:*  
*Área do lote:*  
*Área de projeção:*  
*Estado de conservação:*





RUA DA LAPA, SN  
AO LADO DO 213



Endereço: Rua da Lapa sn, ao lado do 213

Uso atual:

Uso anterior:

Gabarito:

Outros gabaritos:

Área do lote:

Área de projeção:

Estado de conservação:



RUA DA LAPA, SN  
AO LADO DO 245



Endereço: Rua da Lapa sn, ao lado do 245

Uso atual:

Uso anterior:

Gabarito:

Outros gabaritos:

Área do lote:

Área de projeção:

Estado de conservação:



*RUA DA LAPA, SN  
AO LADO DO 331*



*Endereço: Rua da Lapa, sn, ao lado do 331*

*Uso atual:*

*Uso anterior:*

*Gabarito:*

*Outros gabaritos:*

*Área do lote:*

*Área de projeção:*

*Estado de conservação:*



*RUA DA LAPA, SN  
AO LADO DO 390*



*Endereço: Rua da Lapa, sn, ao lado do 390*

*Uso atual:*

*Uso anterior:*

*Gabarito:*

*Outros gabaritos:*

*Área do lote:*

*Área de projeção:*

*Estado de conservação:*



RUA DA LAPA, SN  
AO LADO DO RESTAURANTE DO NETO



Endereço: Rua da Lapa, sn, ao lado do Restaurante do Neto

Uso atual: obras

Uso anterior: sem informação

Gabarito: 1

Outros gabaritos: –

Área do lote: 224,40 m<sup>2</sup>

Área de projeção: 112,67 m<sup>2</sup>

Estado de conservação: –

RUA DA LAPA, SN  
AO LADO DO SN AO LADO DO 213



Endereço: Rua da Lapa, sn, ao lado do sn ao lado do 213

Uso atual:

Uso anterior:

Gabarito:

Outros gabaritos:

Área do lote:

Área de projeção:

Estado de conservação:

*RUA DA LAPA, SN  
AO LADO DO SN AO LADO DO SUSHI*



*Endereço: Rua da Lapa sn, ao lado do  
sn ao lado do Sushi*

*Uso atual: comercial*

*Uso anterior: residencial*

*Gabarito: 1*

*Outros gabaritos: –*

*Área do lote: 45,09 m<sup>2</sup>*

*Área de projeção: 45,09 m<sup>2</sup>*

*Estado de conservação: bom*

*RUA DA LAPA, SN  
AO LADO DO SN BANERJ*



*Endereço: Rua da Lapa sn, Banerj*

*Uso atual:*

*Uso anterior:*

*Gabarito:*

*Outros gabaritos:*

*Área do lote:*

*Área de projeção:*

*Estado de conservação:*



RUA DA LAPA, SN  
CASA DA LONA



Endereço: Rua da Lapa sn, Casa da Lona

Uso atual: residencial e comercial

Uso anterior: sem informação

Gabarito: 1

Outros gabaritos: –

Área do lote: 87,86 m<sup>2</sup>

Área de projeção: 75,68 m<sup>2</sup>

Estado de conservação: bom

RUA DA LAPA, SN  
CASA DO ARQUITETO



Endereço: Rua da Lapa sn, Casa do Arquiteto

Uso atual: residencial

Uso anterior: sem informação

Gabarito: 1

Outros gabaritos: sótão habitável

Área do lote: –

Área de projeção: –

Estado de conservação: –

*RUA DA LAPA, SN  
ESQ. RUA DOMINGOS G. DE ABREU*



*Endereço: Rua da Lapa sn, esquina  
Rua Domingos G. de Abreu*

*Uso atual: –*

*Uso anterior: –*

*Gabarito: 1*

*Outros gabaritos: –*

*Área do lote: –*

*Área de projeção: –*

*Estado de conservação: –*

*RUA DA LAPA, SN  
GALERIA PARATI DAS ARTES*



*Endereço: Rua da Lapa sn, Galeria Parati  
das Artes*

*Uso atual: comercial*

*Uso anterior: sem informação*

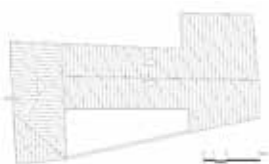
*Gabarito: 1*

*Outros gabaritos: –*

*Área do lote: 205,83 m<sup>2</sup>*

*Área de projeção: 174,98 m<sup>2</sup>*

*Estado de conservação: bom*



RUA DA LAPA, SN LOJA ITA



Endereço: Rua da Lapa sn, Loja Ita

Uso atual: comercial

Uso anterior: sem informação

Gabarito: 1

Outros gabaritos: –

Área do lote: 206,24 m<sup>2</sup>

Área de projeção: 48,80 m<sup>2</sup>

Estado de conservação: bom

RUA DA LAPA, SN  
RESTAURANTE DO NETO



Endereço: Rua da Lapa sn, Res-  
taurante do Neto

Uso atual: serviço

Uso anterior: sem informação

Gabarito: 1

Outros gabaritos: –

Área do lote: 88,69 m<sup>2</sup>

Área de projeção: 88,69 m<sup>2</sup>

Estado de conservação: bom

*RUA DA LAPA, SN RUA DONA GERALDA ESQ. RUA DA LAPA*



*Endereço: Rua da Lapa sn, Rua Dona Geralda*

*Uso atual:*

*Uso anterior:*

*Gabarito: 1*

*Outros gabaritos: –*

*Área do lote:*

*Área de projeção:*

*Estado de conservação:*

*RUA DA LAPA, SN  
AO LADO DO SUSHI PARATI*



*Endereço: Rua da Lapa sn, ao lado do Sushi Parati*

*Uso atual: comercial*

*Uso anterior: residencial*

*Gabarito: 1*

*Outros gabaritos: –*

*Área do lote: 45,09 m<sup>2</sup>*

*Área de projeção: 45,09 m<sup>2</sup>*

*Estado de conservação: bom*

RUA DA MATRIZ Nº 1



Endereço: Rua da Matriz nº 1  
 Uso atual: residencial e comercial  
 Uso anterior: sem informação  
 Gabarito: 1  
 Outros gabaritos: –  
 Área do lote: 30,48 m<sup>2</sup>  
 Área de projeção: 30,35 m<sup>2</sup>  
 Estado de conservação: bom

RUA DA MATRIZ Nº 3



Endereço: Rua da Matriz nº 3  
 Uso atual: residencial  
 Uso anterior: comercial  
 Gabarito: 2  
 Outros gabaritos: –  
 Área do lote: 121,39 m<sup>2</sup>  
 Área de projeção: 94,90 m<sup>2</sup>  
 Estado de conservação: satisfatório



*RUA DA MATRIZ Nº 5*



*Endereço: Rua da Matriz nº 5*

*Uso atual:*

*Uso anterior:*

*Gabarito:*

*Outros gabaritos:*

*Área do lote:*

*Área de projeção:*

*Estado de conservação:*



*RUA DA MATRIZ Nº 10*



*Endereço: Rua da Matriz nº 10*

*Uso atual: residencial e comercial*

*Uso anterior: residencial*

*Gabarito: 1*

*Outros gabaritos: mezanino*

*Área do lote: 114,66 m<sup>2</sup>*

*Área de projeção: 98,80 m<sup>2</sup>*

*Estado de conservação: com problemas*





RUA DA MATRIZ N° 12



Endereço: Rua da Matriz, 12  
Uso atual: comercial  
Uso anterior: sem informação  
Gabarito: 1  
Outros gabaritos: –  
Área do lote: 83,77 m<sup>2</sup>  
Área de projeção: 83,77 m<sup>2</sup>  
Estado de conservação: bom



RUA DA MATRIZ N° 13



Endereço: Rua da Matriz, 13  
\* morador não autorizou questionário e levantamento arquitetônico  
Uso atual: residencial  
Uso anterior: sem informação  
Gabarito: 1  
Outros gabaritos: –  
Área do lote: –  
Área de projeção: –  
Estado de conservação: –

RUA DA MATRIZ Nº 23



Endereço: Rua da Matriz, 23  
Uso atual: residencial e comercial  
Uso anterior: sem informação  
Gabarito: 2  
Outros gabaritos: –  
Área do lote: 143,09 m<sup>2</sup>  
Área de projeção: 80,86 m<sup>2</sup>  
Estado de conservação: bom



RUA DA MATRIZ Nº 25



Endereço: Rua da Matriz, 25  
\* morador não encontrado  
Uso atual: residencial  
Uso anterior: sem informação  
Gabarito: 1  
Outros gabaritos: –  
Área do lote: 124,36 m<sup>2</sup>  
Área de projeção: –  
Estado de conservação: –



RUA DA MATRIZ Nº 27



Endereço: Rua da Matriz, 27  
 Uso atual: residencial e serviço  
 Uso anterior: residencial  
 Gabarito: 1  
 Outros gabaritos: –  
 Área do lote: 282,98 m<sup>2</sup>  
 Área de projeção: 282,98 m<sup>2</sup>  
 Estado de conservação: satisfatório

RUA DA MATRIZ Nº 30



Endereço: Rua da Matriz, 30  
 Uso atual: residencial  
 Uso anterior: sem informação  
 Gabarito: 1  
 Outros gabaritos: sótão habitável  
 Área do lote: 326,51 m<sup>2</sup>  
 Área de projeção: 269,24 m<sup>2</sup>  
 Estado de conservação: –

*RUA DA MATRIZ Nº 30  
PAULO AUTRAN*



*Endereço: Rua da Matriz, 30  
– Paulo Autran*

*Uso atual: residencial*

*Uso anterior: residencial*

*Gabarito: 1*

*Outros gabaritos: sótão habitável*

*Área do lote: 260,05 m<sup>2</sup>*

*Área de projeção: 198,83 m<sup>2</sup>*

*Estado de conservação: satisfatório*



*RUA DA MATRIZ Nº 230  
ESQ. COMENDADOR JOSÉ LUÍS*



*Endereço: Rua da Matriz, 230 Esq.*

*Comendador José Luís*

*Uso atual: residencial*

*Uso anterior: sem informação*

*Gabarito: 1*

*Outros gabaritos: -*

*Área do lote: 104,06 m<sup>2</sup>*

*Área de projeção: 95,43 m<sup>2</sup>*

*Estado de conservação: satisfatório*





RUA DA MATRIZ, Nº 240



Endereço: Rua da Matriz nº 240  
Uso atual: residencial  
Uso anterior: sem informação  
Gabarito: 2  
Outros gabaritos: -  
Área do lote: -  
Área de projeção: -  
Estado de conservação: -

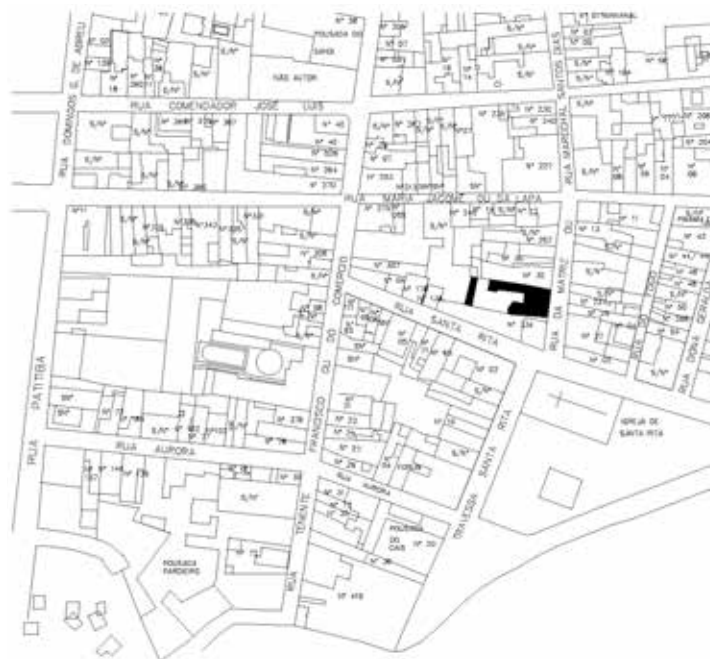


RUA DA MATRIZ, Nº 292



Endereço: Rua da Matriz nº 292  
\* morador não encontrado  
Uso atual: residencial  
Uso anterior: sem informação  
Gabarito: 2  
Outros gabaritos: -  
Área do lote: -  
Área de projeção: -  
Estado de conservação: -

*RUA DA MATRIZ Nº 324*



*Endereço: Rua da Matriz nº 324*  
*Uso atual: residencial e comercial*  
*Uso anterior: açougue e barbearia*  
*Gabarito: 2*  
*Outros gabaritos: -*  
*Área do lote: 431,38 m<sup>2</sup>*  
*Área de projeção: 263,53 m<sup>2</sup>*  
*estado de conservação: bom*

*RUA DA MATRIZ Nº 334*



*Endereço: Rua da Matriz, nº 334*  
*Uso atual: comercial*  
*Uso anterior: sem informação*  
*Gabarito: 1*  
*Outros gabaritos: -*  
*Área do lote: 434,23 m<sup>2</sup>*  
*Área de projeção: 110,91 m<sup>2</sup>*  
*Estado de conservação: satisfatório*



RUA DA MATRIZ SN,  
AO LADO DO Nº 13



Endereço: Rua da Matriz, sn, ao lado do nº 13

Uso atual:

Uso anterior:

Gabarito:

Outros gabaritos:

Área do lote:

Área de projeção:

Estado de conservação:



RUA DA MATRIZ SN, AO LADO  
DO Nº 23



Endereço: Rua da Matriz, sn ao lado do nº 23

\* ocupante não encontrado

Uso atual: comercial

Uso anterior: sem informação

Gabarito:

Outros gabaritos:

Área do lote:

Área de projeção:

Estado de conservação:



*RUA DA MATRIZ SN, AO LADO  
DO SN E AO LADO DO Nº 23*



*Endereço: Rua da Matriz, sn, ao lado  
do nº 23*

*Uso atual:*

*Uso anterior:*

*Gabarito:*

*Outros gabaritos:*

*Área do lote:*

*Área de projeção:*

*Estado de conservação:*



*RUA DA MATRIZ SN, ESQ. COM A  
RUA DA LAPA*



*Endereço: Rua da Matriz, esquina com a  
Rua da Lapa*

*Uso atual: comercial*

*Uso anterior: residencial*

*Gabarito: 1*

*Outros gabaritos: –*

*Área do lote: 237,41 m<sup>2</sup>*

*Área de projeção: 101,99 m<sup>2</sup>*

*Estado de conservação: com problemas*



RUA DA MATRIZ SN,  
ESTALAGEM COLONIAL



Endereço: Rua da Matriz, sn, Estalagem Colonial

Uso atual: residencial, comercial e serviço

Uso anterior: sem informação

Gabarito: 2

Outros gabaritos: mezanino e mirante

Área do lote: 514,44 m<sup>2</sup>

Área de projeção: 374,27 m<sup>2</sup>

Estado de conservação: com problemas

RUA DA MATRIZ SN,  
LOJA TRAMAS E FIOS



Endereço: Rua da Matriz, sn, Loja Tramas e Fios

Uso atual: comercial

Uso anterior: residencial

Gabarito: 1

Outros gabaritos: sótão habitável

Área do lote: 99,82 m<sup>2</sup>

Área de projeção: 60,68 m<sup>2</sup>

Estado de conservação: bom

*RUA DA MATRIZ SN,  
PORTO DA PINGA*



*Endereço: Rua da Matriz, sn, Porto da Pinga*

*Uso atual: residencial*

*Uso anterior: comercial*

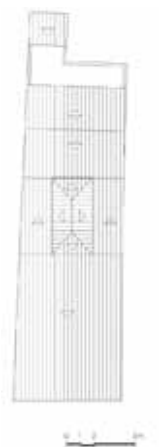
*Gabarito: 1*

*Outros gabaritos: –*

*Área do lote: 201,49 m<sup>2</sup>*

*Área de projeção: 184,75 m<sup>2</sup>*

*Estado de conservação: bom*



*RUA DA MATRIZ SN,  
RESTAURANTE ARPOADOR*



*Endereço: Rua da Matriz, sn, Restaurante Arpoador*

*Uso atual:*

*Uso anterior:*

*Gabarito:*

*Outros gabaritos:*

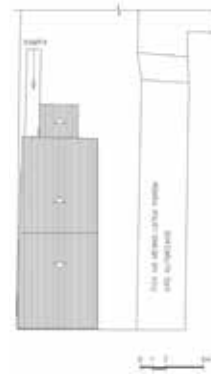
*Área do lote:*

*Área de projeção:*

*Estado de conservação:*



RUA DA PRAIA, 1



Endereço: Rua da Praia, 1

Uso atual: residencial

Uso anterior: residencial

Gabarito: 1

Outros gabaritos: sótão habitável

Área do lote: 527,63 m<sup>2</sup>

Área de projeção: 101,89 m<sup>2</sup>

Estado de conservação: com problemas

RUA DA PRAIA, 3



Endereço: Rua da Praia, 3

Uso atual: residencial

Uso anterior: sem informação

Gabarito: 1

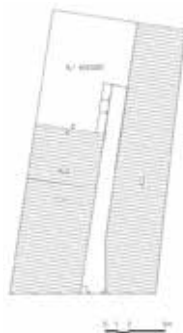
Outros gabaritos: mezanino, sótão habitável

Área do lote: 348,72 m<sup>2</sup>

Área de projeção: 199,60 m<sup>2</sup>

Estado de conservação: bom

RUA DA PRAIA Nº 4



Endereço: Rua da Praia, nº 4  
 \* morador não encontrado  
 Uso atual: residencial  
 Uso anterior: sem informação  
 Gabarito: 1  
 Outros gabaritos: -  
 Área do lote: 86,20 m<sup>2</sup>  
 Área de projeção: -  
 Estado de conservação: -



RUA DA PRAIA Nº 5



Endereço: Rua da Praia, nº 5  
 Uso atual: residencial  
 Uso anterior: sem informação  
 Gabarito: 1  
 Outros gabaritos: -  
 Área do lote: 135,45 m<sup>2</sup>  
 Área de projeção: 95,98 m<sup>2</sup>  
 Estado de conservação: satisfatório





*RUA DA PRAIA Nº 9*



*Endereço: Rua da Praia, nº 9*

*Uso atual: residencial*

*Uso anterior: era somente um salão  
para celebração de missas*

*Gabarito: 1*

*Outros gabaritos: -*

*Área do lote: 1.867,81 m<sup>2</sup>*

*Área de projeção: 346,82 m<sup>2</sup>*

*Estado de conservação: bom*

*RUA DA PRAIA Nº 12*



*Endereço: Rua da Praia, nº 12*

*Uso atual: residencial*

*Uso anterior: sem informação*

*Gabarito: 1*

*Outros gabaritos: -*

*Área do lote: 125,75 m<sup>2</sup>*

*Área de projeção: -*

*Estado de conservação: -*





RUA DA PRAIA Nº 21 - 27



Endereço: Rua da Praia, 21-27

Uso atual: comercial

Uso anterior: sem informação

Gabarito: 1

Outros gabaritos: -

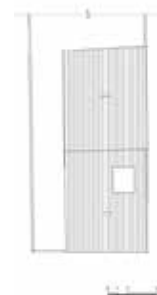
Área do lote: 343,87 m<sup>2</sup>

Área de projeção: -

Estado de conservação: -



RUA DA PRAIA Nº 25



Endereço: Rua da Praia, 25

Uso atual: residencial

Uso anterior: lote vazio (ruína)

Gabarito: 1

Outros gabaritos: mezanino

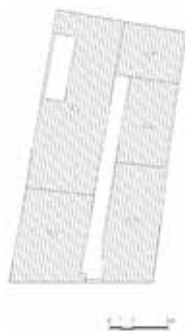
Área do lote: 465,25 m<sup>2</sup>

Área de projeção: 176,62 m<sup>2</sup>

Estado de conservação: bom



RUA DA PRAIA Nº 36  
MARINHA



Endereço: Rua da Praia, nº 36 (Sede da Capitania dos Portos)

Uso atual: institucional

Uso anterior: sem informação

Gabarito: 2

Outros gabaritos: -

Área do lote: 266,39 m<sup>2</sup>

Área de projeção: 232,96 m<sup>2</sup>

Estado de conservação: bom

RUA DA PRAIA Nº 41A



Endereço: Rua da Praia, nº 41A

\* morador não autorizou questionário e levantamento arquitetônico

Uso atual: residencial

Uso anterior: sem informação

Gabarito: 2

Outros gabaritos: -

Área do lote: 683,70 m<sup>2</sup>

Área de projeção: 216,84 m<sup>2</sup>

Estado de conservação: -





RUA DA PRAIA Nº 41B



Endereço: Rua da Praia, nº 41B  
 \* morador não autorizou questionário e levantamento arquitetônico  
 Uso atual: residencial  
 Uso anterior: sem informação  
 Gabarito: 2  
 Outros gabaritos: -  
 Área do lote: 683,70 m<sup>2</sup>  
 Área de projeção: 216,84 m<sup>2</sup>  
 Estado de conservação: -

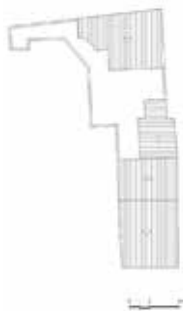


RUA DA PRAIA Nº 45



Endereço: Rua da Praia, nº 45  
 \* morador não encontrado  
 Uso atual: residencial  
 Uso anterior: sem informação  
 Gabarito: 1  
 Outros gabaritos: mezanino  
 Área do lote: 192,62 m<sup>2</sup>  
 Área de projeção: -  
 Estado de conservação: -

*RUA DA PRAIA Nº 47*



*Endereço: Rua da Praia, nº 47*  
*Uso atual: residencial*  
*Uso anterior: armazém*  
*Gabarito: 1*  
*Outros gabaritos: mezanino*  
*Área do lote: 190,70 m<sup>2</sup>*  
*Área de projeção: 124,10 m<sup>2</sup>*  
*Estado de conservação: bom*

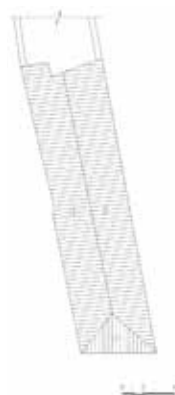


*RUA DA PRAIA Nº 51*



*Endereço: Rua da Praia, nº 51*  
*Uso atual: residencial*  
*Uso anterior: sem informação*  
*Gabarito: 1*  
*Outros gabaritos: -*  
*Área do lote: 168,25 m<sup>2</sup>*  
*Área de projeção: 168,25 m<sup>2</sup>*  
*Estado de conservação: bom*

RUA DA PRAIA Nº 56



Endereço: Rua da Praia, nº 56

Uso atual:

Uso anterior:

Gabarito:

Outros gabaritos:

Área do lote:

Área de projeção:

Estado de conservação:

RUA DA PRAIA Nº 64



Endereço: Rua da Praia, 64

Uso atual: residencial e comercial

Uso anterior: antiga sede da  
CEDAE

Gabarito: 2

Outros gabaritos: sótão habitável

Área do lote: 415,61 m<sup>2</sup>

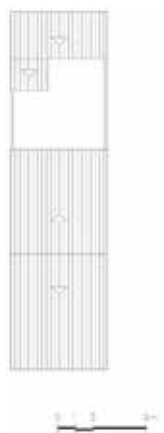
Área de projeção: 370,03 m<sup>2</sup>

Estado de conservação: bom

*RUA DA PRAIA Nº 69*



*Endereço: Rua da Praia, 69*  
*Uso atual: residencial*  
*Uso anterior: sem informação*  
*Gabarito: 1*  
*Outros gabaritos: mezanino*  
*Área do lote: 110,71 m<sup>2</sup>*  
*Área de projeção: 86,49 m<sup>2</sup>*  
*Estado de conservação: bom*



*RUA DA PRAIA Nº 70*



*Endereço: Rua da Praia, 70*  
*Uso atual: comercial*  
*Uso anterior: sem informação*  
*Gabarito: 1*  
*Outros gabaritos: -*  
*Área do lote: 95,83 m<sup>2</sup>*  
*Área de projeção: 95,83 m<sup>2</sup>*  
*Estado de conservação: bom*





RUA DA PRAIA Nº 96



Endereço: Rua da Praia, 96

Uso atual:

Uso anterior:

Gabarito:

Outros gabaritos:

Área do lote:

Área de projeção:

Estado de conservação:



RUA DA PRAIA Nº 145



Endereço: Rua da Praia, nº 145  
(Pousada do Ouro)

Uso atual:

Uso anterior:

Gabarito:

Outros gabaritos:

Área do lote: 2.061,99 m<sup>2</sup>

Área de projeção:

estado de conservação:

*RUA DA PRAIA Nº 153*



*Endereço: Rua da Praia, nº 153*

*Uso atual:*

*Uso anterior:*

*Gabarito:*

*Outros gabaritos:*

*Área do lote:*

*Área de projeção:*

*Estado de conservação:*



*RUA DA PRAIA Nº 159*



*Endereço: Rua da Praia, nº 159*

*Uso atual:*

*Uso anterior:*

*Gabarito:*

*Outros gabaritos:*

*Área do lote:*

*Área de projeção:*

*Estado de conservação:*



RUA DA PRAIA Nº 183



Endereço: Rua da Praia, nº 183

Uso atual:

Uso anterior:

Gabarito:

Outros gabaritos:

Área do lote: 509,32 m<sup>2</sup>

Área de projeção:

Estado de conservação:

RUA DA PRAIA Nº 193



Endereço: Rua da Praia, nº 193

Uso atual:

Uso anterior:

Gabarito:

Outros gabaritos:

Área do lote:

Área de projeção:

Estado de conservação:



*RUA DA PRAIA Nº 214*



*Endereço: Rua da Praia, nº 214*

*Uso atual:*

*Uso anterior:*

*Gabarito:*

*Outros gabaritos:*

*Área do lote: 53,86 m<sup>2</sup>*

*Área de projeção:*

*Estado de conservação:*



*RUA DA PRAIA Nº 224*



*Endereço: Rua da Praia, nº 224*

*Uso atual:*

*Uso anterior:*

*Gabarito:*

*Outros gabaritos:*

*Área do lote:*

*Área de projeção:*

*Estado de conservação:*



RUA DA PRAIA Nº 258



Endereço: Rua da Praia, nº 258

Uso atual:

Uso anterior:

Gabarito:

Outros gabaritos:

Área do lote:

Área de projeção:

Estado de conservação:

RUA DA PRAIA Nº 270



Endereço: Rua da Praia, nº 270

Uso atual:

Uso anterior:

Gabarito:

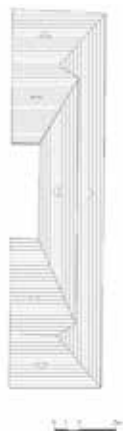
Outros gabaritos:

Área do lote:

Área de projeção:

Estado de conservação:

*RUA DA PRAIA Nº 273*



*Endereço: Rua da Praia, nº 273*

*Uso atual:*

*Uso anterior:*

*Gabarito:*

*Outros gabaritos:*

*Área do lote: 1241,77 m<sup>2</sup>*

*Área de projeção:*

*Estado de conservação:*

*RUA DA PRAIA Nº 310*



*Endereço: Rua da Praia, nº 310*

*Uso atual:*

*Uso anterior:*

*Gabarito:*

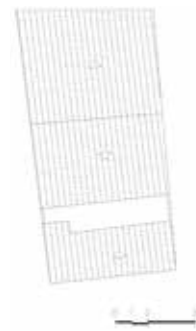
*Outros gabaritos:*

*Área do lote: 399,74 m<sup>2</sup>*

*Área de projeção:*

*Estado de conservação:*

RUA DA PRAIA Nº 324



Endereço: Rua da Praia, nº 324

Uso atual:

Uso anterior:

Gabarito:

Outros gabaritos:

Área do lote: 138,68 m<sup>2</sup>

Área de projeção:

Estado de conservação:

RUA DA PRAIA SN  
ENTRE OS NºS 21-27 E 06



Endereço: Rua da Praia, sn entre os nº 21-27 e 06

Uso atual:

Uso anterior:

Gabarito:

Outros gabaritos: -

Área do lote:

Área de projeção: -

Estado de conservação: -

*RUA DA PRAIA SN  
AO LADO DO Nº 41A*



*Endereço: Rua da Praia, sn, ao lado do nº 41A*

*Uso atual:*

*Uso anterior:*

*Gabarito:*

*Outros gabaritos:*

*Área do lote:*

*Área de projeção:*

*Estado de conservação:*



*RUA DA PRAIA SN  
AO LADO DO Nº 183*



*Endereço: Rua da Praia, sn, ao lado do nº 183*

*Uso atual:*

*Uso anterior:*

*Gabarito:*

*Outros gabaritos:*

*Área do lote: 515,40 m<sup>2</sup>*

*Área de projeção:*

*Estado de conservação:*





*RUA DA PRAIA SN  
AO LADO DO Nº 206*



*Endereço: Rua da Praia, sn, ao lado do nº 206*

*Uso atual:*

*Uso anterior:*

*Gabarito:*

*Outros gabaritos:*

*Área do lote: 515,40 m<sup>2</sup>*

*Área de projeção:*

*Estado de conservação:*



*RUA DA PRAIA SN  
ENTRE OS Nºs 41A E 41B*



*Endereço: Rua da Praia, sn, entre os nº 41A e 41B*

*Uso atual:*

*Uso anterior:*

*Gabarito:*

*Outros gabaritos:*

*Área do lote:*

*Área de projeção:*

*Estado de conservação:*

RUA DA PRAIA SN  
ESQ. RUA DA CAPELA



Endereço: Rua da Praia, sn, esquina  
com a Rua da Capela

Uso atual:

Uso anterior:

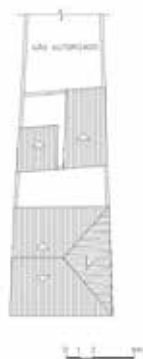
Gabarito:

Outros gabaritos:

Área do lote:

Área de projeção:

Estado de conservação:



RUA DA PRAIA SN  
ESQ. RUA JOSEFINA



Endereço: Rua da Praia, sn, esquina  
com a Rua Josefina

Uso atual:

Uso anterior:

Gabarito:

Outros gabaritos:

Área do lote:

Área de projeção:

Estado de conservação:



RUA DA PRAIA SN  
PEIXARIA



Endereço: Rua da Praia, sn, Peixaria

Uso atual:

Uso anterior:

Gabarito:

Outros gabaritos:

Área do lote:

Área de projeção:

Estado de conservação:



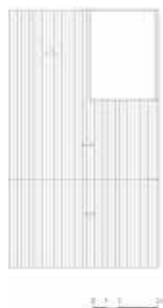
LARGO DO ROSÁRIO Nº 1



Endereço: Largo do Rosário, nº 1  
 Uso atual: residencial  
 Uso anterior: terreno vazio  
 Gabarito: 1  
 Outros gabaritos: -  
 Área do lote: 347,12 m<sup>2</sup>  
 Área de projeção: 229,91 m<sup>2</sup>  
 Estado de conservação: satisfatório



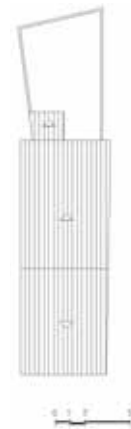
LARGO DO ROSÁRIO Nº 5



Endereço: Largo do Rosário, nº 5  
 Uso atual: residencial  
 Uso anterior: terreno vazio  
 Gabarito: 1  
 Outros gabaritos: -  
 Área do lote: 244,73 m<sup>2</sup>  
 Área de projeção: 205,44 m<sup>2</sup>  
 Estado de conservação: bom



LARGO DO ROSÁRIO Nº 6



Endereço: Largo do Rosário, nº 6  
 Uso atual: residencial  
 Uso anterior: residencial  
 Gabarito: 1  
 Outros gabaritos: mezanino  
 Área do lote: 131,13 m<sup>2</sup>  
 Área de projeção: 95,49 m<sup>2</sup>  
 Estado de conservação: bom

LARGO DO ROSÁRIO Nº 7



Endereço: Largo do Rosário, nº 7  
 Uso atual: serviço  
 Uso anterior: residencial  
 Gabarito: 2  
 Outros gabaritos: -  
 Área do lote: 296,94 m<sup>2</sup>  
 Área de projeção: 181,86 m<sup>2</sup>  
 Estado de conservação: bom

LARGO DO ROSÁRIO Nº 8



Endereço: Largo do Rosário, nº 8

\* morador não encontrado

Uso atual: residencial

Uso anterior: sem informação

Gabarito: 2

Outros gabaritos: -

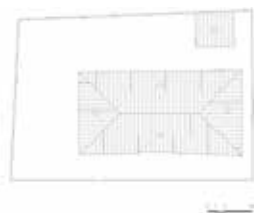
Área do lote: 140,74 m<sup>2</sup>

Área de projeção: -

Estado de conservação: -



LARGO DO ROSÁRIO Nº 27



Endereço: Largo do Rosário, nº 27  
(Detran)

Uso atual: institucional

Uso anterior: sem informação

Gabarito: 1

Outros gabaritos: -

Área do lote: 595,27 m<sup>2</sup>

Área de projeção: 198,03 m<sup>2</sup>

Estado de conservação: bom



LARGO DO ROSÁRIO Nº 32



Endereço: Largo do Rosário, 32  
\* morador não encontrado  
Uso atual: residencial  
Uso anterior: sem informação  
Gabarito: 1  
Outros gabaritos: -  
Área do lote: -  
Área de projeção: -  
Estado de conservação: -

LARGO DO ROSÁRIO Nº 44



Endereço: Largo do Rosário, nº 44  
Uso atual: residencial  
Uso anterior: sem informação  
Gabarito: 1  
Outros gabaritos: -  
Área do lote: 152,61 m<sup>2</sup>  
Área de projeção: 86,36 m<sup>2</sup>  
Estado de conservação: bom

LARGO DO ROSÁRIO Nº 47



Endereço: Largo do Rosário, 47

\* morador não encontrado

Uso atual: residencial

Uso anterior: sem informação

Gabarito: 1

Outros gabaritos: -

Área do lote: 278,21 m<sup>2</sup>

Área de projeção: -

Estado de conservação: -



LARGO DO ROSÁRIO Nº 50



Endereço: Largo do Rosário, nº 50

Uso atual: residencial e comercial

Uso anterior: sem informação

Gabarito: 1

Outros gabaritos: -

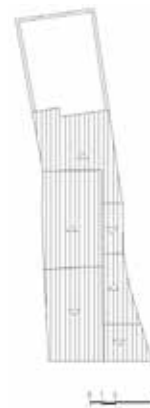
Área do lote: 190,01 m<sup>2</sup>

Área de projeção: 130,00 m<sup>2</sup>

Estado de conservação: bom



LARGO DO ROSÁRIO Nº 54



Endereço: Largo do Rosário, nº 54  
 Uso atual: residencial  
 Uso anterior: terreno vazio  
 Gabarito: 1  
 Outros gabaritos: -  
 Área do lote: 178,32 m<sup>2</sup>  
 Área de projeção: 128,62 m<sup>2</sup>  
 Estado de conservação: satisfatório

LARGO DO ROSÁRIO SN ESTACIONAMENTO



Endereço: Largo do Rosário, sn, estacionamento  
 Uso atual: residencial  
 Uso anterior: terreno vazio  
 Gabarito: 1  
 Outros gabaritos: -  
 Área do lote: 178,32 m<sup>2</sup>  
 Área de projeção: 128,62 m<sup>2</sup>  
 Estado de conservação: satisfatório

RUA SANTA RITA Nº 2



Endereço: Rua Santa Rita, nº 2  
 Uso atual: residencial e comercial  
 Uso anterior: casa de ferragens  
 Gabarito: 1  
 Outros gabaritos: sótão habitável  
 Área do lote: 388,94 m<sup>2</sup>  
 Área de projeção: 330,30 m<sup>2</sup>  
 Estado de conservação: satisfatório

RUA SANTA RITA Nº 2  
 ENTRE RUA DA MATRIZ E  
 RUA DO FOGO



Endereço: Rua Santa Rita, 2 (Hotel Santa Rita)  
 Uso atual: residencial e comercial  
 Uso anterior: 1949 – mercearia, 1963 – restaurante, 1964 – restaurante e hotel  
 Gabarito: 2  
 Outros gabaritos: sótão habitável  
 Área do lote: 142,88 m<sup>2</sup>  
 Área de projeção: 143,50 m<sup>2</sup>  
 Estado de conservação: bom

RUA SANTA RITA Nº 4



Endereço: Rua Santa Rita, 4  
Uso atual: residencial e comercial  
Uso anterior: sem informação  
Gabarito: 2  
Outros gabaritos: -  
Área do lote: 56,90 m<sup>2</sup>  
Área de projeção: 56,90 m<sup>2</sup>  
Estado de conservação: com problemas

RUA SANTA RITA Nº 5



Endereço: Rua Santa Rita, 5  
Uso atual: residencial  
Uso anterior: residencial  
Gabarito: 1  
Outros gabaritos: mezanino  
Área do lote: 227,59 m<sup>2</sup>  
Área de projeção: 174,61 m<sup>2</sup>  
Estado de conservação: bom





RUA SANTA RITA Nº 65



Endereço: Rua Santa Rita, nº 65  
Uso atual: comercial  
Uso anterior: armazém  
Gabarito: 1  
Outros gabaritos: -  
Área do lote: 141,99 m<sup>2</sup>  
Área de projeção: 141,99 m<sup>2</sup>  
Estado de conservação: satisfatório

RUA SANTA RITA Nº 71



Endereço: Rua Santa Rita, nº 71  
Uso atual: residencial  
Uso anterior: barbearia e residência  
Gabarito: 2  
Outros gabaritos: -  
Área do lote: 94,48 m<sup>2</sup>  
Área de projeção: 88,35 m<sup>2</sup>  
Estado de conservação: satisfatório

*RUA SANTA RITA Nº 138*



*Endereço: Rua Santa Rita, 138*

*Uso atual: comercial*

*Uso anterior: armazém*

*Gabarito: 1*

*Outros gabaritos: sótão habitável*

*Área do lote: 57,85 m<sup>2</sup>*

*Área de projeção: 57,85 m<sup>2</sup>*

*Estado de conservação: com problemas*



*RUA SANTA RITA Nº 178*



*Endereço: Rua Santa Rita, nº 178*

*Uso atual: residencial*

*Uso anterior: residencial*

*Gabarito: 1*

*Outros gabaritos: sótão habitável*

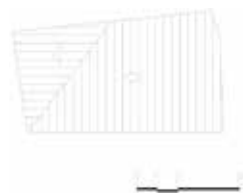
*Área do lote: 97,61 m<sup>2</sup>*

*Área de projeção: 97,61 m<sup>2</sup>*

*Estado de conservação: com problemas*



RUA SANTA RITA Nº 195



Endereço: Rua Santa Rita, nº 195  
 (esquina com Rua do Comércio)  
 Uso atual: comercial  
 Uso anterior: sem informação  
 Gabarito: 1  
 Outros gabaritos: mezanino  
 Área do lote: 53,44 m<sup>2</sup>  
 Área de projeção: 53,44 m<sup>2</sup>  
 Estado de conservação: bom

RUA SANTA RITA Nº 334



Endereço: Rua Santa Rita, nº 334  
 Uso atual:  
 Uso anterior:  
 Gabarito:  
 Outros gabaritos:  
 Área do lote:  
 Área de projeção:  
 Estado de conservação:

*RUA SANTA RITA SN  
ESQ. RUA DONA GERALDA*



*Endereço: Rua Santa Rita, s/n (esquina com Rua Dona Geralda)*

*\* morador não autorizou questionário e levantamento arquitetônico*

*Uso atual: residencial*

*Uso anterior: sem informação*

*Gabarito: 2*

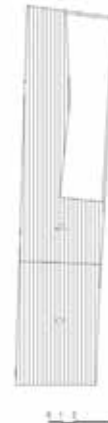
*Outros gabaritos: -*

*Área do lote: 315,40 m<sup>2</sup>*

*Área de projeção: 242,84 m<sup>2</sup>*

*Estado de conservação: -*





TRAVESSA SANTA RITA, 6



Endereço: Traversa Santa Rita, 6

Uso atual:

Uso anterior:

Gabarito:

Outros gabaritos:

Área do lote:

Área de projeção:

Estado de conservação: -



TRAVESSA SANTA RITA, 10



Endereço: Traversa Santa Rita, 10

Uso atual:

Uso anterior:

Gabarito:

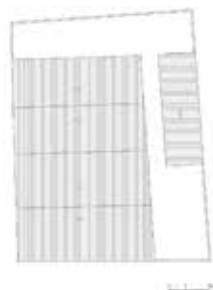
Outros gabaritos:

Área do lote:

Área de projeção:

Estado de conservação: -

*TRAVESSA SANTA RITA, 20*



*Endereço: Travessa Santa Rita, 20*

*Uso atual:*

*Uso anterior:*

*Gabarito:*

*Outros gabaritos:*

*Área do lote:*

*Área de projeção:*

*Estado de conservação: -*



*TRAVESSA SANTA RITA SN  
ENTRE O Nº 2 E 6*



*Endereço: Travessa Santa Rita entre o nº 2 e o 6*

*Uso atual:*

*Uso anterior:*

*Gabarito:*

*Outros gabaritos:*

*Área do lote:*

*Área de projeção:*

*Estado de conservação: -*





*TRAVESSA SANTA RITA S/N EN-  
TRE O Nº 10 E O FÓRUM*



*Endereço: Traversa Santa Rita entre o  
nº 10 e o Fórum*

*Uso atual:*

*Uso anterior:*

*Gabarito:*

*Outros gabaritos:*

*Área do lote:*

*Área de projeção:*

*Estado de conservação: -*



*TRAVESSA SANTA RITA  
S/N FÓRUM*



*Endereço: Traversa Santa Rita Fórum*

*Uso atual:*

*Uso anterior:*

*Gabarito:*

*Outros gabaritos:*

*Área do lote:*

*Área de projeção:*

*Estado de conservação: -*





.....

*Imóveis com tombamento individual*

Foi feito um levantamento complementar sobre os edifícios tombados individualmente, que também compõem o conjunto urbano tombado – como as igrejas, as casas de Câmara e Cadeia, chafarizes, etc. São imóveis com um programa arquitetônico especial, que em geral resulta em edifícios de grandes dimensões e de caráter monumental e diferenciado. Por essa razão, os dados desses imóveis não integram o sistema INBI/SU, para não gerar inconsistências nas análises urbanas, que visam subsidiar critérios para todo o conjunto, acerca de parâmetros como área de lote, taxa de ocupação, gabarito, etc. Aqui estão reunidos fotos, plantas de localização e verbetes históricos desses imóveis.

Os verbetes foram elaborados de modo a pinçar do texto da pesquisa histórica sobre o sítio urbano como um todo, as informações que contextualizam esses bens no processo de formação e desenvolvimento das cidades. Além desse enfoque buscou-se, sempre que possível, agregar dados sobre os usos, as obras mais relevantes e, sobre o tombamento, dados que caracterizassem melhor a ação institucional para a proteção desses bens. Para esse levantamento complementar, as fontes consultadas foram, em sua maioria, guias e dicionários do acervo da Biblioteca Noronha Santos/IPHAN e as séries Inventário e Processo de Tombamento, do Arquivo Central/IPHAN. A pesquisa, em alguns casos, foi complementada pelas informações prestadas por técnicos das unidades regionais do IPHAN.



*Forte Defensor Perpétuo*

### *Forte Defensor Perpétuo*

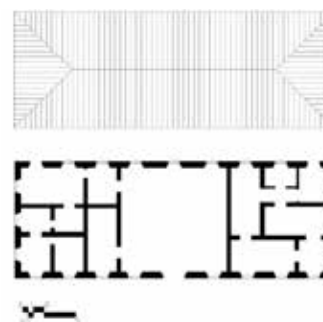
A localização do forte, no antigo morro da Vila Velha, está intimamente ligada à criação do sítio urbano de Parati. Ali os portugueses estabeleceram sua primeira povoação, chamada São Roque, na primeira metade do século XVII, escolhendo para instalação do núcleo primitivo o terreno mais elevado, que oferecia melhores condições de defesa. No início do século XVIII, com a descoberta do ouro e o caminho de ligação com as minas, aberto por ordem de Salvador de Sá, Parati assumiu importância estratégica no roteiro da exploração aurífera. Desta forma, um primeiro forte foi construído em 1702, quando o morro recebeu o nome de Ponta da Defesa. A população, neste momento, já havia descido para a planície, entre os rios Patitiba e Perequê-Açu. O sistema de defesa da baía passou por novas melhoras ainda no início do Oitocentos, quando seu complexo defensivo chegou a incluir cinco fortificações. Em 1793, o forte Defensor Perpétuo – que só assumiu esse nome após 1822 – começou a ser construído, tendo sido reformado em 1836. Segundo monsenhor Pizarro, foi desarmado em 1859. Posteriormente, em 1887, foi posto à disposição da Câmara Municipal para abrigar uma enfermaria de variolosos. Em 1890, avariado pela ação do tempo, abrigou o quartel do Regimento Policial. Este é o único forte remanescente do complexo defensivo de Parati.

Em 1957, o Forte Defensor foi transferido da jurisdição do Ministério da Guerra para o Ministério da Educação e Cultura, após uma solicitação de Nilson Carvalho de Resende, chefe da Delegacia do Serviço do Patrimônio da União, ao



IPHAN. Sua inscrição no Livro Histórico ocorreu em 9 de janeiro de 1957. Iniciou-se, então, uma querela entre o zelador do forte e um morador vizinho, que estava desmatando a área do bem tombado. Este embate teve como desdobramento, em 1964, um decreto do presidente Castelo Branco que declarava o imóvel constituído pelo forte e todos os bens localizados no morro de São Roque como sendo de utilidade pública, para efeito de desapropriação. Este decreto, no entanto, expirou sem ser efetivado, o que aconteceria somente em 1971, quando um novo decreto foi expedido pelo presidente Médici. Desta forma, toda a área declarada de utilidade pública foi resguardada.

Em 1981, Aluísio Magalhães solicitou a transferência do bem para a Fundação Nacional Pró-Memória, da qual era o diretor. Em 1984, foi instalado no forte o Centro de Artes e Tradições Populares de Parati, após restauração iniciada no ano anterior. Em 1986, novo projeto de restauração, que incluiu manutenção geral, pintura, imunização, e recuperação dos revestimentos, concluído dois anos depois, quando foram iniciadas as obras de restauração da Casa de Pólvora, encerradas em 1989. Atualmente o forte abriga exposições temporárias.



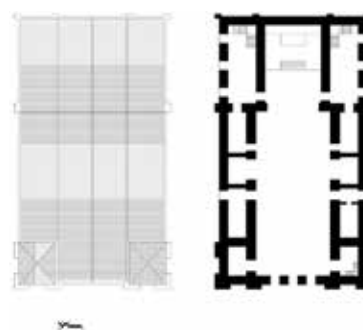
### *Igreja Matriz de N. Sra. dos Remédios*

A primitiva Matriz de Nossa Senhora dos Remédios foi construída em 1646, em um terreno doado por Maria Jácome de Melo que, segundo se conta, teria imposto a condição de que os moradores da localidade deixassem de perseguir os indígenas. Esta localidade, entre os rios Patitiba e Perequê-Açu, tornou-se o novo núcleo de Parati em 1652, quando a Matriz foi inaugurada e o povoado de São Roque transferiu-se para a área em torno dela. Em 1668, foram realizados os primeiros reparos na igreja. Em 1712, um segundo templo foi construído, no mesmo lugar, após a demolição do primeiro, mas logo seria considerado pequeno. Com o rápido crescimento demográfico da vila de Parati, as obras para a construção da terceira e definitiva igreja foram iniciadas em 1787. Estas se estenderiam por quase um século. Em 1822, a Matriz foi palco da aclamação de Pedro I em Parati, ocasião em que foi ricamente ornada para recepção do novo monarca. Em 1833, a Irmandade do Santíssimo Sacramento, responsável pelo templo, escreveu ao governo do Rio de Janeiro pedindo a liberação de loterias em benefício das obras da nova Matriz. Tal solicitação não foi deferida e em 1855 um Relatório da Presidência da Província já falava no péssimo estado de conservação da Igreja e na necessidade de reforma ou construção de uma nova. Todavia, em 1863, um pedido de verbas para obras feito pelo pároco foi indeferido pelo Governo Provincial. Sem apoio governamental, a Igreja era concluída com a ajuda dos fiéis: a maior parte das doações foi para a construção da Capela-Mor; Geralda Maria da Silva reformou o antigo forro da capela e o Bispo garantiu a construção das paredes, tudo isso por volta de 1860. As obras só foram concluídas na década seguinte, em 1873. As duas torres do templo, no entanto, permaneceram inacabadas.



No século XX, o templo passou por diversos reparos, ao longo das décadas de 50, 60 e 70, realizados pelo IPHAN. Durante a década de 80 foram restaurados o retábulo de São Miguel e Almas e a torre direita, que ameaçava desabar. Em 1996 foram realizados os serviços de manutenção das fachadas externas, pintura geral de acabamento e imunização do retábulo do altar-mor. Em 2003, o templo passou por uma ampla restauração. Por fim, em 2005, foi inaugurado um novo sistema de iluminação para as igrejas de Parati.

Sua inscrição no Livro Histórico ocorreu em 13 de fevereiro de 1962, após uma solicitação de José Kleber Martins Cruz, chefe da DPHAN em Parati, para que fossem tombadas individualmente todas as igrejas da cidade, visto que o conjunto arquitetônico e urbanístico já havia sido tombado.



### *Igreja de Santa Rita*

A construção da igreja de Santa Rita foi iniciada por volta de 1722, em uma iniciativa conjunta dos homens pardos libertos e devotos brancos. Estes formavam a irmandade da Gloriosa Santa Rita. Neste momento, Parati experimentava um maior adensamento urbano, com a construção da igreja de Nossa Senhora do Rosário e as obras do segundo templo da Matriz, que ainda não seria o definitivo. O templo de Santa Rita localiza-se junto ao cais, próximo à área do Patitiba, que se caracterizava pela moradia de pescadores e homens do mar, além de concentrar grande número de forros. Sua irmandade era formada pelos homens pardos, ou seja, homens de cor libertos e livres. Uma festa em homenagem à sua protetora era realizada todo dia 22 de maio. No entanto, esta data era adiada caso coincidissem com a festa do Divino, cujo calendário era móvel. O templo também congregava duas outras irmandades, sob invocação de N. S<sup>a</sup>. do Carmo e de N. S<sup>a</sup>. da Conceição. Entre as igrejas de Parati, é a mais antiga edificação da cidade, uma vez que o edifício original da igreja de N. Sra. dos Remédios foi reconstruído duas vezes. Na lateral de seu templo existe um passo que, somado aos outros dois localizados na Rua Tenente

Francisco Antônio, foram os que restaram dos seis “Passos” de outrora. A igreja de Santa Rita serviu como Matriz ao longo do século XIX, possivelmente em razão das obras do terceiro templo de Nossa Senhora dos Remédios.

Estudos arquitetônicos apontaram que a decoração interior e a fachada foram modificadas no final do século XVIII. O frontispício atual já estava pronto quando, em 1827, Debret retratou a cidade vista do alto-mar, imagem na qual não se vê a torre sineira, característica dos dias de hoje. Ainda no século XIX foram construídos o batistério e o columbário.

Em 1973, o Museu de Arte Sacra foi instituído na igreja, e quatro anos depois aberto à visitação pública. Seu acervo inclui coleções de arte sacra dos séculos XVII, XVIII e XIX pertencentes, em sua maioria, às irmandades religiosas de Parati.

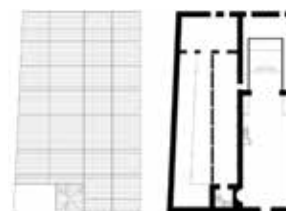
Sua inscrição no Livro Histórico ocorreu em 13 de fevereiro de 1962, após o chefe da DPHAN em Parati, José Kleber Martins Cruz, solicitar o tombamento individual das igrejas da cidade, visto que o conjunto arquitetônico e urbanístico já havia sido tombado.



*Igreja de Santa Rita*



*Alpendre lateral da Igreja Santa Rita*



### *Igreja de N. Sra. do Rosário e São Benedito*

A igreja de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito foi edificada por volta de 1725, tendo sido reconstruída em 1757. Foi construída e mantida pelos pretos devotos, particularmente pela ação de Manuel e Pedro Ferreira dos Santos e com participação massiva de escravos. Nela estava instalada a Irmandade do Rosário, que congregava os negros da comunidade, na base da hierarquia social de Parati. A organização dos negros não era completamente autônoma, pois o cargo de tesoureiro só podia ser exercido por um branco, nomeado pelas autoridades eclesiásticas. A igreja também abrigava a Irmandade de São Benedito, igualmente composta por negros. O templo foi melhorado no século XIX, quando foi erguida sua torre e os altares foram dourados. Há registros de que, em 1888, a Irmandade do Rosário solicitou verba à Presidência da Província para a conclusão da reforma de sua igreja.

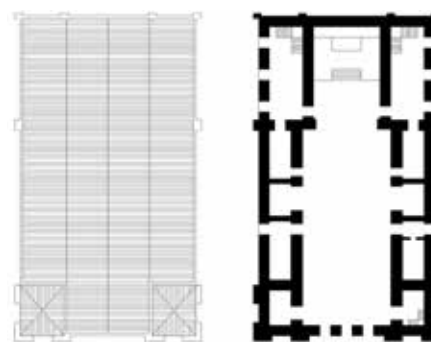
Próximo ao templo do Rosário, localizava-se a região das Chácaras, onde viviam pequenos sitiantes, artesãos – em grande parte libertos – e escravos de ganho que não habitavam com seus senhores. As pequenas vendas ali localizadas funcionavam como ponto de encontro de forros e escravos. Nesta área moravam muitos dos fiéis frequentadores da igreja e integrantes de sua irmandade. As festas de N. S<sup>a</sup>. do Rosário e de S. Benedito ocorrem, respectivamente, nos dias 26 e 27 de dezembro.

Sua inscrição no Livro Histórico ocorreu em 13 de fevereiro de 1962, após o chefe da DPHAN em Parati, José Kleber Martins Cruz, solicitar o tombamento individual das igrejas da cidade, visto que o conjunto arquitetônico e urbanístico já havia sido tombado.



*Igreja matriz de N. Sra. dos Remédios*





1

### *Igreja de N. Senhora das Dores*

A elite de Parati iniciou a construção da capela de Nossa Senhora das Dores em 1800, na beira da praia, fronteira à cidade. O edifício delimitava a ocupação ao leste, junto ao mar, e originou a Rua Fresca, além da rua da Praia, entre 1802 e 1804. Segundo Monsenhor Pizarro, o templo ainda não estava concluído em 1820. A irmandade de Nossa Senhora das Dores era bastante rica, composta basicamente por senhoras. As cerimônias da Páscoa e a conservação dos Passos eram realizadas por esta irmandade em conjunto com a irmandade de Nosso Senhor dos Passos. No começo do século XX, o templo foi reconstruído.

A localização deste templo – voltado para o mar – marca uma nova ocupação de caráter mais nobre da beira-mar

que, até então, não era considerada área privilegiada para moradia, de acordo com os princípios urbanísticos do século XVIII, nos quais a proximidade com o mar significava desproteção.

A planta do templo, embora do início do século XIX, segue o esquema das igrejas do século XVIII, com nave única e dois corredores laterais de acesso à sacristia. A fachada teria sido provavelmente idealizada com duas torres, das quais apenas uma foi concluída.

Sua inscrição no Livro Histórico ocorreu em 13 de fevereiro de 1962, após uma solicitação de José Kleber Martins Cruz, chefe da DPHAN em Parati, para que fossem tombadas individualmente todas as igrejas da cidade, visto que o conjunto arquitetônico e urbanístico já havia sido tombado.



*Igreja de N. Sra. do Rosário e São Benedito*



.....

*Referências Bibliográficas*

AICHINGER, Eberhard Hans. Uma proposta de revitalização dos caminhos de minas: a importância de Parati. Parati : [s.n.], 2001. 5 p.

ALBUQUERQUE, Aires Saldanha de. Informação do governador Aires Saldanha de Albuquerque sobre as reclamações dos oficiais da Câmara da Vila de Parati, expostas na sua representação. Anais da Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro, 1921. v. 39. pp. 425-426.

ALBUQUERQUE, Júlio Pompeu Castro (org). Álbum do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro : Renascença, 1908. 191 p.

ALMEIDA, Antônio Figueira de. História fluminense do início até a independência. Niterói : [sn.], 1929. Pt.I. 115 p.

AMARAL, Edelweiss Campos do. Datas históricas referentes a Parati. Parati : Inst. Hist. e Artístico de Parati, 1978. 4 p. (Parati História, 8).

AMARAL, Edelweiss Campos do. Dr. Samuel Nestor de Madruga Costa. Parati : Instituto Histórico e Artístico de Parati, 1978. n.15. p. 1-4. (Cadernos de Cultura).

AMARAL, Edelweiss Campos do. Francisco do Amaral Gurgel, os corsários e o resgate do Rio de Janeiro. Parati : Instituto Histórico e Artístico de Parati, 1978. p. 1-3. (Cadernos de Cultura).

AMARAL, Edelweiss Campos do. João Pimenta de Carvalho e a Vila Velha de Parati. Parati : Instituto Histórico e Artístico de Parati, 1978. n.º 7. p. 1-4. (Cadernos de Cultura).

AMARAL, Edelweiss Campos do. Jorge Fernandes Fonseca e emancipação política de Parati. Parati : Instituto Histórico e Artístico de Parati, 1978. n.º 9. 3 p. (Cadernos de Cultura).

AMARAL, Edelweiss Campos do. Maria Jácome de Melo e a Vila de Nossa Senhora dos Remédios de Parati. Parati : Insti-

tuto Histórico e Artístico de Parati, 1978. p. 4-3. (Cadernos de Cultura).

AMARAL, Edelweiss Campos do. O 1º Conde de Parati e a coroação de D. João VI. Parati : Inst. Hist. e Artístico de Parati, 1978. 4 p. Parati História, 3.

AMARAL, Edelweiss Campos do. O senhor de engenho e muitas terras; Cadernos de Cultura. Parati : Instituto Histórico e Artístico de Parati, 1978. n.º12. p. 1-4. (Parati História, 3).

AMARAL, Edelweiss Campos do. O testamento de Dona Geralda Maria da Silva; Cadernos de Cultura. Parati : Instituto Histórico e Artístico de Parati, 1978. n.º 13. p. 1-4.

AMARAL, Edelweiss Campos do. Ruas praças e becos antigos de Parati. Parati : Instituto Histórico e Artístico de Parati, 1978. n.º 5. p. 1-4. (Cadernos de Cultura).

AMORIM, Paulo Dartanham Marques de. Cel. Os caminhos da civilização em Parati: as trocas de riquezas materiais. Seminário Parati - planejamento e patrimônio mundial. Parati, 2001.

ARAÚJO, José de Sousa Azevedo Pizarro e, et al. Tricentenário de Parati : notícias históricas. Publicações do IPHAN. Rio de Janeiro : Dir. do Patrimônio Hist. e Artístico Nacional, 1960. 87 p. (Publicações do IPHAN).

ARAÚJO, José de Sousa Azevedo Pizarro e. Memórias históricas do Rio de Janeiro : 2ª; Biblioteca popular brasileira. Rio de Janeiro : Imprensa Nacional, 1945. 10 v.

BARROS, Armando Martins. A história como curso, o povoamento como percurso, os caminhos como discurso : notas sobre Parati e seu patrimônio. Seminário Parati - Planejamento e patrimônio mundial. Parati, 2001. 25 p.

BORGES, Beatriz. Angra dos Reis: King's Bay, Ilha Grande, Parati. São Paulo : A Aurora, 1984. 159 p.

BRITO, Francisco Tavares de. Itinerário geográfico, com a verdadeira descrição dos caminhos, estradas, rossas, sítios, povoações, lugares, vilas, rios, montes e serras que há na cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Rio de Janeiro, 1956. v. 230. p. 428-441.

CAMARGO, Conceição Borges Ribeiro. O Conde de Açumar, Parati e Nossa Senhora Aparecida Parati; Inst. Hist e Artístico de Parati; 1978; ; ; 4 p. (Parati História, 2).

CARVALHO, Teófilo Feu de, Caminhos e roteiros nas capitâneas do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais. São Paulo : Diário Oficial, 1931. 13 p.

CASADET, Talita de Oliveira. São Paulo e a vila de Parati. Parati : Inst. Hist. e Artístico de Parati, 1978. 4 p. (Parati História, 9).

CASADET, Talita de Oliveira. Uma rua chamada Dona Geralda. Parati : Instituto Histórico e Artístico de Parati, 1978. n.º 3. p. 1-3. (Cadernos de Cultura).

CASAL, Manuel Aires de. Corografia brasílica. Belo Horizonte : Itatiaia; São Paulo : USP, 1976. 194 p. (Coleção Reconquista do Brasil, 27).

CASO concreto n.º 1. [s. l.] : [s. n.], [s. d.].

COMPANHIA AGRÍCOLA E INDUSTRIAL FLUMINENSE. Os municípios de Angra dos Reis, Parati, Mangaratiba e Itaguaí do Estado do Rio de Janeiro - Brasil: notícia para o imigrante. Rio de Janeiro : Tip. J. Barbosa, 1890. 43 p.

CONCEIÇÃO, Antônio Pereira da. Roteiro de Cabo Frio até o porto de Santos. Porto : Tip. de Alexandre da Fonseca V, 1875. 22 p.

CONSELHO NACIONAL DE ESTATÍSTICA (Brasil). Parati - Rio de Janeiro. Rio de Janeiro : IBGE, 1967. 23 p. (Coleção de monografias, 374).

CONSELHO ULTRAMARINO. O Governador do Rio de Janeiro dá conta da muita gente que passa às minas sem licença. Rio de Janeiro : Biblioteca Nacional, 1951; 93p. n.º 145. (Documentos históricos).

CONSELHO ULTRAMARINO. O governador e o provedor da Fazenda Real da capitania do Rio de Janeiro respondem às ordens que tiveram para mandar o engenho do cunho, com o cunhador Luís da Silva para a vila de Taubaté. Rio de Janeiro : Biblioteca Nacional, 1951. n.º 93. p. 164. (Documentos históricos).

CONSELHO ULTRAMARINO. O Superintendente das minas dá conta da causa porque não há mais descobrimentos e do ouro que deixou ficar na mão do tesoureiro para se pagarem aos oficiais da mesma administração. Rio de Janeiro : Biblioteca Nacional, 1951. n.º 93. p. 179-180. (Documentos Históricos).

CONSELHO ULTRAMARINO. Satisfaz-se ao que Sua Magestade ordena sobre o ofício nº 65 do vice-rei do Rio de Janeiro . Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1952.nº 95. p. 121-132. (Documentos históricos).

CONSELHO ULTRAMARINO.Sobre a carta do Vice-Rei e capitão General de Mar-e-Terra do Brasil, Vasco Fernandes César de Meneses. Rio de Janeiro : Biblioteca Nacional, 1952. nº98. p. 69-71. (Documentos Históricos).

CONSELHO ULTRAMARINO. Sobre o que escrevem o Governador e o Provedor da Fazenda do Rio de Janeiro acerca do ouro e dinheiro que o pirata roubou de uma sumaca nossa. Rio de Janeiro : Biblioteca Nacional, 1951.nº 93. p. 172-174. (Documentos Históricos).

CONSELHO ULTRAMARINO. Sobre os papéis que se ofereceram de arbítrios acerca das minas para com eles se segurarem os interesses da Fazenda Real . Rio de Janeiro : Biblioteca Nacional, 1951 nº 93. p. 219-242. (Documentos históricos).

COSTA, Samuel. Parati: no ano da independência: outros textos e poemas. Rio de Janeiro : Litteris, 2000. 95 p.

COUTINHO, A. L. de Moraes. Os presidiários de Anchieta em Parati. Rio de Janeiro : Jowil Ed. Artes Gráficas, 1985. 106 p.

CURY, Isabelle. O porto do ano: a evolução urbana de Parati do século XVIII até o XIX. Parati, 2001. 23 p.

DANTAS, Júlio César. Festas religiosas e bens móveis. Parati, 2001.13 p.

EMBRATUR. Urbanização da área de expansão urbana da cidade de Parati - relatório final. [Brasília] : Planave, [s. d.]. 110 p.

FERNANDES, Antônio Carlos. Diamantina e Parati - Do distrito dos Diamantes ao Porto do Ouro: reflexões sobre o patrimônio cultural. Parati : [s.n.], 2001. [10] p.

FLUMITUR - Cia. de Turismo do Estado do Rio de Janeiro. Inventário da oferta turística. Rio de Janeiro, [1980?]. 222 p.

FORTE, José Matoso Maia. O Estado do Rio de Janeiro: ensaio para o estudo de sua história. Rio de Janeiro : Jornal do Comércio, 1928.136 p.

FREIRE, José C. Crônicas de Parati. Rio de Janeiro : Imp. Velha Lapa, 1998. 116 p.

FREITAS, Benedito. Presença de Sílvio Romero no folclore paratiense. Parati : Instituto Histórico e Artístico de Parati, 1978. 7 p. (Cadernos de cultura).

GERSON, Brasil. O ouro, o café e o Rio. Rio de Janeiro : Liv. Brasileira, 1970.154 p. (Coleção Vieira Fazenda, 14).

GONÇALVES, Ana Lúcia. Iluminação urbana do bairro histórico de Parati. Seminário Parati - Planejamento e patrimônio mundial. Parati, 2001.

GURGEL, Heitor; AMARAL, Edelweiss Campos de. Parati, caminho do ouro. Rio de Janeiro : Liv. São José, 1973. 213 p.

HALEVY, Jean Pierre. Observações sobre Parati e o Patrimônio Mundial. Seminário Parati - Planejamento e Patrimônio Mundial. Parati, 15/11/2001. [2] p.

HALÉVY, Jean Pierre. Observações sobre Parati e o Patrimônio Mundial. Seminário Parati - Planejamento e Patrimônio Mundial. Parati 15/11/2001. [2] p.

INFORMAÇÃO sobre os caminhos para as Minas. Anais da Biblioteca Nacional : Rio de Janeiro, 1939. v. 57. p. 172-186.

INFORMAÇÕES de interesse turístico: Parati. Municípios fluminenses : Rio de Janeiro, 1980. 31 p.

IPANEMA, Marcelo de; IPANEMA, Cibele de. Parati: a aclamação de D. Pedro I e a fundação da Santa Casa . Parati : Inst. Hist. e Artístico de Parati, 1978. p. 1-4. (Parati História, 1).

KIDDER, Daniel P. Reminiscências de viagens e permanência no Brasil, Rio de Janeiro e Província de São Paulo: compreendendo notícias históricas e geográficas do império e das diversas províncias. Belo Horizonte : Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1980.183 p. (Coleção Reconquista do Brasil, nova série, 15).

KNIVET, Anthony; Narração da viagem que, nos anos de 1591 e seguintes, fez Antonio Knivet da Inglaterra ao mar do sul, em companhia de Thomas Cavendish. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Rio de Janeiro, 1878. 41, pt 1. p. 183-272.

LAMEGO, Alberto Ribeiro. O homem e a Guanabara. Rio de Janeiro : Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1948. 294 p. (Biblioteca geográfica brasileira, 5).

- LEME, Pedro Taques de A. Pais. História da capitania de São Vicente desde a sua fundação por Martim Afonso de Sousa em 1531. São Paulo : Melhoramentos, [191?]. 176 p.
- LIMA, Honório. Notícia histórica e geográfica de Angra dos Reis. Angra dos Reis : Prefeitura Municipal, 1972. 357 p.
- LOES, Joel Andrade. Parati: nossa pérola colonial sua história, sua arte. [s.l.] : Linotipodora Silveira. 10 p.
- MADRE DE DEUS, Gaspar de. Continuação das memórias de Frei Gaspar de Deus. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro Rio de Janeiro, 1861. n° 24. pp. 539-616.
- MAIA, Teresa Regina de Camargo. A estrada de ferro entre Guaratinguetá, Cunha e Parati. Parati : [s.n.], 1995. 4 p.
- MAIA, Teresa Regina de Camargo; MAIA, Tom. Parati para você. [s.l.] : [s.n.]. 16 p.
- MAIA, Teresa Regina de Camargo; MAIA, Tom; Parati. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1979. 74 p.
- MAIA, Teresa Regina de Camargo. Parati: religião e folclore. Rio de Janeiro : Arte e Cultura, 1976. 188 p.
- MAIA, Teresa; MAIA, Tom. Parati parati: guia cultural. Lorena : Stiliano, 2000. 223 p.
- MAIA, Tom; MAIA, Teresa Regina de Camargo. Do Rio a Santos. São Paulo : Cia. Ed. Nacional, 1976.
- MAIA, Tom. Parati: história, festas, folclore, monumentos. Rio de Janeiro : Expressão e Cultura, 1991. 61 p.
- MAPA : imagens da formação territorial brasileira. Rio de Janeiro : Fundação Emílio Odebrecht, 1993. 396 p.
- MARTINS, Angela Maria Moreira. Parati: história e planejamento para um espaço turístico, 1998. 176 p.
- MATOSO, Adriana. Plano de gestão ambiental da APA de Caiçu e seu zoneamento. Parati, 2001. 10 p.
- MELO, Carl Egbert Hansen Vieira de. Apontamentos para a história do Rio de Janeiro, Angra dos Reis e Ilha Grande. [s.l. : s.n., s.d.]. 92 p.
- MELO, Diuner José. Parati: roteiro do visitante. Rio de Janeiro : Gráfica Olímpica, 1976. 32 p.
- MONTEIRO, Luís Vahia. Carta do governador Luís Vahia Monteiro, sobre a fortificação e construção dos quartéis da Ilha Grande. Anais da Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro, 1934. v. 46. p. 53.
- OLIVEIRA NETO, Luís Camilo de; Do Rio de Janeiro à Vila Rica. Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Rio de Janeiro, 1939. n° 3. pp. 283-316.
- PARATI. Prefeitura. Parati : zoneamento da área urbana e de expansão urbana do município ... [s. l.] : [s. n.], [1984] . 53 p.
- PARATI. Secretaria de Turismo e Cultura. Parati: cidade histórica, monumento nacional. Parati, 1996. 31 p.
- PARQUE Nacional da Serra da Bocaina : patrimônio natural, histórico, cultural e arqueológico. Seminário Parati - Planejamento e patrimônio mundial. Parati, 2001. 11p.
- PASIN, José Luís. Roteiros paratienses: a jornada do capitão-general Martim Lopes de Saldanha, governador da capitania de São Paulo, em 1775. Parati : Inst. Artístico e Hist. de Parati, 1978. 4 p. (Parati História, 7).
- PASIN, José Luís. Roteiros paratienses: as trilhas e os caminhos para o vale. Parati : Inst. Artístico e Hist. de Parati, 1978. 4 p. (Parati História, 6).
- PIMENTEL, Antônio da Silva. Instruções do governador da capitania de São Paulo (...) sobre se evitar a extração do ouro sem pagar quintos, conforme recomendação do governador de Minas, D. Lourenço de Almeida. Anais da Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro, 1934. v. 46. pp. 6-7.
- PINTO, Alfredo Moreira. Apontamentos para o Dicionário Geográfico do Brasil. Rio de Janeiro : Imprensa Nacional, 1899. 3 v.
- PLANO de desenvolvimento integrado e proteção do bairro histórico do município de Parati. [Rio de Janeiro] : CNPI/FINEP, 1972. 3 v.
- RIBEIRO, Paulo Assis. Tese sobre programa para ocupação do território no monumento nacional de Parati. Rio de Janeiro : DPHAN-MEC, 1967. 70 p.
- RIO DE JANEIRO. Governo do Estado. Divisão de Pesquisa da Manifestação Cultural do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1976. 250 p.

RIO DE JANEIRO. Presidente (1843 -1844 : Caldas Viana). Relatório do Presidente da Província do Rio de Janeiro – 1843. Niterói : Tipografia Niteroiense, 1843. 90 p.

RIO DE JANEIRO. Presidente (1848 -1853 : Couto Ferraz). Relatório do Presidente da Província do Rio de Janeiro – 1853. Niterói : Tipografia de Amaral, 1853.

RIO DE JANEIRO. Presidente (1848 -1853 : Couto Ferraz). Relatório da Província do Rio de Janeiro – 1851. Rio de Janeiro : Tipografia Universal de Laemmert, 1851.18 p.

RIO DE JANEIRO. Presidente (1848 -1853 : Couto Ferraz). Relatório do Presidente da Província do Rio de Janeiro – 1853. Rio de Janeiro : Tip. do Diário de A. & L. Navarro, 1853. 76 p.

RIO DE JANEIRO. Presidente (1853 -1857 : Luís Antônio Barbosa). Relatório do Presidente da Província do Rio de Janeiro – 1854. Niterói : Tipografia de Quirino Francisco Espírito Santo 1854. 34 p.

RIO DE JANEIRO. Presidente (1853 -1857 : Luís Antônio Barbosa). Relatório da Província do Rio de Janeiro – 1855. Niterói : Tipografia de Quirino, 1855. 125 p.

RIO DE JANEIRO. Presidente (1853 -1857 : Luís Antônio Barbosa). Relatório do Presidente da Província do Rio de Janeiro – 1856. Rio de Janeiro : Tipografia Universal de Laemmert, 1856. 47 p.

RIO DE JANEIRO. Presidente (1853 -1857 : Luís Antônio Barbosa). Relatório da Província do Rio de Janeiro – 1856. Rio de Janeiro: Tip. Imperial e Constitucional de J. Villena, 1856. 100 p.

RIO DE JANEIRO. Presidente (1861-1863 : Oliveira Belo). Relatório do Presidente da Província do Rio de Janeiro – 1862. Rio de Janeiro : Tipografia Universal da Laemmert, 1862. 100 p.

RIO DE JANEIRO. Presidente (1861-1863 : Oliveira Belo). Relatório do Presidente da Província do Rio de Janeiro. Niterói : Tipografia do Ego da Nação, 1861. 52 p.

RIO DE JANEIRO. Presidente (1866-1868 : Barros Pimentel). Relatório da Província do Rio de Janeiro: 1867. Rio de Janeiro : Tipografia Universal de Laemmert, 1867. 60 p.

RIO DE JANEIRO. Presidente (1869-1870 : Teixeira de Macedo). Relatório do Presidente da Província do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro : Diário do Rio de Janeiro, 1869.

RIO DE JANEIRO. Presidente (1874-1878 : Pinto Lima); Relatório da Presidência da Província de RJ – 1875. Rio de Janeiro : Tipografia Nacional, 1875.

RIO DE JANEIRO. Presidente (1879-1880 : Marcondes de Andrade). Relatório do Presidente da Província do Rio de Janeiro – 1879. Rio de Janeiro : Tip. Montenegro, 1879.

RIO DE JANEIRO. Presidente (1881-1882 : Silva Campos). Exposição da Província do Rio de Janeiro – 1881. Rio de Janeiro : Tip. Montenegro, 1881. 42, anexos.

RIO DE JANEIRO. Presidente (1882-1883 : Gavião Peixoto). Relatório do Presidente da Província do Rio de Janeiro – 1882. Rio de Janeiro : [s. n.], 1882.

RIO DE JANEIRO. Presidente (1883-1884 : Godói Vasconcelos). Relatório do Presidente de Província do Rio de Janeiro – 1884. Rio de Janeiro : Tip. Montenegro, 1884.

RIO DE JANEIRO. Presidente (1888-1889 : Bento de Araújo); Relatório da Província do Rio de Janeiro – 1888. Rio de Janeiro : Tip. Montenegro, 1888.

RIO DE JANEIRO. Secretaria de Planejamento e Coordenação Geral; Revisão e atualização da legislação urbanística. Rio de Janeiro : SECPLAN, 1979.179 p.

SADA, Patrícia; LUÍS, Maria Fernanda Freire. Parati: traçados de um centro histórico. São Paulo : Projeto, 1989.169 p.

SANTA MARIA, Agostinho de. Santuário mariano (...) em todo o bispado do Rio de Janeiro e Minas e todas as ilhas do oceano. Lisboa : Oficina de Antônio Pedro Galvan, 1723. 10 v.

SANTOS, Paulo. Formação de Cidades no Brasil Colonial. Rio de Janeiro : UFRJ, 2001.180 p.

SILVA, Antônio José Caetano da. Corografia fluminense: o estado do Rio em 1896. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Rio de Janeiro, 1906.nº 67.v. 2. pp. 263-396.

SILVA, F. L. de Azevedo. Terra fluminense: síntese da civilização brasileira no Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro : Muniz, 1940. 321 p.

SOARES, Mariza de Carvalho. De escaavos a senhor de si mesmos, 1998. 66 p.



SOUZA, Augusto Fausto de. Fortificações no Brasil. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Rio de Janeiro, 1885.v. 48, pt. 2. p. 115.

SOUZA, Marina de Melo e. Casa da Cultura, Parati: sugestões para roteiros turísticos. Parati : [s.n.], 2001.10 p.

SOUZA, Marina de Melo e. Parati : a cidade e as festas. Rio de Janeiro : UFRJ; Tempo Brasileiro, 1994. 262 p.

TELES, Augusto Carlos da Silva. Atlas dos monumentos históricos e artísticos do Brasil. Rio de Janeiro : FAE, 1985. 344 p.

VÁRIOS documentos sobre Angra dos Reis, Ilha Grande e outros lugares da capitania do Rio de Janeiro. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Rio de Janeiro, 1966.v. 271. p. 304-350.

ZVEIBIL, Victor Zular. Elementos para a integração espacial e cultural dos núcleos urbanos, áreas rurais e de preservação. Parati : [s.n.], 2001, 9 p.

.....

*Índice de Ilustrações*

- 1 – América do Sul, 1641 / Biblioteca Noronha Santos / IPHAN
- 2 – Detalhe do mapa América do Sul, 1641/ Biblioteca Noronha Santos / IPHAN
- 3 – Vista de Parati, com destaque para a igreja de Santa Rita / Escritório Técnico II – Parati / 6ª Superintendência Regional / IPHAN
- 4 – Povoado de São Roque (1630-1646) / Inventário Nacional de Sítios Urbanos / IPHAN
- 5 – Distrito do Rio de Janeiro / Itamarati / Mapoteca
- 6 – Província do Rio de Janeiro: sesmarias concedidas entre Parati e Mambucaba / Biblioteca Nacional / Cartografia – RJ
- 7 – Freguesia / Vila de N. S. dos Remédios (1646-1702) / Inventário Nacional de Sítios Urbanos / IPHAN
- 8 – Vista do cais, 1949. / Arquivo Noronha Santos / IPHAN
- 9 – Posição comercial estratégica e diversificação social (1702-1720) / Inventário Nacional de Sítios Urbanos / IPHAN
- 10 – Vista da Matriz com sua lateral voltada para o Rio Perequê-Açu. / Arquivo Noronha Santos / IPHAN
- 11 – Vista da Igreja de Santa Rita, com antiga cadeia pública à esquerda. / Escritório Técnico II – Parati / 6ª Superintendência Regional / IPHAN
- 12 – Vista da Igreja do Rosário. / Escritório Técnico II – Parati / 6ª Superintendência Regional / IPHAN
- 13 – Deslocamento do rio Perequê-açu (1728) / Inventário Nacional de Sítios Urbanos / IPHAN

14 – Planta em q' se mostram todas as guardas e registros q' há capitania do Rio de Janeiro em o ano de 1767 / Biblioteca Nacional / Cartografia – RJ

15 – Localização do forte, na elevação mais próxima ao mar, favorável a defesa da vila, 1964. / Arquivo Noronha Santos / IPHAN

16 – Vista da Igreja de N. Sr<sup>a</sup> das Dores de 1976, cuja implantação marca uma nova ocupação de caráter mais nobre da beira-mar. / Arquivo Noronha Santos / IPHAN

17 – Vista da Santa Casa de Misericórdia. / Arquivo Noronha Santos / IPHAN

18 – Vista do núcleo urbano com a área das antigas chácaras ao fundo e a área da Patitiba à esquerda. / Arquivo Noronha Santos / IPHAN

19 – Vista a partir do morro do Forte Defensor Perpétuo, mostrando o isolamento da Santa Casa na margem oposta à cidade. / Arquivo Noronha Santos / IPHAN

20 – Ordenação do espaço urbano (1790-1822) / Inventário Nacional de Sítios Urbanos / IPHAN

21 – Ilha Grande e Ubatuba / Itamarati / Mapoteca

22 – Vista do Chafariz da Pedreira. Sem data. / Arquivo Noronha Santos / IPHAN

23 – Feição atual da cadeia. 2002. / Inventário Nacional de Sítios Urbanos / IPHAN

24 – Carta corográfica da província do Rio de Janeiro, segundo os reconhecimentos feitos pelo coronel Conrad Jacob de Niemeyer (e outros) / Biblioteca Nacional / Cartografia – RJ

25 – Carta corográfica da província do Rio de Janeiro mandada organizar por decreto da Assembléia provincial de 30 de outubro de 1857 / Biblioteca Nacional / Cartografia – RJ

26 – Modificação da Carta corográfica da província do Rio de Janeiro mandada organizar por decreto da Assembléia provincial de 30 de outubro de 1857

27 – Planta do saco de Parati / Serviço de Documentação da Marinha

28 – Esquema da baía da Sepetiba no Estado do Rio de Janeiro, Brasil, com indicação de balizamento / Serviço de Documentação da Marinha

29 – Tentativas de recuperação e a modernidade incipiente (1922-1945) / Inventário Nacional de Sítios Urbanos / IPHAN

30 – A cidade sob a gestão patrimonial (1945 em diante) / Inventário Nacional de Sítios Urbanos / IPHAN

31 – Trecho da antiga Estrada do Facão, reaberta em 1953 / Arquivo Noronha Santos / IPHAN

32 – Foto das obras de abertura da BR-101 no trecho de Parati-Mirim / Arquivo Noronha Santos / IPHAN

*Cidades Históricas - Inventário e Pesquisa - Parati,*  
do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, foi composto em Garamond,  
corpo 11, e impresso em papel *couché* fosco 90g/m<sup>2</sup>, nas oficinas da SEEP (Secretaria  
Especial de Editoração e Publicações), do Senado Federal, em Brasília. Acabou-se  
de imprimir em junho de 2007, de acordo com o programa editorial e projeto  
gráfico do Conselho Editorial do Senado Federal.



